

TESI DOCTORAL

A Paisagem Linguística e a Ocupação Britânica na cidade do Funchal (Ilha da Madeira): estudo de caso e considerações sociolinguísticas.

Bruna Micaela Freitas Pereira



TESI DOCTORAL

**A Paisagem Linguística e a Ocupação
Britânica na cidade do Funchal (Ilha da
Madeira): estudo de caso e considerações
sociolinguísticas.**

Bruna Micaela Freitas Pereira

Directors de tesi:

Professor Marcos Cánovas Méndez y Professor Pedro Dono López

Programa de doctorat:

Traducció, Gènere i Estudis Culturals

2022

 **UNIVERSITAT DE VIC**
UNIVERSITAT CENTRAL DE CATALUNYA
Escola de Doctorat

Índice

<i>Índice de figuras</i>	8
<i>Índice de tabelas</i>	16
<i>Índice de gráficos</i>	18
<i>Resumo</i>	20
<i>Abstract</i>	22
<i>Resumen</i>	24
<i>Agradecimentos</i>	25
1. Introdução	36
2. Objetivos, hipóteses e questões da investigação	45
2.1. Definição da problemática	47
2.2. Objetivos, hipóteses e questões	48
2.2.1. Objetivos	48
2.2.2. Hipóteses	49
2.2.3. Questões da investigação	50
3. Paisagem linguística: aspetos teóricos e metodológicos	51
3.1. Introdução	53
3.2. O conceito de paisagem linguística	56
3.3. Aspetos metodológicos para o estudo da PL	58
3.3. Funções da paisagem linguística	59
3.4.1. Função informativa	59
3.4.2. Função simbólica	61
3.4.3. Função de estatuto e poder.....	65
3.4.4. Função de identidade	67
3.5. A paisagem linguística e a globalização	69

3.6. Conclusão.....	75
4. <i>Ocupação britânica na Ilha da Madeira</i>	77
4.1. Introdução	79
4.2. Contexto histórico e político do Funchal no século XIX	84
4.2.1. Demografia	84
4.2.2. Economia	85
4.2.3. Catástrofes naturais.....	87
4.2.4. Alimentação.....	89
4.3. A ocupação britânica e a sociedade funchalense.....	92
4.4. Os refugiados gibraltinos	94
4.5. Residência e turismo britânico	95
4.6. Conclusão.....	104
5. <i>Metodologia e procedimentos</i>	108
5.1. Introdução	109
5.2. Estudo de caso e coleção de dados.....	117
5.3. A unidade de análise	120
5.4. Distribuição geográfica.....	122
5.5. Análise de dados.....	123
5.5.1. Esquemas de codificação	123
5.5.2. A amostra e as suas limitações	132
5.5.3. Considerações éticas e deontológicas.....	133
5.6. Conclusão.....	135
6. <i>Análise dos dados recolhidos</i>	138
6.1. Introdução	140
6.2. Resultados obtidos no centro do Funchal	141

6.2.1.	English Church.....	165
6.2.2.	British Cementery	172
6.2.3.	Mary Jane Wilson	176
6.2.4.	Scottish Church	182
6.2.5.	Largo do Phelps.....	186
6.2.6.	The Blandy company	191
6.2.7.	English Chemist	199
6.2.8.	Farmácia Luso-britânica.....	203
6.2.9.	Os refugiados de Gibraltar	204
6.3.	Resultados obtidos na zona turística do Funchal.....	211
6.3.1.	Zona velha.....	211
6.3.2.	Fontanário Charles Murray	228
6.4.	Resultados gerais da PL no Funchal	232
7.	<i>Conclusões, limitações e perspetivas</i>	237
7.1.	Conclusões gerais	239
7.2.	Conclusões dos objetivos gerais	243
7.3.	Conclusões das questões prévias.....	244
7.4.	Limitações do estudo	246
7.5.	Perspetivas de investigação futura	247
8.	<i>Bibliografia.....</i>	250
9.	<i>Anexos.....</i>	262

Índice de figuras

Figura 1. Bar com nome em inglês: "The Old City Pub".	72
Figura 2. Bar com nome em português: "Restaurante A Bica".	73
Figura 3. Restaurante com nome em espanhol: "CyberC@fé Chévere" em bandeira mexicana.	74
Figura 4. Alguns dos sobreviventes do aluvião junto à ribeira. Foto DR. ⁵	87
Figura 5. Carros soterrados nas ruas do Funchal. ENRIC VIVES-RUBIO. ⁶	89
Figura 6. Bexiga soprada de um porco. Museu Etnográfico da Madeira. ⁹	91
Figura 7. Igreja Evangélica.	114
Figura 8. Vote Edgar Silva.	115
Figura 9. Sinal top down (sinal de interesse público) - direções para pontos de interesse na "R. Brigadeiro Oudinot".	116
Figura 10. Sinal linguístico top down recolhido à distância.	118
Figura 11. Sinal linguístico top down recolhido a uma distância próxima.	118
Figura 12. Fotografia de drone DJI Mavic 2 Pro do centro do Funchal.	119
Figura 13. Sinais linguísticos bottom up em inglês.	120
Figura 14. Sinal linguístico bottom up em português e inglês.	121
Figura 15. Sinais linguísticos distintos presentes na mesma porta.	122
Figura 16. Sinal bilingue duplicado.	127
Figura 17. Sinal bilingue fragmentado.	128
Figura 18. Sinal bilingue fragmentado na Rua de Santa Maria do Funchal.	129

Figura 19. Sobreposição da língua portuguesa em sinal multilíngue.	130
Figura 20. Fotografia de drone: Rua Dr. Brito Câmara até a Avenida Arriaga.....	142
Figura 21. Fotografia de drone: Rotunda dos bombeiros municipais até à Rua da Carreira.	142
Figura 22. Fotografia de drone: Avenida Calouste Gulbenkian até à Rua do Quebra Costas.	143
Figura 23. Sinal linguístico top down em língua portuguesa: “Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira”.	144
Figura 24. Sinal linguístico bottom up em língua portuguesa, inglesa, alemã e francesa.	145
Figura 25. Sinal linguístico bottom up em língua inglesa.	145
Figura 26. Livraria Esperança.	146
Figura 27. Entrada da Livraria Esperança.	147
Figura 28. Sinal linguístico bottom up em língua portuguesa.....	148
Figura 29. Sinal linguístico bottom up em língua basca.	149
Figura 30. Sinais linguísticos top down em língua portuguesa.	149
Figura 31. Sinal linguístico bottom up em língua inglesa e portuguesa.....	150
Figura 32. Sinal linguístico bottom up em língua inglesa com um sinal complementar.	151
Figura 33. Sinal linguístico bottom up em língua portuguesa.	152
Figura 34. Sinal linguístico bottom up em língua portuguesa, inglesa, francesa, alemã, norueguesa e espanhola.	153
Figura 35. Sinal linguístico top down em língua inglesa.	154
Figura 36. Cartolina amarela com o “prato do dia”.....	157

Figura 37. Sinal linguístico bottom up em português.....	158
Figura 38. Sinais linguísticos bottom up em diversas línguas.....	158
Figura 39. Sinais linguísticos bottom up em inglês.....	159
Figura 40. Sinal bottom up exclusivamente em inglês.....	160
Figura 41. Sinais linguísticos bottom up em português e inglês encontrada na porta da frente de uma moradia.	161
Figura 42. Sinais linguísticos bottom up em português, inglês, francês e alemão.....	161
Figura 43. Sinais linguísticos top down em português.....	163
Figura 44. Sinais linguísticos top down em inglês: “English Church” e português: “Rua do Quebra Costas”.....	164
Figura 45. Entrada da English Church.	165
Figura 46. English Church do Funchal.....	166
Figura 47. Fotografia de drone da English Church do Funchal (assinalado a preto)...	167
Figura 48. Memorial em honra de Susan Elizabeth Farrow, fundadora da British School Madeira.....	168
Figura 49. Cartazes de eventos culturais afixados no portão da English Church.....	169
Figura 50. Informação acerca de visitas à English Church em inglês.....	170
Figura 51. Informação de procedimentos acerca do covid-19 afixados na porta principal da English Church, em inglês e português.	170
Figura 52. Busto da princesa inglesa Phillipa of Lancaster.....	171
Figura 53. British Cemetery (assinalado a preto).....	172
Figura 54. Entrada principal do cemitério britânico.....	173
Figura 55. Capela mortuária do British Cemetery.....	174

Figura 56. Informações escritas em inglês aos visitantes.....	174
Figura 57. Fachada e porta traseira do cemitério britânico.	175
Figura 58. Lápide da irmã Mary Jane Wilson.	176
Figura 59. Ampliação digital de gravura do barco Taymouth Castle em que Mary Jane Wilson chegou à Madeira. (Núcleo Museológico Mary Jane Wilson)	177
Figura 60. Legenda anexa à ampliação digital de gravura do barco Taymouth Castle. (Núcleo Museológico Mary Jane Wilson).....	178
Figura 61. Mural com as datas cronológicas da vida de Mary Jane Wilson.	178
Figura 62. Localização da estátua da Irmã Mary Jane Wilson no Largo Severiano Ferraz.	179
Figura 63. Largo Severiano Ferraz onde se encontra a estátua da Irmã Mary Jane Wilson.	180
Figura 64. Estátua em bronze de Mary Jane Wilson.	181
Figura 65. Igreja escocesa presbiteriana.....	182
Figura 66. Entrada principal da Igreja Presbeteriana.	183
Figura 67. Placa informativa em bronze da Scottish Church.	185
Figura 68. Largo de Phelps.....	186
Figura 69. Placa informativa (LG. DO PHELPS).	188
Figura 70. Largo do Phelps, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.	189
Figura 71. Largo do Phelps, Foto de Lisandra Correia (2011).....	190
Figura 72. Largo do Phelps (2021).....	190
Figura 73. Loja Blandy's na Avenida Arriaga.	191

Figura 74. Entrada principal para as adegas e as provas de vinho Madeira.	193
Figura 75. Sobreposição entre o mesmo edifício das Arcadas de São Francisco em 1925 e 2021.	195
Figura 76. Localização da Blandy’s Company na Avenida Arriaga.	196
Figura 77. Localização atual e entrada do museu do então Madeira Wine Company.	197
Figura 78. Sinal em português e inglês na porta de entrada principal do Blandy’s.	198
Figura 79. Sinal em português e inglês na porta de entrada lateral do Blandy’s: “entrada” e “entrance”.	199
Figura 80. English Chemist nos anos 40. Fotografia de Rui Marote.	200
Figura 81. Botica Inglesa – English Chemist.	201
Figura 82. Estrada e entrada principal da Farmácia Luso Britânica.	203
Figura 83. Farmácia Luso Britânica fundada em 1877.	203
Figura 84. Mural em tributo aos refugiados gibraltinos localizado no Parque de Santa Catarina.	205
Figura 85. Homenagem da Câmara Municipal do Funchal aos gibraltinos.	207
Figura 86. The British School for Gibraltar Children. Foto Perestrellos	208
Figura 87. Entrada do Parque de Santa Catarina.	209
Figura 88. Sinais bottom up - sinais comerciais de restauração no Restaurante “Madeira Story Centre”.	213
Figura 89. Sinais bottom up - sinais comerciais de restauração no Restaurante “O Brinquinho”.	213
Figura 90. Sinais bottom up - sinais comerciais de restauração no Restaurante “Almirante” em inglês.	214
Figura 91. Sinais bottom up - sinais comerciais de restauração no Restaurante “Donna	

Maria” em língua inglesa.....	215
Figura 92. Menu do dia em português escrito em ardósia.....	216
Figura 93. Pratos do dia escritos em português em cartões colados à parede.....	216
Figura 94. Sinais top down: “Núcleo Histórico de Santa Maria” em português e inglês	217
Figura 95. Sinal top down: “Horário de Funcionamento” de uma instituição pública em português.....	217
Figura 96. Sinal top down: Largo das Torneiras.....	218
Figura 97. Sinais bottom up.....	218
Figura 98. Sinal bottom up em língua inglesa.....	219
Figura 99. Sinal top down em francês: Federation Internationalé Maisons de L’Europe.	220
Figura 100. Sinais linguísticos top down: “Núcleo Histórico de Santa Maria” em português e inglês.....	221
Figura 101. Sinais linguísticos top down: “Ponto de informação geográfico” em língua inglesa.....	222
Figura 102. Sinal linguístico bottom up pertencente a um bar local.....	223
Figura 103. Sinal linguístico bottom up em inglês e português.....	223
Figura 104. Menu do Restaurante “The Snug” em diversas línguas.....	224
Figura 105. Sinais bottom up em inglês pertencentes a uma loja de barro local.....	224
Figura 106. Sinais linguísticos bottom up de um restaurante e alojamento em inglês, francês, alemão e espanhol.....	225
Figura 107. Fontanário Charles Murray. Fotografia de Álvaro Silva, 2008.....	229
Figura 108. Fontanário Charles Murray, 2021.....	230

Figura 109. Placa informativa do Fontanário Charles Murray.....	231
Figura 110. Autocarro com sinal bottom up em português.	234
Figura 111. Sinal informativo de um serviço público exclusivamente em português..	242

Índice de tabelas

Tabela 1. Número de visitantes na Ilha da Madeira entre os anos 1800-1875, a nacionalidade e ocupação.	102
Tabela 2. Número de visitantes na Ilha da Madeira entre os anos 1876-1900, a nacionalidade e ocupação.	103
Tabela 3. Categorização top down e bottom up de acordo com a proposta de Ben-Rafael et al (2006).....	112
Tabela 4. Categorização top down e bottom up por língua (número de itens).....	113
Tabela 5. Categorização top down e bottom up por número de itens na Zona Velha.	212
Tabela 6. Categorização top down e bottom up por língua na Zona Velha.	213
Tabela 7. Lista das diferentes línguas encontradas na Zona Velha. Error! Bookmark not defined.	

Índice de gráficos

Gráfico 1. Distribuição geográfica da população estrangeira proveniente do Reino Unido residente na RAM por sexo.	96
Gráfico 2. Distribuição geográfica da população estrangeira proveniente do Reino Unido residente na RAM por grupo etário.	97
Gráfico 3. População estrangeira proveniente do Reino Unido residente no concelho do Funchal, por sexo e grupo etário.	98
Gráfico 4. População estrangeira proveniente do Reino Unido residente no concelho do Funchal por sexo.....	99
Gráfico 5. Número de sinais encontrados por categoria bottom up e top down no centro do Funchal.	156
Gráfico 6. Número de ocorrências por língua e combinação de línguas dos sinais linguísticos bottom up.	Error! Bookmark not defined.
Gráfico 7. Categorização top down e bottom up na Zona Velha.	227
Gráfico 8. Categorização top down e bottom up por língua na Zona Velha.	Error! Bookmark not defined.
Gráfico 9. Categorização top down e bottom up na Zona Velha e no centro do Funchal.	232
Gráfico 10. Número de línguas e combinações bottom up e top down na Zona Velha e no centro do Funchal.	233

Resumo

A Paisagem Linguística (PL) tem sido uma temática bastante estudada nos anos recentes, no entanto, muitas cidades e países europeus ainda não usufruíram de estudos relevantes no seu ambiente sociocultural. Esta investigação pretende averiguar qual o impacto da ocupação britânica na paisagem linguística da cidade do Funchal. A presença inglesa na Ilha da Madeira a partir do séc. XIX, bem como a forte afluência turística nas zonas baixas junto ao mar, tem tornado a cidade do Funchal um ponto de diversidade cultural e linguística. O impacto da língua inglesa manifesta-se através de sinais linguísticos presentes em edifícios ingleses, em sinais comerciais e da restauração. Partindo deste princípio, este trabalho irá focar-se nos efeitos dessa realidade através do registo e análise de 378 sinais linguísticos encontrados nas freguesias de São Pedro, Sé e Santa Maria Maior (Zona Velha), apresentando as diferenças entre os sinais públicos e governamentais e os privados e industriais. A metodologia deste trabalho assenta na abordagem *top down* e *bottom up* de Ben-Rafael *et al.* (2006) em que a presença de sinais linguísticos *top down* demonstra a influência e ocupação britânica nos planos socio-político, cultural e económico, e os sinais linguísticos *bottom up* apontam para o fenómeno turístico.

Palavras-chave: Paisagem Linguística, Ocupação Britânica, Ingleses, Funchal.

Abstract

The Linguistic Landscape (LL) has been a theme that has been extensively studied in recent years, even though many European cities and countries have not yet enjoyed relevant studies in their socio-cultural environment. This investigation intends to study the impact of the British occupation on the linguistic landscape of the city of Funchal. The English presence in Madeira Island from the 19th century, as well as the strong tourist influx in the low areas by the sea, has made the city of Funchal a point of cultural and linguistic diversity. The impact of the English language is manifested through linguistic signs present in English buildings, commercial and restaurant signs. Based on this principle, this work will focus on the effects of this reality through the registration and analysis of 378 linguistic signs found in São Pedro, Sé and Santa Maria Maior (Zona Velha) parishes, showing the differences between public and governmental signs and private and industrial ones. The methodology of this work is based on the *top down* and *bottom up* approach of Ben-Rafael *et al.* (2006) in which the presence of *top down* linguistic signs demonstrates the British influence and occupation in the socio-political, cultural and economic spheres, and the *bottom up* linguistic signs point to the tourist phenomenon.

Key-words: Linguistic landscape, British occupation, English, Funchal.

Resumen

El Paisaje Lingüístico (PL) ha sido un tema que ha sido ampliamente estudiado en los últimos años, aunque muchas ciudades y países europeos aún no han sido objeto de estudios relevantes en su entorno sociocultural. Esta investigación pretende estudiar el impacto de la ocupación británica en el paisaje lingüístico de la ciudad de Funchal. La presencia inglesa en la isla de Madeira desde el siglo XIX, así como la fuerte afluencia turística en las zonas bajas junto al mar, ha hecho de la ciudad de Funchal un punto de diversidad cultural y lingüística. El impacto del idioma inglés se manifiesta a través de signos lingüísticos presentes en los edificios ingleses, carteles comerciales y de restaurantes. Con base en este principio, este trabajo se enfocará en los efectos de esta realidad a través del registro y análisis de 378 signos lingüísticos encontrados en las parroquias de São Pedro, Sé y Santa Maria Maior (Zona Velha), que presentan las diferencias entre signos públicos y gubernamentales y privados e industriales. La metodología de este trabajo se basa en el enfoque de arriba hacia abajo (*top down*) y de abajo hacia arriba (*bottom up*) de Ben-Rafael *et al.* (2006), según el cual la presencia de signos lingüísticos de arriba hacia abajo demuestra la influencia y ocupación británica en los ámbitos sociopolítico, cultural y económico, y los signos lingüísticos de abajo hacia arriba apuntan al fenómeno turístico.

Palabras clave: Paisaje Lingüístico, Ocupación británica, Inglés, Funchal.

Agradecimentos

É com imensa satisfação e gratidão que deixo uma palavra de reconhecimento a todos os que me acompanharam, mais do que neste caminho, neste sonho e projeto de vida.

Agradeço pela paciência, compreensão e apoio de todos os que prosseguem comigo.

Aos meus orientadores,

Professor Doutor Marcos Cánovas e Professor Doutor Pedro Dono por todo o apoio prestado, acompanhamento e solidariedade nos momentos mais difíceis. Por terem sido absolutamente incansáveis e, mesmo à distância, manterem-se sempre próximos.

À minha mãe, por tanto e por tudo o que nunca conseguirei descrever.

Ao Duarte, companheiro de todas as horas.

Ao meu avô, por ter feito crescer em mim a vontade constante de aprender mais e o
interesse pela Linguística.

À Ana, por ter ficado sempre perto.

Ao Augusto, por ser a família que se escolhe.

Ao Bruno, pelo que nos mantém inabaláveis.

À Carla, pela amizade e por tantos bons momentos.

À Cláudia, pela amizade que só nós sabemos ter.

À Diana, pelo eterno [hoje].

À Mariana, que não sabe que se tornou uma referência nos meus dias.

À Nádia, por ser a companhia dos programas mais insólitos e inesquecíveis.

Ao Ruca, por sempre me fazer sentir tão bem.

Ao Rui, companhia de todos os dias.

À Sónia, de quem o tempo e a distância não me conseguem afastar.

Ao Vic, pelo companheirismo, amizade e tão bons momentos.

Ao Vítor, pela presença indiscutível na minha vida.

Ao João Perdigão, pela generosidade e trabalho excelente com as fotografias de drone.

Ao Professor Doutor Paulo Rodrigues, pelo tempo e muitas dicas úteis.

À Professora Doutora Naidea Nunes, por sempre me ter incentivado a persistir.

Ao Centro de Química da Madeira.

Ao Grupo Motard Passa Fome.

À Juventude Inconsciente.

O Cavaleiro

Talvez o espere ainda a Incomeçada

aquela que louvámos uma noite

quando o abril rompeu em nossas veias.

Talvez o espere a avó o pai amigos

e a mãe que disfarça às vezes uma lágrima.

Talvez o próprio povo o espere ainda

quando subitamente fica melancólico

propenso a acreditar em coisas misteriosas.

Algures dentro de nós ele cavalga

algures dentro de nós

entre mortos e mortos.

É talvez um impulso quando chega maio

ou as primeiras aves partem em setembro.

Cargas e cargas de cavalaria.

E cercos. Conquistas. Naufrágios naufrágios.

Quem sabe porquê. Quem sabe porquê.

Entre mortos e mortos

algures dentro de nós.

Quem pode retê-lo?

Quem sabe a causa que sem cessar peleja?

E cavalga cavalga.

Sei apenas que às vezes estremecemos:

é quando irrompe de repente à flor do ser

e nos deixa nas mãos

uma espada e uma rosa.

Manuel Alegre, in "Atlântico"

1. Introdução

Falar de PL é falar do reflexo em sinais linguísticos de todo um conjunto complexo de percepções, fatores culturais e sociais: a forma como um indivíduo se percebe a si e ao outro. A PL tornou-se um elemento tão característico das cidades que agora é possível falar em *cityscape*, uma vez que as cidades (cities) tornaram-se as protagonistas da grande maioria dos estudos, devido à proliferação de grandes áreas comerciais. Estudar a paisagem linguística é um verdadeiro desafio. O cenário em si é um desafio: analisar a partir de localidades multilíngues cheias de diversidade entre si, espaços bilíngues ou monolíngues, zonas com fortes bases históricas linguísticas diferentes do grupo linguístico majoritário ou mesmo lugares cujo tempo não parece ter passado por eles por elas e permanecem iguais por décadas.

Milgram (1967, pp. 60-67) formulou a tese dos chamados "seis graus de separação". Esta teoria começa por apresentar um diálogo entre dois indivíduos aparentemente desconhecidos e sem qualquer parentesco em que um precisa de um isqueiro e, quando pergunta se segundo tem um, iniciam uma conversa em que descobrem ter um amigo em comum e, afinal, estar relacionados. Esta hipótese afirma que qualquer pessoa no mundo está ligada a qualquer outra através de até seis ligações. Ou seja, embora eles não se conheçam diretamente, um deles conhece alguém que conhece alguém que conhece uma outra pessoa até chegar à pessoa pretendida. Se aliada a essa ideia, se junta a experiência da vivência na chamada "era global", é muito mais fácil imaginar as conexões infinitas que podem ser estabelecidas com pessoas diferentes através da Internet e da mídia. Essa facilidade de comunicação com qualquer pessoa no mundo faz com que as diferenças e particularidades culturais se dissipem e medidas padronizadas de comunicação sejam adotadas, como siglas, acrónimos, o uso do inglês como língua padrão, entre outros. A língua rodeia-nos em qualquer lugar e de qualquer maneira: está presente nas ruas, nos nomes dos edifícios públicos, restaurantes, roupas e outras lojas, cafés, placas de trânsito, grafites, publicidade e cartazes. O espaço interdisciplinar da PL procura entender as razões, mensagens e usos da linguagem no espaço público, focando-se nas representações da linguagem no espaço público, sendo que o seu objeto de estudo é qualquer sinal linguístico exposto e o modo como as pessoas interagem com esses mesmos sinais. Devido à sua complexidade, envolve um amplo leque de disciplinas científicas e abrange uma vasta área de ciências tais como a sociologia, literatura, antropologia, geografia e política. Devido ao reconhecimento da importância desta área do saber, com o passar do tempo e do surgimento de novas circunstâncias, o campo foi

integrando diversas perspectivas e bases teóricas e desenvolvido novas metodologias capazes de enfrentar a rapidez da era moderna. Embora seja uma área relativamente recente, está em grande crescimento. Já foram escritas várias monografias, publicados centenas de artigos, criado um jornal exclusivo em 2015 e já foram realizados oito congressos internacionais: Israel em (2008), Itália em (2009), França em (2010), Etiópia em (2012), Bélgica em (2013), África do Sul em (2014), Estados Unidos da América em (2015) e Inglaterra em (2016).

Na atualidade, todos os cidadãos vivem num mundo em constante mudança, tendo que enfrentar novas realidades e adaptar-se a elas. Aquando do surgimento desta área científica, não existiam painéis interativos digitais nas ruas, sinalização digital, entre outros elementos que hoje em dia constituem o corpus de análise. Desta forma, analisar a linguagem na e da sociedade, torna-se um verdadeiro desafio. É necessário estabelecer estratégias e métodos que deem resposta a essas situações. Um dos contributos que a investigação em PL pode fornecer está precisamente relacionado com o seu principal aspeto de análise: a visibilidade. De que forma? A PL é interpretada, por muitos, como um reflexo da língua na sociedade; por vezes, direto, por vezes, indireto e ainda deturpado. De facto, Gorter (2012: 11) compara esta situação a um espelho, mas um espelho de circo distorcido: “It would be a mistake to conceive of the LL as a mirror of the language relationships in a city, region or country, because at most its distortions can seem like a carnival mirror”. De facto, apesar da PL poder ser um reflexo da sociedade na qual existe, não há uma correlação direta entre as duas. Questões relacionadas com o passado histórico social e ideológico podem afetar a perceção que um indivíduo tem da sua língua e do estatuto que ela adquire numa dada comunidade. As políticas de oficialização de uma língua podem facilmente ser reconstruídas, reafirmadas, negociadas, alteradas ou até rejeitadas. Desta forma, o reflexo da importância da língua é também subjetivo e, daí, a comparação com o espelho distorcido: essa importância não é um reflexo absoluto de um individuo, mas de muitos e de cada um.

A investigação em PL contribui para a obtenção de dados sobre a pluralidade da realidade linguística, cultural e social de uma determinada localidade. Pode considerar-se uma bússola ideal para mapear a utilização da linguagem na sociedade e quais as suas repercussões; isto é, qual o impacto da utilização de uma determinada palavra ou expressão para a comunidade que ali se congrega e expressa.

O presente estudo realiza-se no contexto histórico madeirense sob a análise da influência da ocupação britânica na PL da cidade, o que constitui uma investigação pioneira para o campo da PL e da própria Ilha da Madeira. Ao longo da história na PL, tem-se assistido a um crescente número de estudos em diversas áreas, no entanto, e, apesar de Portugal ver o seu número de publicações crescer, a Ilha da Madeira não beneficiou do mesmo. Este trabalho visa não só preencher uma lacuna no campo da PL regional como também proporcionar um enriquecimento cultural e sociolinguístico. A maior parte dos estudos mais conhecidos na área são praticados em comunidades bilingues ou multilingues, e analisam questões de vitalidade linguística, o poder das línguas minoritárias, questões políticas da linguagem no espaço público e a utilização de línguas oficiais no sector governamental em detrimento de outras. Este estudo realiza-se na cidade do Funchal, cuja língua oficial é o português, mas possui um passado histórico relacionado com ocupações britânicas, o que se reflete na sua PL. Desta forma, através deste trabalho, será possível conhecer qual o impacto dessas ocupações do século XIX na PL da atualidade. Uma vez que não existem quaisquer outras línguas oficiais, a metodologia traçada por Ben-Rafael *et al* (2006, pp.19-21) que consiste em separar sinais linguísticos *top down* de *bottom up* analisando as diferenças entre eles, irá permitir tirar conclusões acerca de quais os sinais linguísticos que refletem a realidade das ocupações britânicas históricas marcantes na Região, e quais as marcas linguísticas resultantes da afluência turística e do estatuto internacional da língua inglesa.

Inicialmente, idealizou-se que este estudo contemplaria as dez freguesias da Ilha da Madeira, nomeadamente, Sé, Santo António, São Martinho, Monte, São Gonçalo, Santa Maria Maior, Santa Luzia, São Roque e Imaculado Coração de Maria. O objetivo era apresentar uma grande variedade linguística e confrontar as semelhanças e diferenças entre todas elas, no entanto, com o avançar da recolha fotográfica e da análise de dados, concluiu-se que estas eram muito semelhantes, especialmente as localizadas a norte, correspondendo a zonas habitacionais com muitos serviços de pastelaria, mercados e cabeleireiros muito semelhantes com uma utilização quase exclusiva do português. O avançar do estudo histórico acerca das ocupações britânicas também permitiu verificar que a presença inglesa está, indiscutivelmente, associada ao centro do Funchal, onde se desenvolveu todo o núcleo da vida comercial. Por fim, seria um trabalho demasiadamente extenso e irrelevante uma vez que não traria benefícios à investigação, por apresentar demasiada informação idêntica. Desta forma, foi realizado uma avaliação ao trabalho

conduzido e ao por conduzir, concluindo-se que a melhor estratégia para obter uma boa amostra de dados distintos que comprovassem o reflexo da ocupação britânica na PL do Funchal e a diferença entre os sinais turísticos, seria analisar duas grandes áreas dentro do centro do Funchal. Assim sendo, para melhor explorar o reflexo da presença inglesa, procedeu-se à recolha de imagens no centro do Funchal onde se reúnem a maior parte dos serviços administrativos e institucionais e a chamada Zona Velha, onde se concentra uma das maiores zonas comerciais e da restauração do Funchal e onde convergem todos os turistas.

Ao terminar a licenciatura em Comunicação, Cultura e Organizações pela Universidade da Madeira (UMa) em 2015 comecei a exercer funções como relações públicas no Centro de Química da Madeira (CQM) dedicando-me a uma outra área na qual continuo a interessar-me muitíssimo e a realizar atividades profissionais, como é o caso do marketing digital e das redes sociais. No entanto, a sede pelo conhecimento e o meu gosto pessoal pela língua portuguesa, pelas questões gramaticais e da língua, fizeram com que me matriculasse no Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais no mesmo ano. Frequentei o ciclo de estudos também na Universidade da Madeira (UMa) e terminei-o em 2017. O meu trabalho “Estudo linguístico e sociocultural da emigração para a África do Sul a partir da década de 60 (no âmbito do projeto “Nona Ilha”)” baseou-se na transcrição grafemática de entrevistas a emigrantes madeirenses da África do Sul onde investiguei a influência da língua inglesa no discurso dos participantes. Para isso, foram realizadas análises fonéticas, lexicais e morfológicas que efetivamente demonstraram o impacto do contacto entre povos. Visto ser um tema inovador, uma vez que escasseiam as investigações baseadas em análises linguísticas a emigrantes da Madeira na África do Sul, tive a oportunidade e o grande prazer de apresentar os resultados obtidos em algumas palestras na Ilha da Madeira. Além disso, e devido à importância sociocultural deste estudo, a dissertação foi também convidada a ser impressa em formato livro pelo Centro de Estudos de História do Atlântico (CeHA).

A decisão de prosseguir para o doutoramento foi uma escolha inequívoca e muito desejada. Embora não existisse nenhum 3º ciclo em Linguística na Ilha da Madeira e abandonar as minhas responsabilidades profissionais não fosse uma opção, a determinação de realizar o doutoramento, foi superior. Além de ser uma área de grande interesse para mim, considero este trabalho uma mais valia para a construção

sociolinguística e histórica da Ilha da Madeira, uma vez que não existe nenhum semelhante.

Esta tese está dividida em oito capítulos. O primeiro capítulo – Introdução – encontra-se dividido em quatro sub-capítulos, sendo eles, a Paisagem Linguística e Comentários introdutórios, o objeto de estudo, os motivos pessoais e a apresentação da tese. Este primeiro capítulo tem por objetivo contextualizar o trabalho que se segue e providenciar algumas linhas orientadoras no que diz respeito à PL e ao seu estudo e também algumas razões pessoais e académicas que validam a existência deste estudo.

O segundo capítulo – Objetivos, hipóteses e questões da investigação – divide-se em dois sub-capítulos, nomeadamente, a definição da problemática e os Objetivos, hipóteses e questões, que por sua vez se subdividem em três: objetivos, hipóteses e questões da investigação. Este segundo capítulo tem como foco esclarecer e definir quais os objetivos, hipóteses e questões desta investigação, explorando as linhas orientadoras que irão dar rumo e nexos ao trabalho desenvolvido. Neste capítulo serão abordadas as questões que a tese se propõe a analisar e responder, confrontando por outro lado com as questões insurgentes no avançar da investigação.

O terceiro capítulo – Paisagem Linguística – divide-se em seis sub-capítulos, sendo eles: Introdução, O conceito de paisagem linguística, Aspectos metodológicos para o estudo da paisagem linguística, Funções da paisagem linguística, A paisagem linguística e a globalização e a Conclusão. O terceiro sub-capítulo subdivide-se nas considerações metodológicas. O quarto sub-capítulo subdivide-se em outros quatro, sendo eles: a função indexical, a função simbólica, a função de estatuto e poder e a função de identidade cultural. Por fim, o quinto sub-capítulo subdivide-se na proliferação e estatuto de modernidade da língua inglesa. Desta forma, o terceiro capítulo pretende explorar a temática da PL e apresentar uma retrospectiva dos estudos realizados até a atualidade, discutindo os critérios e meios em que investigações foram conduzidas e uma comparação com a presente investigação.

O quarto capítulo – Ocupação britânica na Ilha da Madeira – subdivide-se em seis sub-capítulos, sendo eles a Introdução, o Contexto histórico e político do Funchal no século XIX, A ocupação britânica e a sociedade funchalense, Os refugiados gilbraltinos,

Residência e turismo britânico e a Conclusão. O segundo sub-capítulo divide-se em quatro: Demografia, Economia, Catástrofes naturais e Alimentação. Este capítulo pretende, portanto, explorar as questões da ocupação britânica na Ilha da Madeira e o contexto socio-histórico madeirense. Perante esta exposição, interessa compreender as razões e as circunstâncias que levaram os britânicos a ocupar a “pérola do Atlântico”, quais as razões e circunstâncias que os levaram a permanecer até os dias de hoje e qual o papel e visão dos madeirenses perante estes acontecimentos. Este capítulo tratará ainda de diferenciar as questões de residência e turismo britânico, uma vez que a Ilha da Madeira tornou-se também um ponto de grande afluência turística britânica, sendo considerada um dos maiores destinos turísticos ingleses.

O quinto capítulo – Metodologia e procedimentos – subdivide-se em cinco capítulos, sendo eles: Introdução, Estudo de caso e coleção de dados, Unidade de análise, Distribuição geográfica e Análise de dados. Este último sub-capítulo divide-se em quatro: Esquemas de codificação, A amostra e as suas limitações, Considerações éticas e deontológicas e a Conclusão. Assim sendo, este capítulo propõe-se a abordar as questões metodológicas que estruturam o seguinte estudo, analisando quais os critérios e metodologia mais pertinente tendo em consideração a área de análise e os objetivos pretendidos.

O sexto capítulo – Resultados e discussão da investigação – subdivide-se em quatro: Introdução, Resultados obtidos no centro do Funchal, Resultados obtidos na zona turística do centro do Funchal e Resultados gerais da PL no Funchal. Ora, por sua vez, o segundo sub-capítulo divide-se em: English Church, English Cementery, Mary Jane Wilson, Scottish Church, Largo do Phelps, The Blandy company, English Chemist, Farmácia Luso-britânica e os Refugiados de Gibraltar. O terceiro sub-capítulo divide-se em dois, sendo eles, a Zona Velha e o Fontenário Charles Murray. Desta forma, este capítulo tem por intuito apresentar as imagens recolhidas nos locais mencionados e apresentar as possíveis razões para o seu aparecimento na PL do Funchal.

O sétimo capítulo – Conclusões, limitações e perspetivas – divide-se em seis sub-capítulos: Conclusões gerais, Conclusões dos objetivos gerais, Conclusões das questões prévias, Limitações do estudo e Perspetivas de investigação futura. Assim sendo, este capítulo apresentará as conclusões retiradas dos dados analisados e confrontará as

mesmas com as ocupações britânicas na Ilha da Madeira no século XIX, apresentando dados que comprovam a sua ligação.

O oitavo capítulo – Bibliografia – apresentará as fontes bibliográficas que foram utilizadas para a realização deste estudo, sendo elas, monografias de autores conceituados, artigos de investigadores pertinentes em estudos passados e mais recentes e ainda algumas dissertações de mestrado e doutoramento.

Os anexos presentes neste estudo dizem respeito às fotografias recolhidas nas zonas selecionadas e correspondem aos sinais linguísticos analisados de restaurantes, cafés, bares, espaços comerciais e serviços públicos e administrativos.

2. Objetivos, hipóteses e questões da investigação

2.1. Definição da problemática

O estudo da PL tem vindo a crescer consideravelmente nos últimos anos, no entanto, e devido a ser uma área de estudo relativamente recente existem muitas cidades europeias e no Mundo que ainda não beneficiaram de estudos sociolinguísticos no seu meio. Em Portugal, verificamos que existem poucas teses de mestrado e de doutoramento que contemplem este campo do saber e as que foram realizadas apresentam, de uma forma geral, a influência do turismo ou são realizadas em contextos educativos como é o caso do estudo de Clemente (2018). Uma das razões para esta lacuna linguística está relacionada com a própria génese social de Portugal, uma vez que a língua portuguesa é, sem dúvida, a língua de eleição para os portugueses e é exclusivamente a língua oficial. Por outro lado, não descuidando a grande variedade de línguas presentes em pequenas comunidades de emigrantes por Portugal Continental e ilhas, estas não são objeto de estudo deste trabalho.

Naturalmente, a PL não estuda apenas a influência de línguas sobre línguas mas também diversas características linguísticas marcadas no espaço público e que definem uma localidade, tais como o estudo de relações de identidade, estatuto e poder e também questões de identidade.

No que diz respeito à Ilha da Madeira, esta tem sido também alvo de diversas afluências de emigrantes ao longo dos anos, com especial destaque para os chineses, ucranianos, russos, moldavos e, mais recentemente, por venezuelanos que têm também um passado histórico muitas vezes associado à emigração de pais, avós e outros familiares e vêem a Madeira como uma forma de escapar à repressão política e social que a Venezuela oferece. Apesar de ser também um tema de interesse linguístico o estudo das atuais comunidades onde têm vindo a residir e a desenvolver atividades profissionais, já começaram a ser realizados algumas investigações nesse contexto.

O estudo da ocupação britânica e o seu reflexo na PL do Funchal surge da necessidade de contribuir para a expansão desta área do conhecimento no Mundo e na Madeira de um tema que é tão comum e presente na mente dos madeirenses, mas que

nunca foi devidamente explorado.

No que diz respeito a trabalhos desenvolvidos na Ilha é possível destacar o trabalho de Macedo (2019) onde a investigadora analisou a PL de espaços públicos e comerciais nas cidades do Funchal, Santa Cruz e Ribeira Brava, Macedo (2020) em que a autora compara os nomes de restaurantes da Zona Velha do Funchal com os de Santa Cruz de Tenerife e ainda os trabalhos de Rebelo (2021a) onde se observa a toponímia madeirense como PL e património linguístico e outro onde apresenta uma revisão bibliográfica dos principais trabalhos na área da PL e uma tipologia para as diferentes PL (Rebelo, 2021b).

No campo dos Estudos Linguísticos, aplicados estes aos Estudos Regionais e Locais, mais propriamente à área específica do Património Linguístico, sobretudo madeirense, tem-se procurado desenvolver investigação e reflexão sobre “paisagem linguística”, isto é, o conceito em si e as suas manifestações. (Rebelo, 2021b).

Desta forma, o estudo da influência britânica na PL do Funchal é uma necessidade linguística, histórica e cultural, visto que irá apresentar informações concretas acerca do estado atual da PL e dados pertinentes para os gestores da cidade e dos serviços governamentais.

2.2. Objetivos, hipóteses e questões

2.2.1. Objetivos

Este trabalho pretende analisar o espectro linguístico da cidade do Funchal na Ilha da Madeira, mais especificamente, na zona central da cidade do Funchal. Parte da história da cidade está relacionada com a ocupação e exploração comercial britânica. Com o

passar dos anos, além dos residentes ingleses e de outras nacionalidades, a Ilha da Madeira assistiu a um grande crescimento turístico, especialmente no Funchal. Desta forma, separou-se o centro do Funchal em duas zonas estratégicas: o centro dos serviços administrativos e institucionais que corresponde às freguesias da Sé e São Pedro e o centro da vida turística e comercial que corresponde à freguesia de Santa Maria Maior onde está contemplada a Zona Velha.

Através da análise e discussão dos dados recolhidos, verificar-se-á qual o impacto das ocupações britânicas do início do século XIX na PL da cidade, quais as suas características e inferir possíveis razões para a sua presença, distinguindo-as dos sinais turísticos. Por outro lado, também se pretende analisar os sinais linguísticos presentes na zona turística e de que forma estes se refletem na PL. Por fim, esta investigação propõe-se a analisar as dinâmicas entre o inglês e o português e as suas relações de estatuto e poder.

2.2.2. Hipóteses

As hipóteses desta investigação são referidas a seguir:

1 – O centro do Funchal, por ser uma zona muito turística rica em espaços comerciais e da restauração, e concentrar muitos serviços administrativos será abundante em mensagens multilíngues com muitas ofertas de produtos e serviços aos turistas.

2 – A presença dos etnónimos como “inglês” ou “britânico” em nomes toponímicos, em patronímicos e em epónimos na paisagem linguística do Funchal será um reflexo da ocupação britânica.

3 – Devido à ocupação britânica, a língua inglesa também irá manifestar-se no espaço público em contextos distintos dos comerciais.

2.2.3. Questões da investigação

As questões desta investigação são apresentadas a seguir:

Em que tipo de sinais linguísticos surge a língua inglesa?

Quais são as línguas que surgem no panorama linguístico da cidade do Funchal e qual a sua importância?

Quais são as características dos sinais bilingues ou multilingues?

3. Paisagem linguística: aspetos teóricos e metodológicos

3.1. Introdução

Desde o início da civilização como a entendemos, os seres humanos têm sido rodeados por sinais informativos mesmo que não se apercebessem disso. Se nos lembrarmos da arte rupestre da pré-história, esta tinha por objetivo representar as famílias ou comunidades que viviam juntas, bem como as suas atividades de pesca e caça. Em muitas cavernas em diversos locais do mundo, é possível encontrar representações de animais, pessoas, plantas e atividades, algumas delas abstratas. Embora a sua interpretação nem sempre seja consensual, a verdade é que os indivíduos que as realizavam pretendiam transmitir algo ao observador com um certo tipo de linguagem visual cheia de simbologia, valores e crenças. Será que pretendiam representar os habitantes daquela caverna em específico? Ou as pinturas simbolizavam momentos da vida como a morte ou o nascimento? Os desenhos de animais seriam artísticos ou uma forma de prevenir visitantes contra situações perigosas? Ou seriam uma espécie de mural de vencedores, com as pinturas dos animais capturados e mortos? Embora nunca cheguemos a conclusões absolutas, o certo é que essas representações ou sinais linguísticos serviam para comunicar de um para outro e funcionavam: eram entendidos pelo “leitor”. No estudo de Miyagawa *et al* (2018), os investigadores revelaram uma ligação entre as pinturas rupestres e a linguagem humana primitiva:

We argue that cave art is a form of cross-modality information transfer, in which acoustic signals are transformed into symbolic visual representations. This form of information transfer across modalities is an instance of how the symbolic mind of early modern humans was taking shape into concrete, externalized language. We also suggest that the earliest rock art found in Africa may constitute one of the first fossilized proxies for the expression of full-fledged human linguistic behavior (Miyagawa *et al*, 2018, p.1).

De acordo com esta teoria, os primeiros seres humanos estariam a converter sons em desenhos, uma vez que muitas das vezes eram esboçados perfis de animais selvagens.

“A nossa investigação indica que os mecanismos cognitivos necessários para o desenvolvimento da arte rupestre são, provavelmente, análogos aos empregues na expressão do pensamento simbólico, que é a base da linguagem”, afirma Cora Lesure, linguista do MIT e uma das autoras do estudo. Basicamente, prossegue Lesure, as funções cognitivas necessárias para transformar os fenómenos acústicos em imagens são as mesmas que as necessárias à linguagem. “Neste sentido, as [pinturas] rupestres representariam uma forma de expressão linguística”, conclui Lesure.¹

Desde a pré-história até os dias de hoje já evoluímos muito intelectualmente e tecnologicamente, e, conseqüentemente, a nossa comunicação e a forma como comunicamos também.

Como mencionado no início deste estudo, a PL é entendida como a visibilidade e saliência de línguas em espaços públicos ou comerciais num determinado território ou região (Landry & Bourhis, 1997, p. 23). É também descrita como uma espécie de junção entre a sociolinguística, a sociologia, a psicologia social, a geografia e os estudos dos media (Sebba, 2010, p. 73). Vandenbroucke (2015, p. 164) afirma ainda que a PL se refere a todas as instâncias de linguagem exposta numa determinada área. Desta forma, podemos concluir que esta área de estudo pode ser entendida como os sinais linguísticos presentes numa determinada zona de análise, as intenções de quem os colocou e interpretações do público. Estes sinais linguísticos podem ser nomes de ruas, panfletos, publicidades, autocolantes, menus da restauração, nomes de espaços comerciais, cartões, lonas publicitárias e sinais públicos.

Como Sebba (2010, p. 73) menciona, as décadas entre 1990 e 2010 foi muito produtiva para a área da PL uma vez que surgiram muitos estudos de caso em várias partes do Mundo. Anterior a essa data, os estudos são inferiores, e não é de estranhar uma vez que a forma de recolher dados era muito mais difícil e trabalhosa.

Before the advent of digital photography in 1994, only few LL studies were conducted in different urban settings. These included Brussels (Tulip, 1978), Montreal (Monnier,

¹ Retirado de: <https://www.natgeo.pt/historia/2018/03/novo-estudo-revela-ligacao-entre-gravuras-rupestres-e-linguagem-humana-primitiva>

1989), Jerusalem (Spolsky & Cooper, 1991), Paris and Dakar (Calvet, 1990). Much attention has been paid to LL research since then. Since the publication of Landry and Bourhis' academic article in 1997, the study of the LL has gained importance in the field of sociolinguistics (Alomoush, 2015, p. 9).

O surgimento da fotografia digital sem dúvida que foi um marco importante para a proliferação dos estudos em PL uma vez que a partir daí surgiu uma forma de registrar e categorizar os sinais linguísticos de uma forma muito mais metódica e rápida. Conforme afirma Gorter (2006, p. 2), “the introduction of digital cameras with sufficient memory for a reasonable price allows researchers to take an apparently unlimited number of pictures of the signs in the linguistic landscape.”

Este capítulo tenciona rever os conceitos, abordagens e metodologias desenvolvidos ao longo dos anos por investigadores de forma a contextualizar o presente estudo e explicar o seu enquadramento metodológico.

3.2. O conceito de paisagem linguística

Até ao momento, não existe uma definição que seja completamente satisfatória e que englobe todos os campos que a PL passou a integrar. Gorter (2006) afirma que o substantivo “paisagem” tem dois significados. Em primeiro lugar, o seu significado mais literal, sendo uma extensão de território que a vista consegue alcançar e, em segundo lugar, uma imagem, desenho ou representação de uma paisagem natural, como, por exemplo, uma imagem do mar. O autor refere que nos estudos de PL ambos os termos são utilizados uma vez que nesta área do saber são estudadas as línguas e o seu sentido literal, mas também a sua representação e impacto na comunidade onde se apresenta, sendo da maior importância uma vez se trata de questões de identidade e cultura. Por abranger diversas realidades culturais e envolver ciências como a sociologia, a psicologia e a geografia, o conceito de PL tem sido utilizado de formas distintas.

Na literatura, o conceito tem sido empregue para descrever e analisar a situação linguística de uma determinada localidade, como, um trabalho de Sciriha & Vassallo (2001) em que os autores tratam da realidade de Malta, uma minúscula ilha no coração do Mediterrâneo e uma ex-colónia da Grã-Bretanha até a sua independência em 1964. Referem que as duas línguas oficiais de Malta são o inglês e o maltês, a língua indígena falada pelos malteses por séculos, mas que por muito tempo, foi desprezada e apelidada de "língua de cozinha" pelos malteses formados que principalmente falavam a língua inglesa ou italiana.

O conceito de PL tem sido também utilizado para a presença de muitas línguas para uma grande área geográfica, como é o caso do estudo de Kreslins (2003), em que o autor analisa as línguas presentes no Báltico e esboça críticas sobre trabalhos anteriores na mesma região. Este estudo apresenta uma visão geral sobre as línguas faladas e apresenta-as como a PL do Báltico.

Por outras vezes, o significado da PL é estendido para incluir uma descrição da história das línguas ou diferentes graus no conhecimento das línguas como, por exemplo, se verifica na monografia de Lola Pons Rodriguez (2012) em que a autora trata da PL da

cidade de Sevilha abordando a PL do passado espanhol até os dias de hoje e o contextualiza com dados históricos, estatísticas de emigração e informações administrativas e sociais.

Embora não tenham sido os primeiros a utilizar o termo, Landry & Bourhis (1997, p. 25) sugeriram uma definição que é utilizada com muita frequência: “the language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration.”

A partir desta definição podemos verificar que a PL compreende muitos itens tais como os sinais de trânsito, postes publicitários, nomes de ruas e de lugares, sinais comerciais e ainda os sinais públicos em edifícios governamentais. No entanto, devido à proliferação de estudos, com o crescente avanço da tecnologia e o surgimento de novas formas de comunicação, a definição começou a ser revista e ampliada por alguns autores. Gorter (2006, p. 2) acrescenta “the use of language in its written form in the public sphere. It refers to language that is visible in a specified area”. Ben-Rafael *et al* (2006, p. 7) acrescenta que a PL pode também compreender “any sign or announcement located outside or inside a public institution or a private business in a given geographical location”. O autor menciona ainda “linguistic objects that mark the public space” (Ben-Rafael *et al*, 2006, p. 14).

3.3. Aspetos metodológicos para o estudo da PL

O planeamento linguístico e a definição da política linguística são importantes para identificar hierarquias linguísticas, estruturas de poder e a variedade linguística de comunidades numa determinada área ou localidade. A análise de trabalhos anteriores permite dar conta de diferentes realidades, descobrir quais os métodos aplicados e por que motivo foram utilizados nesses contextos.

Alguns investigadores optam pela análise quantitativa enquanto outros preferem a análise qualitativa. A escolha é dependente das características, da localidade e do objetivo da investigação. A revisão bibliográfica permite não só conhecer distintas abordagens e metodologias como também traçar um plano apropriado à presente investigação.

No que diz respeito à metodologia, é muito importante ter em consideração que diferentes ambientes linguísticos carecem de diferentes métodos e devem ajustar-se ao propósito do estudo. Deve ter-se em conta a unidade de análise, o tipo de coleção de dados, a codificação, as línguas e combinações de línguas, sinais *top down* e *bottom up* e ainda a distribuição geográfica.

Reh (2004, p.1) destaca a importância de alguns factores na análise linguística de textos multilíngues, tais como a visibilidade do multilinguismo e as formas de organização da informação multilíngue:

The article proposes a model for describing and analyzing multilingual written texts in a way that facilitates meaningful analyses both within and across regions, domains, and societies by using parameters such as spatial mobility of the object inscribed, visibility of multilingualism, and specific type of the arrangement of multilingual information (duplicating, fragmentary, overlap-ping, complementary).

Kallen (2009, p. 272) registou os sinais linguísticos como “social communicative

acts” ou atos localizados de comunicação; um ato discursivo que tem lugar onde o sinal tem lugar: “the physical sign becomes a signage event: a coming together of the motivating factors and communicative intents of both the sign instigator and the sign recipient”.

3.3. Funções da paisagem linguística

A maior parte dos estudos de realizados até o momento dão conta de quatro funções da PL indispensáveis à sua compreensão, sendo elas a função indexical, a função simbólica, a função de estatuto e poder e a função de identidade cultural. Os primeiros estudos, como por exemplo Landry and Bourhis (1997) deram-nos conta de duas funções principais, sendo elas a simbólica e a informativa. No entanto, com o surgimento de novos estudos e a expansão desta área do saber, surgiram novas funções decorrentes das novas características que a PL passou a adotar. Abaixo exploraremos as suas características e objetivos.

3.4.1. Função informativa

Para Landry & Bourhis (1997, p. 25), a função mais básica é a informativa que serve como marcador geográfico num determinado território. Os autores defendem que esta função serve para informar os membros da comunidade linguística (*in-group*) e os não membros da comunidade linguística (*out-group*) das características linguísticas de uma determinada área, os limites territoriais e os limites linguísticos. Desta forma, o domínio de uma língua específica pode indicar a sua utilização nos domínios públicos e privados. Por outro lado, a existência de várias outras línguas poderá indicar a composição linguística de uma determinada área.

The prevalence of a specific language on public signs also serves an informational function inasmuch as it indicates that the language in question can be used to communicate and obtain services within public and private establishments located in the permanent territory. Thus public signs written in one's own language outside and inside commercial and government buildings convey the expectation that one can be served in the in-group language within such establishments (Landry & Bourhis, 1997, p. 25).

Quanto mais visível e frequente uma língua estiver no espaço público, maior é a sua vitalidade ou força. Uma vez que os territórios linguísticos são muitas vezes heterogêneos, a PL pode apresentar dados interessantes da composição sociolinguística do território em questão. Os sinais podem ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues, demonstrando a variedade linguística presente. É normal, portanto, que surjam algumas frustrações ou desapontamento quando um indivíduo de uma determinada comunidade sente que a sua língua não é utilizada, considerada ou respeitada. Estas situações, podem acontecer, por exemplo, quando o indivíduo se apercebe que a sua língua não está presente nos serviços públicos ou administrativos da sua localidade. Assim sendo, o predomínio de uma determinada língua no espaço público será um indicador da língua dominante. Quanto às restantes línguas presentes, elas também terão um papel muito importante no sentido de descobrir qual o seu papel e qual a sua relação com a(s) língua(s) dominante(s): “In a diglossic situation, the high-status language used for formal functions is more likely to be found on public signs than is the language used for lower-status functions as in the home and local community” (Landry & Bourhis, 1997, p. 26).

Outros investigadores resolveram explorar um pouco mais a questão da função informativa, como por exemplo Scollon & Scollon (2003) onde apresentam a indexicalidade como um fator imprescindível à função informativa previamente apresentada por Landry & Bourhis (1997). Os autores defendem que os códigos utilizados nos sinais linguísticos estão indexados a localidades específicas.

‘What is that?’ cannot be understood unless we look at the world outside of language to fix a meaning for ‘that’ and unless we look at where exactly in the world the person saying this is located as well as what he or she is doing. The meaning of ‘What is that?’ is anchored in a person (who is the speaker?), a social relationship (who is the hearer?),

a social situation (what are the speaker and hearer doing – looking or pointing at something?), and a physical world (what is a potential ‘that’ within the spaces of those people?) (Scollon & Scollon, 2003, p. 3)

Para compreender a frase acima, como os autores elucidam, os leitores necessitam de utilizar a semiótica de objetos escritas e conseguir interpretar que “acima” refere-se ao texto *itálico*, indexando-o exatamente no parágrafo anterior. Da mesma forma, a PL apenas faz sentido se o observador conseguir dar sentido aos sinais linguísticos com os quais se depara, contextualizando-os no espaço em que os encontra.

A code may be chosen because it indexes the point in the world where it is placed – this is an Arabic-speaking community (or business or nation) – or because it symbolizes a social group because of some association with that group – this is a Chinese restaurant because there is Chinese writing in the shop sign. Whether our concern is with code preference based on geopolitical indexing or with symbolization based on sociocultural associations, we must have some evidence from outside the signs themselves to make this determination (Scollon & Scollon, 2003, p. 119).

Através do exemplo acima é possível concluir que a língua utilizada num determinado momento, seja ela português, inglês, francês, mandarim ou outra, tem a capacidade de indexar a comunidade linguística na qual está sendo utilizado ou poderá providenciar informações sobre o serviço ou produto que está a ser oferecido, e, conseqüentemente, possibilitar a obtenção de mais informações sobre os indivíduos que os oferecem.

3.4.2. Função simbólica

No que diz respeito à função simbólica, esta está relacionada com o sentimento de pertença linguística a um determinado grupo linguístico. Landry & Bourhis (1997, p. 27)

defendem que o destaque da língua do in-group em sinais públicos pode simbolizar a vitalidade da sua própria língua e a sua continuidade.

Having one's own language enshrined on most private and government signs should contribute to the feeling that the in-group language has value and status relative to other languages within the sociolinguistic setting. Thus inclusion of the in-group language on public signs can serve a symbolic function that is affectively charged and that complements the informational function of the linguist landscape (Landry & Bourhis, 1997, p. 27).

Assim sendo, é visível que a função simbólica da PL esteja mais propensa a surgir em ambientes com uma forte identidade sociolinguística. Os autores mencionam ainda que a inexistência das línguas minoritárias na PL de um determinado território pode provocar comportamentos sociais menos agradáveis e até mesmo agressivos por parte dos que se sentem lesados, levando-os a revoltarem-se contra o sistema governativo através de manifestações, campanhas ou *graffiti*. Outros radicais podem inclusive tentar destruir sinais linguísticos da língua dominante ou edifícios governamentais. Estas situações foram visíveis, inclusive, em alguns países como o País Basco, na Catalunha e em Wales.

'Indexicality', as suggested by Scollon & Scollon (2003), is not straightforward on the grounds that not only the relationship between the language combinations in the LL and the composition of a community's linguistic repertoire may be a reflection of the codes used in a community, but also it can be mediated by governmental and nongovernmental language policies, people's attitudes and ideologies common among the members of a community (Alomoush, 2015, p. 15).

Como afirma Scollon & Scollon (2003), a questão indexical está relacionada com a forma como se interpreta o objeto ou a situação a partir do contexto em que está. Como

mencionado pelos autores, a palavra “aqui” poderá referir-se a diversos locais dependendo da posição em que o locutor estiver e quem se dirige. Desta forma, as políticas governamentais e não governamentais também têm um papel na construção das ideologias e atitudes dos membros de cada grupo linguístico.

The prevalence of one’s own language on public signs can fulfill an informational and symbolic function that can encourage group members to value and use their own language in a broad range of interpersonal and institutional settings. One can propose that the systematic use of the in-group language on public signs may result in a carryover effect that can contribute to the emergence or maintenance of a sociolinguistic norm favoring greater use of the in-group language in an increasing range of language functions extending from private to more public domains of language use (Landry & Bourhis, 1997, p. 29).

Scollon & Scollon (2003, p. 118) mostram que os sinais podem ser indexicais ou simbólicos e tudo depende de fatores externos que devem estar visíveis no momento da “leitura”.

That is a partial solution which shows that whether we consider a sign to have an indexical meaning or a symbolic meaning depends in part on where the sign is in the world as on well as our own historical or social expectations for what would be the unmarked or default meanings in that place. We believed that traditional writing in China symbolized the reform discourse and the progressive movement toward a more globally connected economy and political life. We also believed that simplified writing in Hong Kong would symbolize the political sovereignty of China after the change in sovereignty (Scollon & Scollon, 2003, p. 133-134).

No estudo que os investigadores realizaram, aperceberam-se que a utilização de sinais linguísticos na língua inglesa de um espaço comercial chinês era um símbolo de preferência por produtos ingleses e não uma indexação a uma comunidade inglesa de

falantes. Assim, concluíram que haveria mais fatores envolvidos aquando da observação dos sinais:

To test these ideas we and our colleagues conducted focus groups and interviews in which participants were asked to discuss a variety of photographs of signs taken in Hong Kong and in several cities in Mainland China. What we found was that there was an interaction among three factors, the indexical function of the sign, the symbolic function of the sign, and the sociohistorical expectations of the members of the focus group (Scollon & Scollon, 2003, p. 134).

Para verificar as suas conclusões, conduziram uma experiência com um grupo de teste e mostraram-lhes fotografias recolhidas em Hong Kong e China e inferiram que as expectativas dos indivíduos participantes influenciaram a sua percepção acerca de se os sinais observados corresponderiam a sinais indexicais ou simbólicos. Desta forma, esta experiência demonstrou que as convicções sociais do observador estão sempre condicionadas às suas crenças e o que faz considerar a quem um determinado sinal se destina. Por fim, os autores apresentaram alguns aspetos relativos ao físico dos materiais que influencia a percepção dos indivíduos:

Many aspects of the materiality of signs (and other objects in the world) convey meanings in and of themselves. Among those meanings are permanence or durability, temporality or newness, quality. These meanings can be conveyed through aspects such as medium of inscription (brush, engraving, etc.), material of the sign itself (brass, wood, plastic, canvas, cloth, paper), freshness of installation (wet paint, shiny unmarked surfaces) (Scollon & Scollon, 2003, p. 135-136).

O fato de um sinal surgir gravado numa parede ou escrito num papel colado à parede, ser de madeira, plástico, cartão, novo, velho, gasto ou queimado pode influenciar a percepção de quê e para quem aquele sinal é dirigido. Um restaurante que exiba menus queimados pelo sol na sua esplanada poderá sugerir que se encontra encerrado ou que o

que público a que se destina já não o frequenta. A categorização *top down* e *bottom up* também pode ser útil para refletir questões simbólicas no espaço público:

Both categories of LL items [top down and bottom up] however, offer themselves to the public who walks through, perceives and interprets the LL. ‘Understandings’ and appreciations of LL are clearly not necessarily unanimous and very different meanings may be attributed to signs from one population group to another. Similarly, the same signs may be variously attractive to different people. Yet, to all these, LL represents the decor of public life and as such it carries emblematic significance. It is in this sense that LL’s composition whatever its chaotic aspects can be referred to as symbolic construction of the public space (Ben-Rafael et al, 2006, p. 10).

Desta forma, verifica-se que os sinais comerciais ou públicos podem ser interpretados de forma diferente por diferentes grupos devido às suas percepções, convicções e conhecimentos, demonstrando então que o espaço público é uma construção social simbólica.

As questões de estatuto e poder e de identidade são também muito importantes na análise da PL de uma localidade na medida em que poderão demonstrar hierarquias e outras questões de vitalidade linguística. Estas funções serão consideradas no próximo subcapítulo.

3.4.3. Função de estatuto e poder

O estudo da PL é orientador no que diz respeito à identificação e análise de padrões de exibição dos sinais linguísticos e são especialmente úteis para explorar as questões de estatuto e poder que podem refletir semelhanças ou mudanças sociais dos ambientes nos quais se inserem. Como afirma Cotterill *et al* (2015, p. 2) “the effect of hierarchy and power on linguistic choices has always been of interest to linguists and sociologists”.

The configuration of languages present in the linguistic landscape therefore can provide important information about the diglossic nature of a particular bilingual or multilingual setting. Thus, before communicating interpersonally with a single inhabitant, one can use the linguistic landscape as an indicator of the power and status relationship that exists between the various language groups present within a given administrative or geographical region (Landry & Bourhis, 1997, p. 26).

Ben-Rafael *et al* (2006, p. 7) também aborda “power relations that eventually exist behind choices of patterns where sociopolitical forces share relevant incompatible interests”. Neste estudo, os investigadores afirmam que o estudo das relações de poder têm a capacidade de desvendar as realidades sociais de uma determinada comunidade. A ordem em que as línguas surgem, quais as línguas que surgem e em que contexto podem ajudar a compreender qual o poder e estatuto de uma língua sobre outra ou várias. O fato de uma determinada língua surgir na porta de um determinado edifício, por exemplo, governamental, mostra que essa língua é aceite nos meios governativos e políticos.

Danescu-Niculescu-Mizil *et al* (2012, p. 2) apresenta uma relação entre as funções de estatuto e poder:

First, a power difference between x and y can be based on the fact that x has higher status than y, either through a formal designation of status, or through more informal notions of status based on reputation within the group. Second, a power difference can also arise through dependence: if y needs something from x, and hence is dependent on x, this can give x a form of at least temporary power over y.

Assim sendo, é possível concluir que a partir de um estatuto alto ou baixo é possível descobrir qual o poder entre uma língua e outra. Além disso, os investigadores acima adicionam uma nova dependente: a necessidade. Isto significa que se um grupo linguístico precisa ou se sente dependente de um outro por várias razões, o segundo terá maior poder sobre o primeiro.

3.4.4. Função de identidade

Para Joseph J. E. (2004, p. 16) a função identitária linguística reside na combinação das duas principais funções da PL, a informativa e a simbólica: “blurs the dichotomy between the two traditional functions of language. If we wished, we might break identity down into components, each of which is classifiable as communication or representation, including self-representation.”

Será fácil compreender que a PL transpõe a identidade da comunidade na qual está inserida uma vez que transmite as suas convicções, percepções e opiniões: “language can be a means of solidarity, resistance, and identity within a culture or social group” (Lanehart, 1996, p. 1).

Existem muitos traços identitários de um povo que se podem manifestar na PL de uma região, sendo eles culturais, políticos, religiosos ou étnicos. Estes podem surgir através de sinais institucionais, comerciais ou grafites que demonstram a memória e identidade de um núcleo social, podendo este ser pequeno ou grande. É interessante verificar que trabalhos como o de Taylor-Leech (2012) abordam a identidade como um fator crucial na escolha da língua, neste caso, em Timor Leste; de Leimgruber & Fernández-Mallat (2021) que tratam da construção da identidade na PL de Montreal e Canakis (2018) que explora a questão no seu trabalho baseado em exemplos recolhidos em Belgrado, mais especificamente, na questão da identidade sexual manifesta na PL da cidade:

In this paper I examined aspects of the LL of central Belgrade as contested space, focusing on conflicting views of national identity as manifested in the choice of script in administrative signage and in graffiti and counter-graffiti on the public expression of homosexuality. (Canakis, 2018, p. 252).

As questões de identidade têm um papel significativo na investigação em

sociolinguística, e alguns estudos da PL analisaram como é que as identidades individuais e coletivas são manifestadas e discutidas nos espaços urbanos atuais, como se verifica no trabalho de Blackwood *et al* (2016).

3.5. A paisagem linguística e a globalização

A globalização tem sido um fenómeno muito discutido ao longo dos anos recentes devido às grandes relações económicas, políticas, sociais e até culturais daí decorrentes. Deixaram de existir fronteiras no que diz respeito à circulação de pessoas e bens e à própria comunicação. A adoção de uma língua comum como é o caso do inglês proporcionou muitas mudanças benéficas para o setor económico, além de que o domínio do inglês é uma mais valia no que diz respeito a encontrar emprego e tratar de transações comerciais.

Analiseemos o fenómeno. É um facto que os avanços técnico-científicos permitiram uma globalização que nos tornou mais próximos, que trouxe um horizonte de vizinhança ao mundo que nos rodeia (...) a língua inglesa, encontra terreno particularmente favorável, em especial em países mais permeáveis, que têm uma fraca imagem de si enquanto economia, onde o “estrangeiro” é sinónimo de desenvolvimento e prestígio (...) (Silva, 2005, p. 20).

Por ser considerada uma língua de prestígio é somente natural que seja utilizada em muitos meios empresariais e até em grupos sociais de familiares e amigos. Não é de estranhar, portanto, que a globalização da língua inglesa também se reflita na PL de uma determinada comunidade, uma vez que esta reflete os hábitos, perceções e costumes de quem as define.

Num panorama linguístico tão rico e diversificado que abrange milhares de línguas, a Língua Inglesa destaca-se por ter a distinção de ser a lingua franca em diversos domínios da cultura e sociedade, nomeadamente nas artes, economia, comércio e política. Esta realidade reflete-se nas políticas educativas de inúmeros países, incluindo Portugal, onde o inglês é a Língua Estrangeira mais ensinada nos estabelecimentos de ensino

(Aguiar, 2012, p. 5).

O fato de ser já a língua ensinada nas escolas demonstra a sua grande importância para no desenvolvimento linguístico e cultural das crianças. Uma vez que já nascem nesse meio, não é de admirar que atualmente não só os mais jovens mas como também alguns dos mais velhos, decorrente de um processo de influência do meio, utilizem expressões e palavras inglesas. O padrão passou a ser o *boss*, o *colega*, o *partner* e por aí adiante.

É uma questão de know-how. A ninguém já interessam qualidades, capacidades ou atributos; somente as skills. Não há fundadores nem criadores; há founders. Já não se conhece pessoas; faz-se networking. Ninguém abre uma pastelaria; tem uma startup. E há o pitch, os players, o spin, o spin-off, os stakeholders, o take off e o set up. O importante é rodear-se dum staff multitasked que entenda as trends, mas pense out of the box. E escolher bem o timing na hora do kickoff (...) Carregar a bandeira do português contra todos os smarts, low costs, take-aways, call centers, old school, fast food, clusters, CEOs, CFOs, partners, managers, consultants, advisors, foodies, selfies e dumpings, gajos do running e do gaming e do cross-fit e do snorkeling (Borges, 2021).

Como cidadãos do mundo, é fácil apercebermo-nos do estatuto de língua de comunicação internacional que a língua inglesa veio a adquirir e a forma como esta prolifera na comunicação entre pares e na própria cidade em si. O inglês tem vindo a refletir-se especialmente através do nome de restaurantes e bares, em nomes de bebidas especiais ou pratos distintos.

There has been no other language having such a broad coverage as a lingua franca in the history of human being. The composition of English users has also shifted tremendously. The number of the so-called non-native speakers of English has reached three times the number of native speakers. As a matter of fact, the population of

the so-called non-native English speakers continuously increases while that of the first language speakers decreases. This has brought English into its new role as a “global currency”. (Dewi, 2013, p. 3)

A proliferação e estatuto de modernidade da língua inglesa está relacionada com o crescente ensino da língua e a consciencialização da importância desta nas atividades profissionais futuras. É por essa razão que cada vez mais pais apostam em matricular os seus filhos em cursos de inglês e entendem que é a “língua do futuro”. Se, por um lado, há maior acesso à aprendizagem do inglês, por outro, a globalização e a tecnologia também empurram nesse sentido. Os mais jovens começaram a ter acesso a filmes, jogos, telemóveis e outros dispositivos – os chamados *gadgets* – que facilitaram a introdução e imersão na língua estrangeira.

As abreviaturas também não faltam, assim como as expressões próprias da idade — o “bueda nice”, o “swag”, as “selfies”, o “fixe” (...) Apesar disso, muitos termos e expressões nunca chegarão a desaparecer por completo porque, regra geral, a linguagem dos mais novos acaba (quase) sempre por se generalizar. É como um vírus, que acabará por infectar outras camadas da sociedade. Hoje em dia, a mudança linguística é fundamentalmente originada nas camadas mais jovens” (...) Mais tarde, “generaliza-se à restante população, porque essas camadas mais jovens vão crescendo. Depois, através do uso, há uma generalização cada vez maior”.²

É fácil compreender que os jovens estão em processo de formação linguística e a desenvolver o seu vocabulário, o que não admira que adquiram novos neologismos, utilizem-nos e modifiquem-nos. A língua inglesa generalizou-se e estendeu-se às comunidades precisamente porque os mais jovens vão crescendo e continuam a utilizá-las. Este fenómeno explica a utilização do inglês para a nomenclatura de novos bares e

² Retirado de: <https://observador.pt/2015/08/15/estarao-os-jovens-mudar-forma-falamos/>

restaurantes (Cf. Fig. 1).



Figura 1. Bar com nome em inglês: "The Old City Pub".

É fácil observar que os novos espaços de restauração e comércio na cidade do Funchal optam, muitas vezes, pela designação inglesa. Este fenómeno poderá ser um reflexo do estatuto que a língua inglesa passou a adquirir. Ao passar pelos restaurantes mais antigos da zona histórica, o mais distraído observador repara que estes têm nomes portugueses, tais como “A Tropicana”, “A Taberna Ruel”, “Taberna Madeirense”, “O Regional”, “Restaurante do Forte” e “Restaurante A Bica” (Cf. Fig. 2). Estes restaurantes, mais antigos e tradicionais, são conhecidos por serem frequentados especialmente por turistas.



Figura 2. Bar com nome em português: “Restaurante A Bica”.

No que diz respeito aos espaços hoteleiros mais recentes, estes têm, muitas vezes, nomenclaturas inglesas e na maior parte deles, o público-alvo é o mais jovem e local. Ou seja, estes espaços sugerem ser propriedade de donos madeirenses jovens cujos clientes são tendencialmente os seus conterrâneos. Alguns exemplos destes espaços são os conhecidos “The Flair Spot”, “Revolution Bar”, “The Old Town Pub”, “Mini Eco Bar” e “The Town”. É de referir ainda os bares e espaços com designação em língua portuguesa, frequentados tanto por locais como por estrangeiros – devido à sua localização estratégica – e que optaram pela língua mãe. Alguns destes bares são inclusivamente alusivos aos nomes dos proprietários, como “Tasca do Zé” e “Dona Maria”. Existem, por fim, algumas designações distintas, ainda que em minoria, alusivas aos países que esses restaurantes e bares representam, como, por exemplo, nomes de restaurantes japoneses, italianos,

nepaleses e mexicanos (Cf. Fig. 3).



Figura 3. Restaurante com nome em espanhol: "CyberC@fé Chévere" em bandeira mexicana.

3.6. Conclusão

Este capítulo permitiu verificar que o espaço interdisciplinar da PL procura entender as razões, mensagens e usos da linguagem no espaço público, focando-se nas representações da linguagem no espaço público, sendo que o seu objeto de estudo é qualquer sinal linguístico exposto e o modo como as pessoas interagem com esses mesmos sinais. O estudo da PL tem sido muito desenvolvido nos últimos anos, e, como tal, o seu conceito e funções também têm evoluído à luz das novas investigações que têm surgido. Um pouco por todos os continentes têm aparecido estudos que apresentam e utilizam novas técnicas de análise a uma área que está em constante evolução devido à proliferação da tecnologia e dos meios de comunicação. No entanto, a Europa continua a carecer de mais estudos que explorem as suas circunstâncias sociais, culturais e políticas. O estudo da temática em Portugal, por exemplo, precisa de mais interesse e incentivo de forma a compreender as dinâmicas sociais e as suas alterações ao longo dos anos e qual o seu estado atual.

A análise da função informativa, simbólica, de estatuto e poder e de identidade da PL permite traçar um fio condutor acerca dos eventuais motivos para que determinados sinais linguísticos surjam em determinados locais e de determinada forma. Explorar que informações existem no espaço público, desde os sinais comerciais ou privados aos governamentais ou públicos, ajuda a perceber as motivações de quem as colocou e a quem são dirigidos, fornecendo dados muito pertinentes sobre o ambiente sociolinguístico da localidade. A função simbólica é também muito importante na medida em que estando relacionada com o sentimento de pertença a um grupo linguístico, providencia informações sobre como os indivíduos se percebem nesse espaço. O surgimento de sinais linguísticos em destaque, com letra maior ou menor, a utilização de folhas novas, rasgadas ou velhas e o próprio material em que o sinal se encontra são indícios de motivações e percepções escondidas.

Os primeiros estudos em PL centravam-se na descrição das várias línguas que surgiam no espaço público, descurando uma abordagem mais diacrónica e histórica:

Se os primeiros estudos se centraram na descrição e análise da presença das diferentes línguas em determinados espaços públicos, geralmente urbanos, muitas vezes numa perspetiva quantitativa e sincrónica que incluía o inventário das línguas presentes, os investigadores têm chamado à atenção para a necessidade de se ir além de uma abordagem centrada na contagem de línguas num determinado momento, para abraçar perspetivas mais dinâmicas das evoluções das PL no tempo e no espaço, considerando, desta feita, uma perspetiva diacrónica e histórica (Melo-Pfeifer & Lima-Hernandes 2020, p. 1028).

O estudo da PL do Funchal, analisando as relações atuais entre a utilização do inglês e do português no espaço público é pertinente uma vez que a Ilha da Madeira já foi ocupada política e economicamente pelos britânicos por duas vezes aquando do século XIX. Como destaca Blommaert (2010, p. 4), “we now see that the mobility of people also involves the mobility of linguistic and sociolinguistic resources”. Daí que a questão da globalização e da proliferação e estatuto de modernidade da língua inglesa também seja muito pertinente na medida em que permite analisar qual o impacto do inglês na PL no mundo globalizado em que vivemos e de que forma este estatuto de modernidade influencia os indivíduos e as suas crenças.

4. Ocupação britânica na Ilha da Madeira

4.1. Introdução

Este capítulo visa explorar o contexto histórico, político e social vigentes na Ilha da Madeira no século XIX que favoreceram as ocupações britânicas que se seguiram. De seguida trataremos os efeitos dessas ocupações na sociedade funchalense, abordaremos a questão dos refugiados gibraltinos que ajudaram a consolidar certos comportamentos estrangeiros e qual a realidade atual da residência e do turismo britânico na Ilha.

A presença dos britânicos na Ilha da Madeira, especialmente na cidade do Funchal é um marco histórico característico da Região. De uma forma ou outra, e ainda que distanciado no tempo, todos os residentes identificam-se como associados aos ingleses. A presença inglesa foi muito importante na medida em que definiu e estabeleceu diversos aspetos culturais e comerciais que imperam até os dias de hoje.

Até a década de sessenta do século XX, quase todos os funchalenses são reféns desta situação. Em “Dia de S. Vapor, a cidade altera-se, completamente. Há múltiplos serviços e produtos a oferecer aos visitantes e a cidade rejubila e ganha um movimento e comércio inusitados”. Há uma economia familiar, alimentada pelos bomboteiros. Há, ainda, o contrabando que estes protagonizam, que vai dando o necessário para a sobrevivência do núcleo familiar. Há, por parte dos passageiros em trânsito, uma atenção especial às frutas da ilha, que são transportadas em cestas para bordo ou vendidas pelos bomboteiros³. Morangos, nêspersas, laranjas e bananas, captam a sua atenção e são o desenhoo para as ementas de bordo. (Vieira 2018:11)

³ Bomboteiros era o nome que designava os comerciantes do Bambote (barco de pequenas dimensões que levava iguarias regionais aos barcos ingleses que aportavam no Funchal). A palavra “bambote” é um neologismo derivado da aglutinação das palavras inglesas “bum boat” que os madeirenses ouviam. Bazenga *et al* (2012, p. 48).

Ainda acerca do ambiente e espírito vivenciado pelo povo madeirense, Raúl Brandão, apresenta a sua visão:

Agora conheço melhor a Madeira passado o primeiro entusiasmo, vejo tudo a frio. Esta ilha é um cenário e pouco mais - cenário deslumbrante com pretensões a vida sem realidade e desprezo absoluto por tudo que lhe não cheira a inglês. Letreiros em inglês, tabuletas em inglês e tudo preparado e maquinado para inglês ver e abrir a bolsa. (Brandão, 1927: 55)

Vivia-se um clima de emoção, agitação e esperança de que os ingleses trouxessem um futuro melhor, dinheiro, prosperidade e acabassem com a fome. Na referência acima, Brandão explora a questão da dependência e servência madeirense. Quando os barcos ingleses chegavam, as tabuletas, ou melhor, os sinais linguísticos eram escritos em inglês e dirigidos aos ingleses, pois eram eles os clientes que iam gastar dinheiro. Por outro lado, os grandes proprietários e comerciantes da Ilha eram ingleses e a PL refletia essa realidade. Graças a esta estreita relação comercial, viram-se reunidas as condições para a emigração madeirense:

Na ilha da Madeira existia uma colónia de mercadores ingleses e a ínsula era um importante interposto comercial britânico, nas rotas atlânticas das embarcações para as Índias Ocidentais. Na sequência da crise de mão-de-obra nas Antilhas Britânicas, com os proprietários a procurarem colonos para substituírem os antigos escravos, emancipados em 1834, os madeirenses eram vistos como bons candidatos, descritos como excelentes trabalhadores e artífices competentes. (Teixeira, 2009:54).

O Funchal assumiu um papel crucial no abastecimento à navegação, com pontos de abastecimento de água, alimentos, vinho e carvão. Segundo Biddle (1896, p. 23) o Funchal era “uma importante estação de abastecimento de carvão para a maior parte das linhas dos navios de Inglaterra e do continente europeu para a África do Sul”. A ocupação

e influência britânica refletiram-se também na construção de importantes instituições, tais como centros hospitalares, companhias de transporte e de eletricidade. Neste trabalho, o autor destaca as principais famílias que se deslocaram desde Inglaterra atraídas pelas condições climáticas propícias tanto ao usufruto pessoal das mesmas (clima ameno mais agradável que Inglaterra) como ideais para a prática da agricultura e plantação de cana de açúcar, uvas (que viriam a ser fundamentais na produção de vinho, especialmente vinho Madeira), entre outras.

Das famílias britânicas de maior relevo, é possível destacar a família Blandy. Esta família instalou-se na Ilha da Madeira em 1809 e foi a responsável pela criação de uma rota marítima de transportes, servindo como fornecedora de carvão a outras embarcações e como fundadora das primeiras empresas de venda de vinho Madeira. Na verdade, e apesar da sua proeminência atual, o primeiro membro desta família chegou por convite de outras famílias inglesas. A existência de uma carta endereçada a famílias tais como Gordon, Newton e Murdoch (famílias essencialmente ligadas à indústria vinícola) dá conta de um pedido de acolhimento a John Blandy que estava doente e precisava dos bons ares da Madeira e de arranjar um trabalho. A partir da sua chegada, começa a trabalhar na área profissional das famílias que o acolheram e partir daí estão reunidas as condições que deram origem ao atual império Blandy, mais concretamente, o Grupo Blandy, líder na produção mundial do vinho Madeira. Das famílias originárias inglesas é ainda de destacar a família Leacock que se estabeleceu na Ilha em 1741. Para além do comércio de bordados, vinhos, frutas e transportes, tem o seu nome ligado à indústria tabagística.

A presença britânica na Ilha da Madeira remonta a um passado distante quando as batalhas navais ainda eram uma realidade e as lutas e conquistas por territórios, frequentes. No entanto, neste momento, importa referir situações mais específicas que validem uma presença e influência tão longínqua e permanente, uma vez que ainda hoje em dia se podem observar vestígios da presença inglesa. Esta é sentida através da existência de edifícios de construção e estilo ingleses, como é o caso da English Church - Igreja Anglicana do Funchal, datada de 1822, de monumentos de figuras importantes pelos seus feitos, como, por exemplo, a escultura da Irmã Mary Jane Wilson e o Fontenário Charles Murray, da toponímia na cidade em honra de personagens ilustres inglesas como o Largo do Phelps, de sobrenomes de residentes como Blandy, Melvill e Crawford e em muitos outros sinais linguísticos e culturais que podem ser encontrados

ao redor da Ilha. Na verdade, “presença” torna-se uma palavra com pouco impacto quando se analisa todo o espectro da situação, uma vez que os ingleses efetivamente ocuparam política e comercialmente a Ilha da Madeira, e fizeram-no por duas vezes. A primeira vez foi entre Julho de 1801 e Janeiro de 1802 e a segunda foi entre Dezembro de 1807 e Outubro de 1814.

Um dos motivos pelos quais a Ilha da Madeira era tão desejada está relacionado com a sua posição geográfica estratégica e a sua antiga tradição comercial. Os acontecimentos que antecedem a primeira ocupação britânica estão relacionados com a longa e profunda inimizade e rivalidade entre Inglaterra e França. Por essa altura, Napoleão Bonaparte lançava várias investidas à metrópole e ao Império britânico e preparava-se para investir contra a Madeira. Nesse momento, Londres teve conhecimento dessa intenção e enviou forças para protegerem a Ilha.

Decidida a ocupação, o processo que conduziu as tropas britânicas à Ilha da Madeira desenvolveu-se com relativa rapidez, entre a última semana de Junho e a última de Julho de 1801, período em que foram remetidas todas as instruções e no fim do qual se procedeu ao desembarque, embora de início com a ressalva de que o destino da expedição, que foi organizada sob o comando do coronel William Henry Clinton, se deveria manter secreto. Como veremos, a rapidez com que tudo se verificou acabou por se repercutir na eficácia geral da acção e na surpresa das autoridades portuguesas, mas também, a curto prazo, por provocar alguns inconvenientes e dificuldades entre os britânicos (Rodrigues, 1999, p.145).

A Ilha da Madeira acabava por não pertencer a si própria. Por um lado, vivia sob o comando britânico e por outro estava na mira do império francês que reconhecia a sua posição estratégica, solo com qualidade e bons produtos naturais.

O poder naval britânico é maior do que o do resto do Mundo reunido, o avanço tecnológico da Royal Navy é incontestado (graças à revolução industrial), o seu império e domínio informal é claro em todos os continentes (excepto na América do Norte), dois terços do comércio mundial é feito em navios com a bandeira do Reino Unido e a libra

é a moeda universal. A presença britânica em grande parte do espaço atlântico é esmagadora e o seu domínio naval nada tem a temer. No caso português esta presença centrava-se em quatro pontos: Lisboa, Madeira (Funchal), Porto e Açores (Angra e Ponta Delgada), onde os navios da Royal Navy eram uma constante e a intervenção britânica, directa ou indirectamente, sustentava grupos, partidos, correntes políticas, num ambiente em que o Estado central era fraco, estava ausente ou dava sinais evidentes de ineficácia e incapacidade (Rodrigues, 2008, p. 20).

Atualmente, a presença britânica continua a fazer parte da vida madeirense. Seja pelas linhagens que sucedem até hoje as grandes famílias inglesas do século passado ou seja pelo papel económico que desempenham decorrente das empresas que fundaram no passado e se mantêm em atividade. Na genealogia dos madeirenses, de uma classe social alta, os apelidos estrangeiros cruzam-se com os portugueses.

A comunidade inglesa representa, ainda hoje, um grande marco na economia regional. Durante décadas, o povo insular viveu de cabeça curvada. Não em relação ao Continente mas a tudo o que vinha de fora do país. Por alguma razão, na gíria diária, o turista é sempre inglês, mesmo que seja alemão.⁴

O início da colonização na Ilha da Madeira teve lugar na atual freguesia de Santa Maria Maior, mais especificamente, na chamada Zona Velha. Uma vez que foi uma das localidades inicialmente povoada, assume um estatuto de importância significativa cultural e linguística na cidade. A freguesia de Santa Maria Maior, inicialmente com pouca concentração habitacional, contribuiu para o desenvolvimento da cidade do Funchal, através da evolução do comércio do trigo, açúcar e vinho – dinamizados também pela presença e comércio ingleses. A Zona Velha compreende diversos pontos de atração turística, tais como o Forte de Santiago, o Mercado dos Lavradores, a Igreja do Socorro,

⁴ Retirado do website: <https://www.vortexmag.net/1807-quando-a-madeira-pertenceu-aos-ingleses-durante-7-anos/>

a Capela de Nossa Senhora da Oliveira, e diversos restaurantes, bares e locais de animação noturna. Para além de ser uma área residencial é dos maiores pontos de concentração histórica e turística da Ilha da Madeira.

De acordo com as informações disponibilizadas no site da Junta de freguesia de Santa Maria Maior, após o início do povoamento da Madeira, o território dividiu-se em duas áreas. A primeira ia desde as ribeiras de Santa Luzia e João Gomes (também conhecida por ribeira de Santa Maria) até o Forte de São Tiago e a segunda zona, ia desde a ribeira de São João até ao Convento de Santa Clara:

O aglomerado populacional que se estendeu da Ribeira de João Gomes até o Corpo Santo, não foi mais de que um núcleo de população formado de maneira espontânea que foi crescendo ao longo da praia de calhau ali existente. Deste facto advém-lhe, muito provavelmente, o nome dessa mesma zona: Santa Maria do Calhau, nome dado também ao pequeno templo que no ano de 1430 começou a servir o povoado da zona leste da baía do Funchal, também conhecido por Nossa Senhora da Conceição de Baixo, ou simplesmente por Santa Maria Maior.⁵

4.2. Contexto histórico e político do Funchal no século XIX

4.2.1. Demografia

No início do século XIX, a população da Madeira aproximava-se dos 88 mil habitantes. Desde essa época, a região cresceu de forma continuada até 1950 aproximando-se dos 270 mil residentes. A partir desta data assiste-se a uma relativa estabilidade do número de residentes, embora com algumas oscilações. (Oliveira, 2012, p. 8)

⁵ Retirado de: <https://www.jf-stamariamaior.pt/>

Em 1806 a população madeirense era inferior aos 90 mil indivíduos² e se nos concentrarmos na população residente na capital Funchal, esse número torna-se ainda menor. De acordo com Santos *et al* (2013, p. 56), no último quartel do século XVIII, o Funchal contava com menos de 12 mil residentes, valor este que, segundo os autores, não se alterou significativamente até 1820: “Apesar do fraco crescimento demográfico registado entre 1750 e 1820 a cidade concentrava cerca de 15% do efectivo madeirense. Esta cifra atesta a importância da capital da Madeira na rede urbana portuguesa, tanto no panorama insular, como continental.”

O enfoque recai sobre a cidade do Funchal por ser esta o centro da vida na Madeira, onde se concentram as atividades institucionais, o porto e marina, tribunal e muitos outros pontos de serviços públicos e comerciais, o que a torna a mais desenvolvida de toda a Ilha. Deve-se ainda "ao facto de esta ser uma importante concentração urbana a nível nacional, constituir a nível do arquipélago uma concentração macrocéfala, sem qualquer rival próximo, ser um importante porto de escala e uma das primeiras cidades de modelo europeu a ser criadas nas fronteiras do continente a meio caminho dos espaços coloniais” (Santos *et al*, 2013, p. 55).

Devido à sua popularidade, o Funchal reunia uma grande diversidade social com grupos visitantes flutuantes, entre eles, comerciantes e empresários que procuravam a região para os seus negócios: “Aqui residiam importantes grupos de estrangeiros, em especial britânicos, envolvidos no comércio internacional, sendo também notória a presença de africanos – a maioria dos quais escravos – essencialmente afectos ao serviço doméstico” (Santos *et al*, 2013, p. 56).

4.2.2. Economia

A economia funchalense, nesta época, começou a tornar-se muito dependente dos trabalhos vinícolas e do comércio do vinho, especialmente do então denominado vinho madeira, que começou a ser considerado e exportado como um artigo de luxo. No entanto,

apesar da aparente prosperidade económica, os residentes madeirenses enfrentavam fome e pobreza, uma vez que os lucros eram, na sua maior parte, para os proprietários britânicos. De facto, nesta altura, assiste-se inclusivamente a uma série de mortes devido à escassez de comida e espaço de plantação para cereais (Carita, 1999, p. 212-215).

A sobreexploração da indústria vinícola e a parca produção de outros cultivos deixavam a população numa situação muito preocupante e desfavorável, ficando à mercê dos fluxos exteriores na eventualidade de uma crise económica. Assustados com a perspectiva de maior dependência e pobreza, os madeirenses começaram a emigrar e a procurar uma vida melhor. Nesta fase, é possível destacar a grande procura pelo Brasil, sendo que esta se processa ao longo de cerca de 500 anos de vagas migratórias. Existiram grandes saídas nos séculos XVII e XVIII e igualmente em finais do século XIX e durante a 1ª metade do século XX.³ O Brasil era todo um novo mundo, cheio de oportunidades para os madeirenses que oferecia a possibilidade de explorar comercialmente a produção de açúcar e tabaco e a hipótese de fugir da fome e miséria.

A transição entre os séculos XVIII e XIX foi algo conturbada uma vez que se deu uma grande seca e iniciou-se o declínio da exportação do vinho madeira. Aliado a estes acontecimentos, outros fatores políticos contribuíram para essa situação. O início do século XIX estreia-se com um “boom” nas exportações que são inflacionadas pelas guerras napoleónicas. Mas afinal, este não viria a ser um século favorável ao Vinho Madeira. A depressão pós guerra logo na primeira década do século revela-se prejudicial para o Vinho Madeira que conhece um substancial decréscimo nas suas exportações. Para isto contribuíram a reabertura dos portos de França e Espanha que até então se mantiveram encerrados, permitindo a entrada sem concorrência dos vinhos portugueses no mercado britânico.⁴

De facto, este período ficou marcado com a presença de diversos problemas de subsistência, o aparecimento e proliferação de diversas doenças graves e de descoordenação governativa e instabilidade política, onde se destaca a primeira ocupação britânica da Madeira em 1801 e a passagem da Corte portuguesa para o Brasil em 1808 (Santos *et al*, 2013, p. 57). É, por isso, seguro afirmar que o século XIX é um período importante da história da Madeira, no qual tiveram lugar mudanças políticas, económicas e sociais e eventos, com grande significado histórico (Martins, 2019, p. 240).

4.2.3. Catástrofes naturais

A nível ambiental, é também de destacar o aluvião de 9 de outubro de 1803 que foi responsável pela morte de centenas de madeirenses, com especial incidência no Funchal. Este fenómeno deveu-se à quantidade e duração da pluviosidade durante uma noite inteira, tendo enchido as ribeiras e estas, sem capacidade para reter a água, transbordaram, atingindo as casas e pessoas com água abundante e detritos tais como pedras pesadas.

Em Quintal (1999, p. 31) lemos que de “todas as catástrofes que martirizaram os madeirenses, a maior foi a aluvião de 9 de Outubro de 1803. Segundo relatos da época, devem ter morrido devido à força bruta das águas cerca de 1000 pessoas, a maioria delas no Funchal. A cidade capital da Região Autónoma da Madeira naquela altura não teria sequer 25.000 habitantes!”

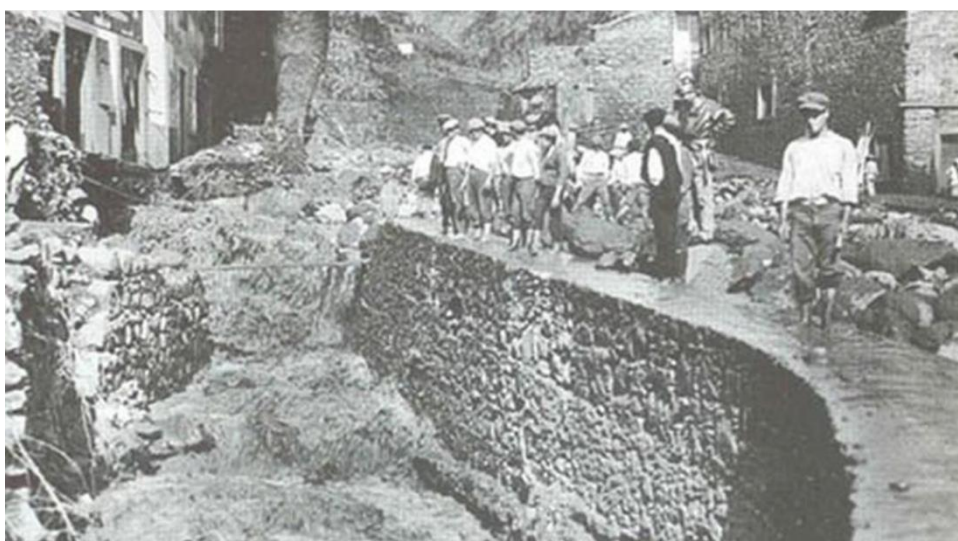


Figura 4. Alguns dos sobreviventes do aluvião junto à ribeira. Foto DR.⁶

Quintal (1999, p. 33) traz-nos também alguns excertos de uma carta enviada a D.

⁶ Retirado de: <https://www.dnoticias.pt/2020/10/9/76112-centenas-morreram-na-madeira-ha-217-anos-em-aluviao>

Juan Estevan Fernandes por uma testemunha que presenciou todos os eventos ocorridos nessa noite:

“Principiou a chover pelas dez horas da manhã moderadamente, continuou até às 8 da noite indo sempre a mais mas não sendo coisa que assustasse, e das 8 até às 8 e meia de repente cresceram as ribeiras de forma que não cabendo as águas por dentro das suas muralhas por causa das muitas e grandes árvores e disformes penedos que traziam arruinaram as muralhas pelos alicerces. A ribeira de Nassa Senhora do Calhau dividiu-se em 3 partes e uma rompeu a muralha da cidade por cima da Quinta chamada do Cascalho, deixando esta sem esperança de se poder mais cultivar e dali veio trazendo diante de si todas as fazendas e entrando na cidade no sítio do Ribeirinho onde entulhou todas as casas dos primeiros andares, todas as portas e escadas ficaram arruinadas porém as casas não caíram mas tudo o que tinha dentro perdeu-se. (...) A ribeira da Praça principiou a entrar na cidade acima do recolhimento do Senhor Jesus e fez a este constante rui na e entrando pelas Ruas do Valverde todas as casas que ficavam para a parte da ribeira, levou ao mar e as ruas que atravessavam para a parte do Carmo as casas que não caíram ficaram entulhadas.”

Conforme é possível verificar pela carta, tratou-se de um aluvião com grandes consequências nefastas para os residentes da Madeira, não só pelas perdas humanas mas também pela destruição dos espaços de habitação e cultivo.

Tradicionalmente e infelizmente, a Madeira tem sido alvo de algumas intemperies ao longo dos tempos, sendo que a última é datada de 2010 e provocou diversos incidentes por toda a ilha.



Figura 5. Carros soterrados nas ruas do Funchal. ENRIC VIVES-RUBIO.⁷

4.2.4. Alimentação

No que diz respeito à alimentação do povo madeirense aquando do século XIX esta é, como em todo o mundo, dependente da classe social e do poder financeiro para produzir ou adquirir bens alimentares. São frequentes os relatos das mesas fartas dos governadores e a escassa comida disponível para o povo. Assim que, como comida habitual, dos camponeses podemos referir que consistia em pão, cebolas, vários tubérculos e pouca carne (Vieira, 1998, p.35).

Aliás, a singular condição [da Madeira] levou a que nos séculos XVIII e XIX a ilha se transformasse num viveiro de aclimação de plantas. Dos inúmeros produtos que chegaram às ilhas dois há que se afirmaram rapidamente na dieta alimentar. São eles a

⁷ Retirado de: <https://www.publico.pt/2020/02/20/fotogaleria/madeira-20-fevereiro-2010-cheias-aluviao-400340>

batata, o inhame e o milho, que no decurso da segunda metade do século dezanove destronaram rapidamente a hegemonia dos cereais na dieta alimentar (Vieira, 1998, p. 21).

A presença da batata na Madeira está documentada a partir de 1760 como o principal sustento do camponês. Na Madeira, a batata é conhecida por “semilha” (do cast. *semilla*, semente), um tubérculo comestível que se desenvolve debaixo da terra. (Nunes, 2014, p. 359). Este alimento é “proveniente da América do Sul, da região dos Andes e foi trazida para a Europa pelos espanhóis em 1570, sendo então usada como ornamental. Apenas em 1590 é que se reconheceu o seu valor alimentar. Na Madeira foi introduzida em 1760 através de batata semente vinda das Canárias. Nos sacos estava inscrita a palavra castelhana *semilla* (semente), o que levou provavelmente os nossos antepassados a adoptar aquela palavra para descrever a batata” (Leça, 2008). A batata doce é também um produto oriundo da América e apesar de ter aparecido na Madeira no século XVII, apenas na década de setenta é referida como o principal meio de sustento do camponês (Vieira, 1998, p. 21).

No trabalho de Vieira (1998), o autor refere que posteriormente decorreu uma crise na produção de batata, ficando os madeirenses com poucas opções alimentares, uma vez que a sua alimentação se baseava em batatas, algum inhame e milho. É assim que surge uma espécie de revolução alimentar com a imposição do milho como alimento preferido. Na tradição madeirense, o milho é utilizado para fazer pão ou farinha e produzir as tão conhecidas papas de milho madeirense ou então pode ser frito quando fica rígido ou passam alguns dias da sua confecção. Este prato era e continua a ser preparado com banha de porco para dar mais sabor. A popularidade deste produto devia-se ao seu baixo preço, facilidade de preparação e grande poder alimentar. Por meados do século XIX é possível falar de um maior consumo de carne, ainda que muito reduzido. Esta estava reservada para momentos especiais e festividades relacionadas com a Igreja, tais como o Natal e o Espírito Santo. De facto, é possível afirmar que o calendário religioso ditava a gastronomia. No dia 8 de dezembro fazia-se um bolo tradicional chamado de bolo de mel. Esta iguaria é um dos mais tradicionais doces da gastronomia da Madeira. É confeccionado com mel de cana-de-açúcar e tem a particularidade de se conservar durante um ano. É hábito prepará-lo no início de dezembro, de modo a adquirir as características que o tornam único, remontando as suas origens à época áurea de produção de açúcar no arquipélago. A 15 de dezembro decorria a matança do porco para que as linguiças e a

carne de vinho e alhos estivessem prontas para o Natal. Este era um dos mais importantes eventos do calendário rural uma vez que o processo demorava o dia inteiro e participavam dele os familiares, vizinhos e amigos. Uma das tradições dos mais velhos era atar as unhas dos porcos chamuscadas aos bolsos das calças dos mais novos e estes costumavam fazer bolas para brincar com a bexiga do porco soprada e atada a um cordão. A dimensão da bexiga anunciava a dimensão do porco, competindo entre os vizinhos para ver quem tinha o maior, no caso de terem sequer um porco.



Figura 6. Bexiga soprada de um porco. Museu Etnográfico da Madeira.

A nível de doçaria, destaca-se o famoso bolo de mel, um dos poucos sobreviventes de uma tradição culinária muito associada às freiras e conventos. Chegaram da Europa a vinha e a cana de açúcar, que aliada ao clima ameno da Madeira, prosperou e iniciou-se a produção de açúcar.

Extintos os conventos quase que desapareceu a tradição da doçaria. No século

XIX a doçaria teve divulgação através das pastelarias. Uma das mais famosas foi a Pastelaria Felisberta criada em 1837 na Rua da Carreira. Também ficou célebre a doçaria da panificação Blandy na rua do Hospital Velho. Nos anos vinte a cidade estava servida de onze confeitarias. Hoje, o único testemunho que resta dessa importante indústria do doce madeirense é o bolo de mel (Vieira, 1998, p. 25).

Além de doces feitos é também de destacar a grande variedade de árvores de fruta que prosperavam na Ilha. A Madeira era e continua a ser muito conhecida pela sua produção de bananas, goiabas, mangos, papaias, pêra-abacate, amoras, araçás e anonas.

As principais culturas da Ilha eram a banana, a cana-de-açúcar, o milho, as frutas e os produtos hortícolas, que não eram suficientes para o sustento da família. Grande parte da população madeirense dedicava-se à agricultura. A propriedade estava excessivamente dividida, sendo difícil a um agregado familiar numeroso, proprietário ou rendeiro, de viver do seu rendimento (Nascimento, 2009, p. 33).

Por fim, os rebuçados de funcho são uma iguaria muito apreciada por residentes e turistas, uma vez que o funcho é muito utilizado como calmante para a tosse e dores de garganta. Devido à proliferação desta árvore na zona sul da Ilha, deu-se o nome de Funchal a esta localidade.

4.3. A ocupação britânica e a sociedade funchalense

A História da Madeira do século XIX está quase toda por fazer, e, do pouco que existe, a maior parte revela-se superficial, enquanto, em relação à restante, ou permanece na penumbra ou, pelo contrário, uma parte substancial dos seus conteúdos é questionável (Rodrigues, 2008).

Sem dúvida que este não é o lugar para abordar tão grande questão e todas as suas condicionantes, no entanto, é uma informação útil no desenvolver na temática seguinte na medida em que poderá contribuir para o crescimento do conhecimento desta área.

Para o início deste estudo é necessário ter em consideração que o indivíduo britânico, com sede em Londres, a capital do império, estende-se da Irlanda à Índia e ainda pela Escócia de onde era oriunda uma grande parte da comunidade britânica visitante e residente no Funchal.

Embora não seja possível declarar assertivamente quem terá sido efetivamente o primeiro inglês a pisar os pés na Ilha da Madeira, a História destaca a possibilidade de Robert Machim e a sua esposa Anne terem sido dos primeiros a chegar à Ilha após um naufrágio no século XIV.¹² Verídico ou não, o facto é que esse século está marcado com a chegada de algumas embarcações e navios para trocas comerciais e aproveitamento das condições climáticas. Carus-Wilson (1937, p. 14) destaca Portugal e a Madeira como dos clientes mais frequentes de Bristol. Por outro lado, o primeiro registo de uma viagem entre Madeira e Bristol data de 1486 numa época em que os comerciantes madeirenses enviavam açúcar e barris diretamente para Bristol (Williamson, 1962, p. 187). É fácil apercebermo-nos que as informações existentes respeitantes a este período tratam-se de dados obtidos através da leitura de compêndios e livros de viagem publicados por alguns ingleses e portugueses, os quais nem sempre são fáceis de identificar.

A relação anglo-madeirense sofreu várias dificuldades devido à tentativa e sucesso de alguns britânicos em aproveitar-se das condições da Ilha e do trabalho dos próprios madeirenses. No entanto, sem dúvida que estas relações contribuíram para o desenvolvimento do comércio, açúcar, artesanato e de algumas plantas tropicais. Estes tratos comerciais e relações sociais foram consolidados com o casamento de Chales II com Catarina de Bragança. Mais tarde, em 1703 deu-se o Tratado de Methuen que facilitou a exportação de vinhos para a capital inglesa e consolidou uma importante rede comercial entre Inglaterra e Madeira.

4.4. Os refugiados gibraltinos

Para abordar a temática dos refugiados gibraltinos é importante ter em consideração onde se situa Gibraltar, qual a sua relação com Inglaterra e Madeira e, por fim, quais as características dos gibraltinos que se refugiaram na Ilha. Gibraltar localiza-se na ponta extrema sul de Espanha, no entanto, pertence ao império britânico desde 1713 aquando do tratado de Utrecht.

As negociações luso-espanholas no Congresso de Utrecht (1712-1715), tendo os ingleses como mediadores, foram custosas e demoradas. No que dizia respeito à Europa, Portugal e Espanha basicamente devolveram uma à outra as praças conquistadas (Furtado, 2011, p. 69).

Após anos de batalhas entre Portugal e Espanha pelo domínio do território, o tratado de Utrecht foi um importante passo para o império britânico porque a partir desse momento o território passou a pertencer à coroa britânica e consolidou um importante ponto estratégico militar e comercial. Nos séculos seguintes, a península do sul de Espanha – pertencente aos ingleses – cresceu bastante. Era um grande *hub* de embarcações que seguiam diariamente, para o canal do Suez. Também no final do século XIX, Gibraltar viu nascer uma das mais importantes bases navais britânicas, o que impulsionou a economia da região.⁸

Visto que a Ilha da Madeira havia sido efetivamente uma colónia britânica, as relações daí estabelecidas, permitiram que aquando da segunda guerra mundial (1939-1945), o governo britânico deslocasse os gibraltinos para locais mais seguros onde podiam ficar a salvo das investidas alemãs. Entre outros pontos para os quais os gibraltinos foram enviados, como Jamaica ou Irlanda, há o registo de 2000 indivíduos que foram enviados para o Funchal.⁹

⁸ Retirado de: <https://newmen.pt/a-madeira-dos-refugiados-britanicos/>

⁹ Retirado de: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p39228>

A chegada ao Funchal dá-se com surpresa pelas belas paisagens, mas também pela pobreza existente e o elevado nível de conservadorismo. A vinda dos gibraltinos trouxe benefícios para a economia da Região e melhorou a situação dos empregados da indústria hoteleira, mas não acabou com a pobreza das famílias mais numerosas. Cada vez mais a emigração era vista como a única solução para a melhoria das condições de vida e de trabalho. O aumento demográfico e a elevada emigração continuavam evidentes na década de 50, levando à formação de fortes contingentes migratórios, sobretudo do sexo masculino (Nascimento, 2009, p. 34).

4.5. Residência e turismo britânico

A Ilha da Madeira tornou-se uma referência e um local de residência britânica desde o período das ocupações britânicas do século XIX. As boas condições climáticas propícias ao desenvolvimento de vários produtos como a cana-de-açúcar, a uva e batata, bem como o clima ameno propício à fuga dos ambientes gélidos ingleses e à cura de doenças respiratórias foram alguns dos motivos que levaram os britânicos a estabelecer-se especialmente na cidade do Funchal.

De acordo com informações obtidas directamente junto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) da Madeira¹⁰, durante o ano de 2020, encontravam-se a residir na Madeira 1342 indivíduos britânicos, sendo 756 indivíduos do sexo masculino e 586 do sexo feminino.

¹⁰ Informações retiradas do anexo: S03c. por nacionalidade e distribuição geográfica.

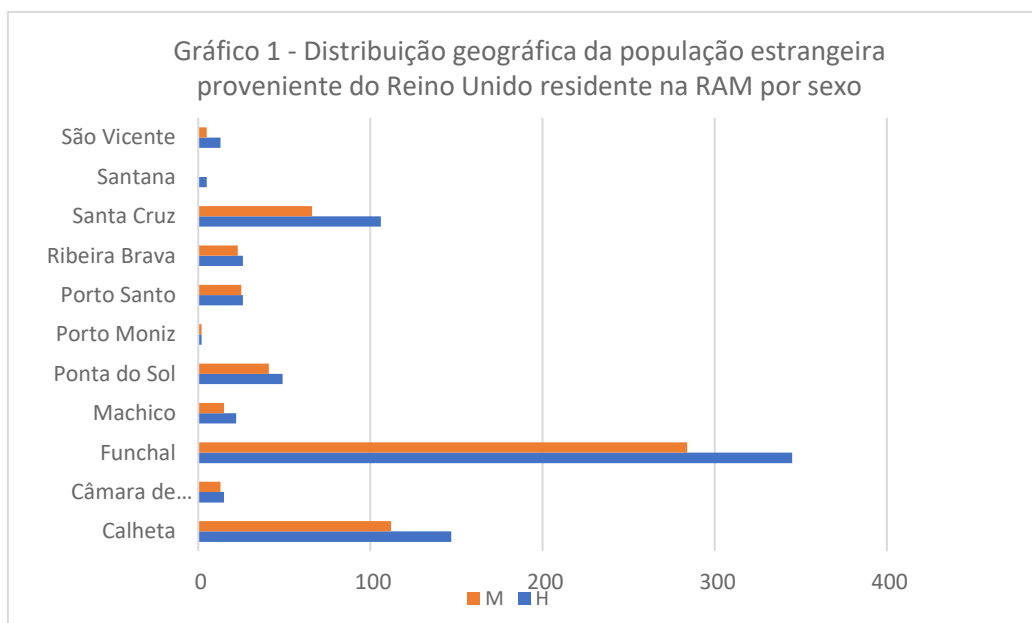


Gráfico 1. Distribuição geográfica da população estrangeira proveniente do Reino Unido residente na RAM por sexo.

O Funchal é a cidade que assiste a um maior número de habitantes com um total de 629 indivíduos, o que nos permite concluir que quase metade dos residentes britânicos encontram-se concentrados aqui. No que diz respeito à divisão por género, esta assemelha-se à média regional, com uma maior existência de homens. Neste caso, é possível constatar a existência de 345 homens e 284 mulheres. Quanto à variação etária, esta oscila entre os 0 e os 90 ou mais anos.

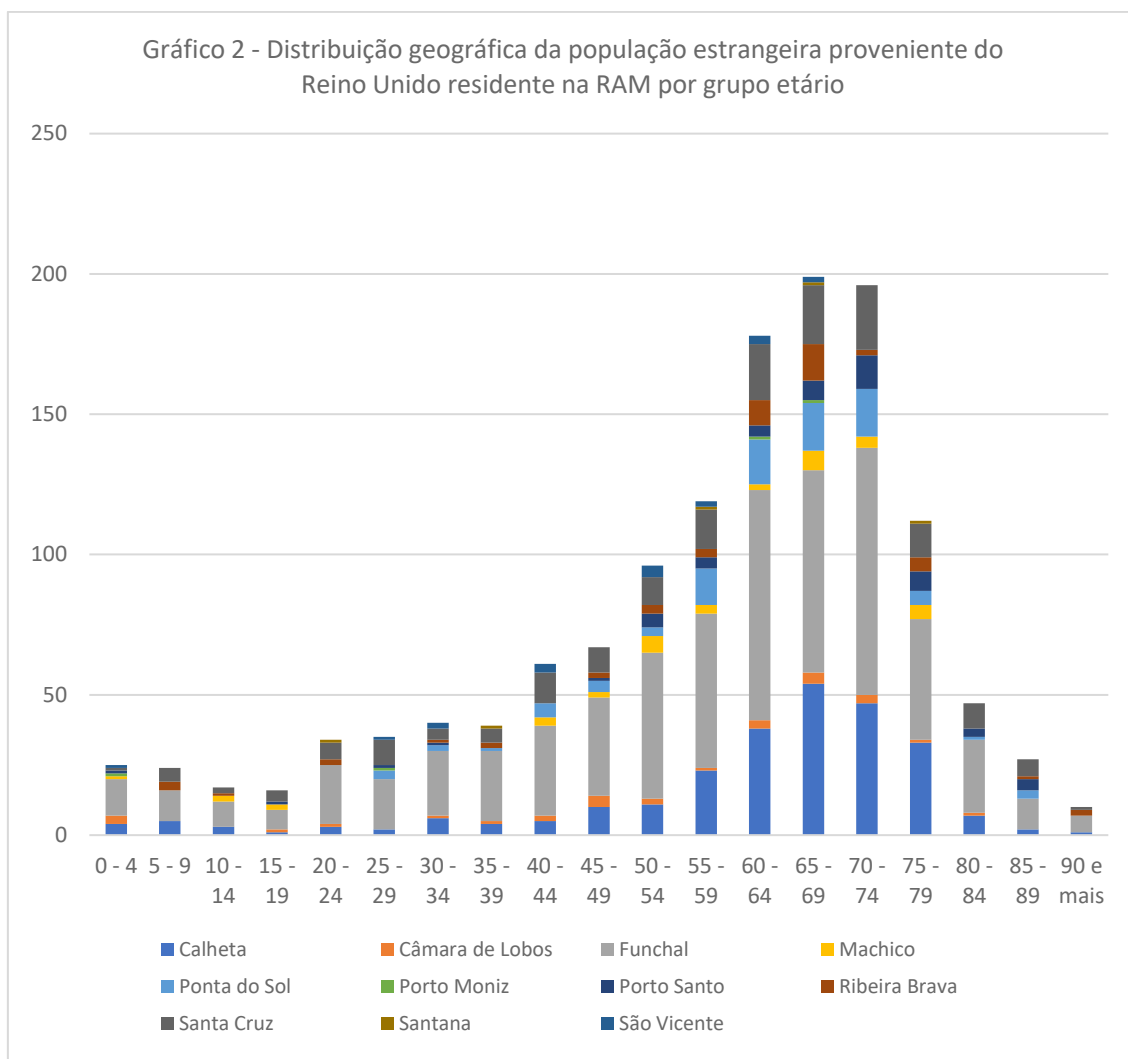


Gráfico 2. Distribuição geográfica da população estrangeira proveniente do Reino Unido residente na RAM por grupo etário.

Através de uma análise atenta (Cf. Gráfico 2) é possível observar que a maior concentração etária na Região Autónoma da Madeira encontra-se na faixa entre os 65 e 69 anos, demonstrando que uma grande parte dos residentes britânicos se encontram numa faixa de vida mais avançada. As faixas onde se encontram também um maior número de residentes é na faixa entre os 70 e os 74 anos de idade e, logo de seguida, a faixa etária entre os 60 e os 64 anos de idade. A faixa etária com menor expressão é a dos 90 ou mais anos, uma vez que já são cidadãos muito idosos. Quanto às faixas mais jovens, estas apresentam menos expressão do que as mais velhas, nomeadamente, as faixas etárias entre os 0 e 4 anos, os 5 os 9 anos, os 10 e os 14 anos e os 15 e os 19 anos.

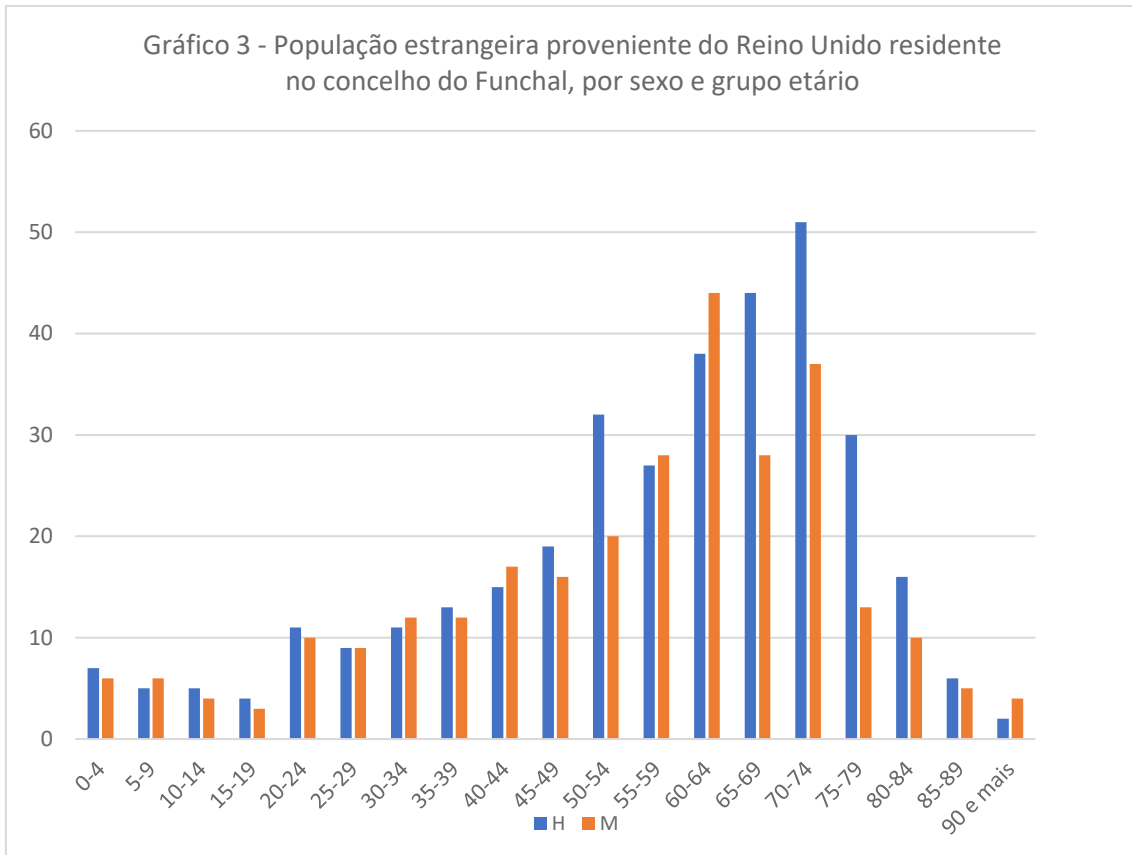


Gráfico 3. População estrangeira proveniente do Reino Unido residente no concelho do Funchal, por sexo e grupo etário.

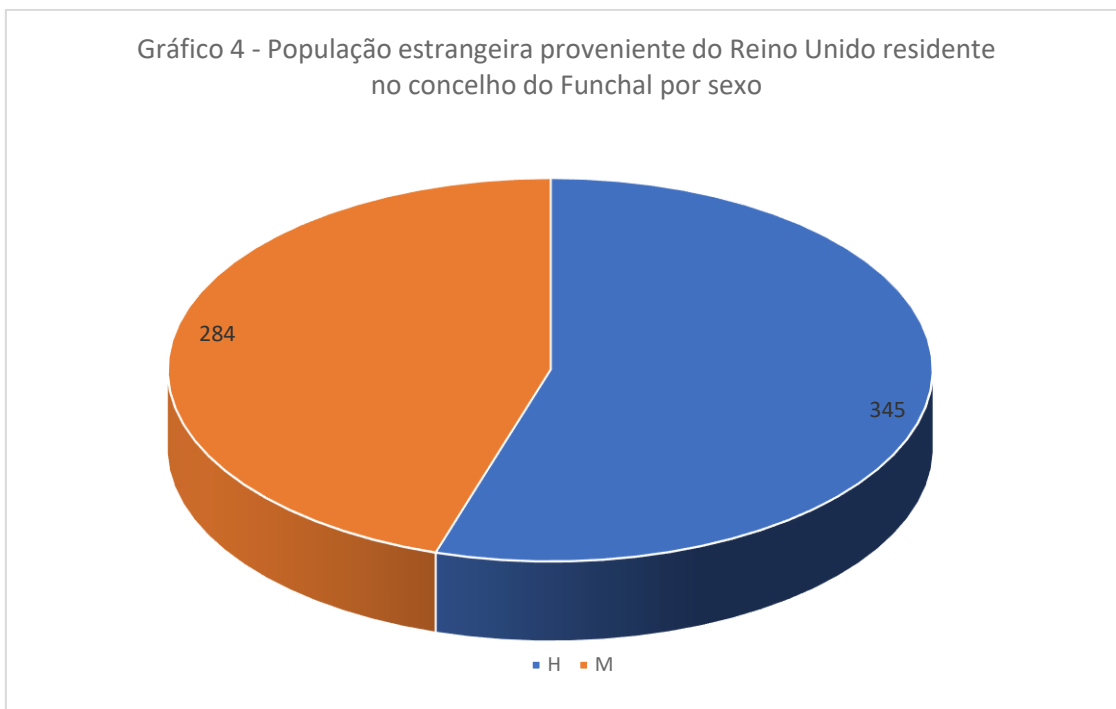


Gráfico 4. População estrangeira proveniente do Reino Unido residente no concelho do Funchal por sexo.

Analisando a cidade do Funchal (Cf. Gráfico 3 e 4), uma vez que é a que mais interesse tem para este estudo, é possível observar que entre os 0 e os 4 anos foram registados 13 crianças residentes, sendo elas 7 meninos e 6 meninas. Na faixa etária entre os 5 os 9 foram identificadas 11 crianças, sendo elas 5 meninos e 6 meninas. Entre os 10 e os 14 anos de idade encontram-se 9 jovens, sendo eles 5 rapazes e 4 raparigas. Na faixa seguinte, dos 15 aos 19 anos, foram registados 7 adolescentes, sendo eles 4 rapazes e 3 raparigas. Até aqui, a tendência parece sugerir que o número de jovens tende a diminuir à medida que a idade aumenta, ou seja, o padrão sugere que estes jovens poderão eventualmente sair da Madeira aquando da entrada para o ensino superior e depois voltam, como sugerem os dados, uma vez que o número de indivíduos aumenta nas faixas seguintes. Assim sendo, na faixa etária entre os 20 e os 24 foram registados 21 indivíduos, sendo eles 11 rapazes e 10 raparigas. Entre os 25 e os 29 anos de idade verificou-se a existência de 18 pessoas, sendo elas 9 homens e 9 mulheres. Quanto à faixa entre os 30 e os 34 registaram-se 23 pessoas, sendo elas 11 homens e 12 mulheres. Na faixa seguinte entre os 35 e os 39 foram verificados 25 indivíduos, sendo eles 13 homens e 12 mulheres. Na faixa entre os 40 e os 44 anos foram encontrados 32 pessoas, sendo estes 15 homens e 17 mulheres. No que diz respeito à faixa entre os 45 e os 49 registaram-se 35 indivíduos

sendo eles 19 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. A faixa etária entre os 50 e os 54 apresentou 52 pessoas, sendo elas 32 homens e 20 mulheres. Entre os 55 e os 59 anos, foram encontrados 55 residentes, entre eles 27 homens e 28 mulheres. Na faixa seguinte, entre os 60 e os 64 anos de idade, registaram-se 82 indivíduos, sendo estes 38 homens e 44 mulheres. Entrando na faixa sénior, entre os 65 e os 69 anos, foram encontradas 72 pessoas, entre estas 44 homens e 28 mulheres. A faixa seguinte, entre os 70 e os 74 anos foi a que registou mais indivíduos com um total de 88 residentes, sendo eles 51 homens e 37 mulheres. Nas faixas seguintes, estes números começam a baixar, sendo que entre os 75 e os 79 anos de idade foram registados 43 residentes e entre estes 30 eram homens e 13 eram mulheres. Entre os 80 e os 84 anos, identificaram-se 26 indivíduos, sendo que 16 eram do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Entre os 85 e os 89 anos, encontraram-se um total de 11 residentes, sendo estes 6 homens e 5 mulheres. Por fim, chegando à última faixa etária entre os 90 ou mais anos, foram registados 6 residentes e entre estes 2 eram homens e 4 eram mulheres. Uma análise mais atenta permite verificar que a taxa de natalidade britânica na Ilha da Madeira é muito reduzida e que a faixa etária com mais residentes é a sénior.

4.6. Turismo britânico

No que diz respeito ao turismo britânico na Ilha da Madeira podemos destacar como últimos anos de referência turística os dados de 2018 e 2019, uma vez que com a crise pandémica provocada pelo vírus do SARS-COV 2, as viagens ficaram limitadas e a circulação para fim de férias ficaram impedidas em grande parte de 2020 e 2021. Os dados turísticos passados desde as ocupações britânicas até hoje são um mapa em construção:

O turismo na ilha da Madeira tem sido alvo de estudos recentes que analisam o fenómeno turístico atual e em relação ao século XX. Sobre o que aconteceu numa fase anterior existem apenas breves apontamentos. Podemos garantir e não somos os únicos a afirmá-lo, a história do turismo na Madeira está por fazer. Sendo a ilha da Madeira

um destino turístico por excelência, torna-se imprescindível conhecer os seus antecedentes, os inícios do turismo na Ilha tanto numa perspetiva histórica quanto numa vertente prática (Rodrigues, 2019, p. 339).

O turismo britânico aquando do século XIX e século XX é um livro em branco uma vez que, à data, não se considerava importante registar essas informações. No entanto, é possível obter dados pertinentes a esta questão na literatura de viagens. Conforme afirma Rodrigues (2019, pp. 344-346) muitos britânicos começaram a sentir a necessidade de viajar e conhecer novos locais. Estes turistas passaram de simples comerciantes a filósofos, artistas, professores e outros indivíduos de outras artes que desejavam conhecer mundo para além do Reino Unido. Por outro lado, aqueles que tinham menos meios tinham que contentar-se a ler as narrativas de viagens feitas por outros. Desta forma, e visto serem muitos os interessados em adquirir este tipo de livro, as publicações nesta área começaram a multiplicar-se e a incluir mais do que descrições de monumentos e estradas:

Assim, nas literaturas europeias setecentistas, com excepção das de língua portuguesa e castelhana, os livros de viagens abundavam e sucediam-se. Por outro lado, algumas narrativas de viagem do século XIX começaram a valorizar aspetos sociais em detrimento das descrições de monumentos, museus, igrejas e instituições, enquanto outras foram trabalhos de naturalistas, cujo principal motivo de viagem foi o científico (Rodrigues, 2019, p. 346).

É assim que começa o surgimento daquela que viria a ser chamada de literatura de viagem. O visitante britânico aportava à Ilha, registava as suas observações e desenhava plantas, paisagens e monumentos e quando chegava a casa tratava da sua publicação.

Em Rodrigues (2019, p. 351) verificamos as estatísticas dos visitantes britânicos na Ilha da Madeira, conforme tabelas abaixo:

Período	Visitantes		Ocupação	%
	Nacionalidade	%		
1800-1825	Ingleses	56	Botânico	21
	Alemães	24	Escritor	17
	Noruegueses	4	Médico/Cirurgião	14
	Italianos	4	Cientista	11
	Dinamarqueses	4	Naturalista	8
	Nac. desconhecida	4	Explorador	8
1826-1850	Ingleses	49	Escritor	24
	Alemães	20	Botânico	16
	Americanos	8	Médico	14
	Dinamarqueses	6	Naturalista	8
	Franceses	5	Geólogo	6
	Austríacos	1	Cientista	5
	Espanhóis	1	Militar	5
	Italianos	1	Meteorologista	4
	Polacos	1	Artista	2
	Prussianos	1	Ornitólogo	2
	Suíços	1	Paleontólogo	2
	Nac. desconhecida	6	Poeta	2
1851-1875	Alemães	40	Botânico	16
	Ingleses	24	Escritor	15
	Austríacos	10	Médico	14
	Franceses	7	Cientista	11
	Portugueses	5	Geólogo	6
	Suíços	1	Explorador	4
	Polacos	1	Zoólogo	4
	Nac. desconhecida	12	Meteorologista	4
			Naturalista	3
Paleontólogo			3	
Filósofo			3	

Tabela 1. Número de visitantes na Ilha da Madeira entre os anos 1800-1875, a nacionalidade e ocupação.¹¹

¹¹ Retirado de: Rodrigues, 2013, p. 351.

1876-1900	Alemães	30	Escritor	18
	Ingleses	21	Botânico	17
	Franceses	11	Médico	9
	Austríacos	5	Naturalista	7
	Portugueses	4	Explorador	6
	Belgas	4	Zoólogo	5
	Italianos	2	Cientista	4
	Americanos	2	Ornitólogo	4
	Dinamarqueses	2	Diplomata	2
	Outros	7	Entomólogo	2
	Nac. desconhecida	12	Meteorologista	2
			Militar	2
Oceanógrafo			2	

*Tabela 2. Número de visitantes na Ilha da Madeira entre os anos 1876-1900, a nacionalidade e ocupação.*¹²

Através das tabelas acima é possível verificar que os visitantes ingleses e os alemães são a maior fatia no número de visitantes. No que diz respeito às suas profissões estas apresentam alguma oscilação, desde médicos a militares e botânicos. No entanto, é fácil aperceber-se que todos eles são pessoas formadas, independentemente da área de estudo. A Madeira continua a registar uma grande afluência do turismo britânico. Ainda que não tão significativo como no passado, devido à atual pandemia mundial, mas juntamente com o alemão, constituem a maior fatia dos visitantes estrangeiros.

Na RAM, o número de dormidas no alojamento turístico global em 2019 aproximou-se dos 8,5 milhões. Os residentes no estrangeiro contribuíram com cerca de 7,4 milhões de dormidas (-4,1% que em 2018), representando 87,6% do total, enquanto os residentes em Portugal originaram 1,1 milhões de dormidas (+8,5%), ou seja, cerca de 12,4% do total. Os residentes em Portugal contribuíram com cerca de 1,0 milhões de dormidas, traduzindo-se num acréscimo homólogo de 8,5%. Estas dormidas concentraram-se

¹² Retirado de: Rodrigues, 2013, p. 352.

sobretudo nos hotéis (60,0%), no alojamento local (18,1%) e nos hotéis-apartamentos (15,6%). O mercado nacional foi o terceiro mais importante, atrás do alemão e britânico, representando 12,5% do total. Os estrangeiros não residentes originaram cerca de 7,1 milhões de dormidas (87,5% do total), correspondendo a um decréscimo de 4,3% nesta variável em comparação com o ano precedente. Os principais mercados emissores foram a Alemanha, Reino Unido, França, Países Baixos, Polónia, Dinamarca e Suécia, que concentraram 78,1% das dormidas de estrangeiros não residentes.¹³

4.6. Conclusão

A Ilha da Madeira tornou-se um polo de interesse britânico pelas agradáveis condições climáticas propícias ao cultivo e desenvolvimento de diversas plantações como a cana-de-açúcar e a vinha e também à cura de enfermidades especialmente ligadas à respiração por possuir uma temperatura amena e um ar húmido tropical, muito diferente do frio e ar seco de Londres.

O século XIX presenciou, ainda, um outro tipo de visitantes, os que procuraram uma solução para os seus problemas de saúde, movidos pela celebridade das qualidades terapêuticas do clima madeirense. Esta afluência originou inúmeros testemunhos e guias para inválidos, onde as informações sobre a Ilha sucediam-se, com carácter de aconselhamento para uma permanência ideal (Rodrigues, 2019, p. 346).

Por outro lado, os madeirenses viam nos britânicos um escape à fome e pobreza uma vez que estes desenvolveram diversas plantações e empregaram milhares de locais. Os britânicos facultavam a experiência adquirida na sua terra para a gestão dos negócios

¹³ Retirado de: <http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/info-uteis/informacao-turistica-regional>

e da agricultura e os madeirenses providenciavam a mão de obra.

O contexto histórico e político da Madeira aquando do século XIX providenciou bases a que a comunidade inglesa se instalasse. Os madeirenses viviam tempos de fome e pobreza e precisavam de apoio nesse sentido. Por outro lado, a Madeira sofria também investidas francesas, que viam a Ilha como um local propício ao comércio e ao desenvolvimento agrícola, o que acelerou o processo de ocupação britânica de forma a defender o território. Desde então, as relações britânicas e portuguesas têm estado muito próximas, com um grande número de residentes britânicos na Ilha. Alguns permaneceram devido às relações anteriormente estabelecidas como as famílias ligadas à produção da vinha e à indústria vinícola, já outras vieram pelo conhecimento da presença dos seus conterrâneos. Atualmente, residem mais de um milhar de britânicos na Madeira, consolidando todo o passado histórico e cultural e cultivando o seu legado na Ilha. Estes, frequentam a Igreja Britânica com as sessões em língua inglesa e utilizam os serviços do Cemitério Inglês que possui jazigos de várias famílias britânicas muito conhecidas. Além disso, dinamizam concertos de bandas inglesas que convidam à Madeira para atuações usualmente nos espaços reconhecidamente de tradição britânica. No que diz respeito à saúde, apesar de já não existir nenhum espaço médico exclusivamente dedicado aos britânicos, conseguem adquirir alguns produtos ingleses na Farmácia Botica Inglesa.

A tradição de afluência inglesa, conforme explorado na secção anterior, demonstra que a maior parte dos visitantes à Ilha eram indivíduos instruídos como médicos e cientistas, que, por sua vez, contribuíram com os seus conhecimentos ao longo dos anos para o desenvolvimento de diversos setores económicos. Os madeirenses não são alheios a este fenómeno sociolinguístico e reconhecem as áreas, locais e monumentos provenientes de um passado-presente que ainda hoje é possível ver.

No que diz respeito ao turismo britânico, este é de muito relevo na tradição turística à Madeira uma vez que os britânicos são um dos maiores grupos de turismo que afluem à Ilha.

Com o desenvolvimento das tecnologias, o turismo transformou-se numa das mais

importantes atividades da economia global. Ele constitui, de facto, a força vital para o desenvolvimento de muitos países, regiões ou localidades. Na Ilha da Madeira ele constitui o principal motor de desenvolvimento da atividade económica. A singularidade da ilha, associada especialmente à paisagem natural e cultural, atrai turistas de diversas partes do mundo. O turismo na Madeira teve o seu início no século XV. Porém, a atividade turística só assumiu uma maior consistência nos finais do século XVIII e princípios do século XIX. Os dois principais mercados emissores do turismo, desde o século XV, continuam a ser o Alemão e o Inglês (Marujo, 2013, p.1).

A tradição turista britânica deve-se não só ao passado comum histórico, mas também à posição geográfica estratégica que liga Inglaterra à Ilha. Estes turistas procuram pelo bom tempo, pelas condições meteorológicas agradáveis, pela gastronomia regional e alguns assistem inclusive às sessões religiosas da Igreja Inglesa e aos seus concertos. Por outro lado, os madeirenses estando cientes desta realidade, procuram oferecer serviços em língua inglesa não só como um reflexo da globalização da língua inglesa, mas também como uma consciencialização da presença dos britânicos.

5. Metodologia e procedimentos

5.1. Introdução

No que diz respeito à investigação em sociolinguística, a metodologia utilizada é um processo muito importante do trabalho de investigação uma vez que a partir dela serão definidos critérios e tomadas decisões nas quais se concentrarão toda a investigação. De acordo com Backhaus (2007, p. 65), o procedimento de recolha de dados compreende duas condições, nomeadamente, a unidade de análise e a determinação dos limites geográficos.

O primeiro passo foi a definição da unidade de análise. Este estudo empírico foi baseado na coleção fotográfica de todas as amostras linguísticas encontradas no espaço selecionado. A codificação ou categorização dessas amostras é uma das etapas mais importantes e, ao mesmo tempo, mais difíceis deste processo, pois surgiram algumas questões de metodologia. Gorter (2006) abordou também algumas dessas dúvidas aquando do seu trabalho de investigação: Onde tirar fotos e quantas? A amostra coletada é representativa de toda uma cidade, área ou ponto de pesquisa?

No passado, alguns investigadores assumiram, por exemplo, uma loja como um sinal linguístico, desconsiderando publicidades, papéis escritos à mão e colados na janela, grafites, entre outros. A falta de consistência por parte do investigador pode trazer vários problemas na interpretação de resultados e provocar conclusões erradas. Desta forma, para este estudo, a unidade de análise é a unidade de sinal linguístico separado. Esta pode ser uma palavra, uma frase ou um sinal informativo que diga respeito à mesma informação. Isto significa que se numa montra de uma loja tiver o nome dessa loja, um cartaz promocional ou indicações de horário, estas corresponderão a distintos sinais linguísticos. A vantagem deste método é que os sinais serão facilmente contáveis e categorizados.

O método e os critérios utilizados por diferentes investigadores ao longo dos anos são variáveis, levando em consideração as cidades e/ou países sob análise e a variedade linguística de cada local. Huebner (2006) e Backhaus (2006), por exemplo, limitaram o seu estudo às áreas de Bangucoque (Tailândia) e Tóquio (Japão) e, novamente, limitaram

essas mesmas cidades a áreas que consideravam representativas. Mais uma vez, após a seleção dessas áreas, eles procederam à seleção das ruas. Huebner (2006) coletou amostras de 15 bairros urbanos e rurais e Backhaus (2006) analisou 28 estradas. Como Huebner (2006) destaca, a amostra não precisa necessariamente apresentar toda a composição linguística da cidade, mas deve apresentar pelo menos a variedade que a cidade exhibe. Aqui entra a importância da seleção prévia de locais pelo investigador. Deve investigar-se quais as zonas que podem ser mais representativas e que permitem uma melhor e mais fácil compreensão e comparação. Neste caso, as ruas escolhidas dentro da Zona Velha do Funchal, não foram aleatórias e correspondem às ruas mais movimentadas tanto por residentes como por turistas e são as que fornecerão uma maior amostra linguística.

Outra questão também variável e controversa está relacionada ao objeto do estudo em si. De acordo com a definição exposta acima, a PL pode ser entendida como qualquer objeto ou signo linguístico que marca o espaço público. Ainda assim, essa definição pode levar a interrogações de resposta difícil como o que poderá constituir a unidade de análise. Estará na mesma linha de comparação, um sinal de trânsito, um cartaz e um veículo com texto que está passando na rua? Daí a importância de desenvolver uma classificação que separe por categorias os sinais linguísticos registados e analisados. Backhaus (2006) considerou apenas os sinais multilíngues, portanto, dos 12000 sinais registados, considerou apenas cerca de 2400. Cenoz & Gorter (2006) escolheram uma rua para grandes áreas comerciais e Ben Rafael *et al* (2006) e outros conduziram o seu estudo em zonas religiosas e depois localidades de atividade comercial e instituições públicas.

Tendo em conta a metodologia adotada por estes investigadores, conclui-se que a seleção das áreas de estudo está relacionada com o propósito do estudo em si. Duas primeiras categorias presentes na maioria dos estudos estão relacionadas ao conteúdo dos sinais: *top down* (de cima para baixo) e *bottom up* (de baixo para cima), que correspondem a sinais públicos ou governamentais e privados, respetivamente. Calvet (1994) referiu-se aos sinais governamentais e privados como componentes *in vitro* e *in vivo* da PL. Estes termos fazem uma distinção global entre o que é escrito pela autoridade (os nomes das ruas ou sinais de regras de trânsito pelo governo) e aqueles que são escritos pelos cidadãos (a denominação de lojas, grafite, comercial, entre outros).

Em estudos mais recentes, como por exemplo, em Clemente (2018) foi realizado um levantamento fotográfico documental da PL de Aveiro e realizou-se uma análise de conteúdo e de discurso. Foram selecionadas as áreas mais significativas de acordo com a investigadora e foram também realizadas entrevistas aos proprietários dos espaços, procedendo-se a um estudo das mesmas para esclarecer quais as razões para organização e seleção linguística. Em Berger & Lecheta (2019), ao trabalhar sobre a PL de um campus universitário fronteiriço no Brasil e eventuais relações de poder, as investigadoras procederam à recolha de fotografias dos muros e paredes dos espaços de circulação pública do campus e examinaram esses elementos de forma a determinar reflexos da necessidade de visibilidade de certos grupos. Os investigadores Da Silva *et al* (2016) captaram imagens fotográficas de distintos locais públicos da cidade de Foz do Iguaçu, analisando as funções informativas e simbólicas dos sinais que descobriram e sugeriram tratar-se de uma PL com influência dos processos de globalização. Ainda, em Rodrigues (2020) verifica-se a utilização de uma metodologia semelhante. A investigadora recolheu imagens de placas e letreiros de estabelecimentos comerciais localizados próximo da fronteira entre o Brasil e a Colômbia, apresentando um estudo de caso com base nos conceitos de PL de diversos autores.

Visto que este estudo pretende analisar a possível influência da ocupação britânica na Ilha da Madeira através da análise da PL do Funchal, inserida na freguesia de Santa Maria Maior e Sé, a metodologia mais adequada encontrada foi a definida por Ben-Rafael *et al* (2006, pp. 19-21) como mencionado anteriormente.

Em seguida, apresentamos uma tabela com as categorias descritas acima:

Categoria	Tipo de item
<i>Top down</i>	Sinais institucionais, governamentais, municipais, culturais, educacionais e/ou outros
	Nomes de ruas
<i>Bottom up</i>	Sinais comerciais (vestuário, restauração, e/ou outras lojas)
	Sinais de negócios privados (empresas e/ou outros)
	Sinais de anúncios privados (vendas, aluguer de carros/casas e/ou outros)

Tabela 3. Categorização top down e bottom up de acordo com a proposta de Ben-Rafael et al (2006).

Categoria/Língua	Português	Inglês	Outras
<i>Top down</i>			
<i>Bottom up</i>			

Tabela 4. Categorização top down e bottom up por língua (número de itens).

São alguns os constrangimentos em abraçar um projeto desta natureza, seja pela tensão social decorrente de se fotografar espaços públicos e privados perante a presença de proprietários, funcionários e clientes e o desconhecimento destes ao objetivo desse registo e possíveis consequências, seja pela dificuldade em categorizar sinais linguísticos com base em critérios do passado que não compreendem a realidade do estudo linguístico na análise paisagística atual. Por exemplo, o que pode ser considerado como um “sinal de interesse público”? Ou um “anúncio público”? Como se categorizam autocolantes de iniciativas e ou candidaturas políticas coladas em paredes ou sinais de trânsito? Se, por um lado, há sinais imediatamente identificáveis na categoria correspondente, como, um sinal religioso, outros carecem de maior consideração e análise.



Figura 7. Igreja Evangélica.



Figura 8. Vote Edgar Silva.

Daí, surgiu a necessidade de definir o que foi considerado para cada item das tabelas utilizadas. Assim, na categoria *top down*, em instituições públicas (religiosas, municipais, culturais e educacionais) foram consideradas igrejas, escolas, lojas do cidadão, museus, postos de correio e estações policiais, entre outras entidades governamentais; em sinais de interesse público foram considerados mapas presentes nas ruas ou identificadores de pontos interessantes a visitar ou próximos; em anúncios públicos foram considerados cartazes de votação eleitoral regional.

No que diz respeito à categoria *bottom up* (vestuário, restauração e/ou outras lojas), em sinais comerciais, foram considerados os sinais presentes em lojas de roupa e restaurantes; em sinais de negócios privados (empresas e/ou outros) foram considerados sinais em cabeleireiros, empresas de advogados, empresas de passeios turísticos e outras lojas comerciais de venda de bens e produtos e sinais de anúncios privados (vendas, aluguer de carros/casas e/ou outros).



Figura 9. Sinal top down (sinal de interesse público) - direções para pontos de interesse na “R. Brigadeiro Oudinot”.

Foi também realizado um esquema de codificação baseado em Ben-Rafael *et al* (2001), Cenoz & Gorter (2006) e Gorter (2006), que desenvolveram uma grelha com uma categorização especial, distinguindo o número de línguas nos sinais, a frequência de cada língua no sinal, classificação *top down* e *bottom up*, a composição dos sinais, o tamanho das línguas nos sinais bi e multilingues e apresentaram um quadro com todas as línguas encontradas.

Por fim, como explica Camajoan (2013, p.11) a vantagem de tirar fotografias detalhadas aos estabelecimentos é obter informações pormenorizadas acerca dos sinais, no entanto, surge a desvantagem de desassociar o estabelecimento ao local e às suas circunstâncias. Assim sendo, sempre que possível, foram retiradas fotos em pormenor ao sinal linguístico e outras aos locais onde estes se encontravam.

5.2. Estudo de caso e coleção de dados

No que diz respeito à metodologia de coleção de dados, esta consistiu na recolha fotográfica dos sinais linguísticos detetados nas áreas seleccionadas, nomeadamente, através de 3 dispositivos: *smartphone* Samsung S8, câmara fotográfica Canon 100D e drone DJI Mavic 2 Pro.

O *smartphone* Samsung S8 foi utilizado com o objetivo de ativar a localização GPS e permitir a criação de etiquetas de informação geográfica de cada fotografia. A vantagem desta técnica é que com o acumular de fotografias num mesmo dia de recolha poderia ser difícil identificar a rua ou localização de cada uma delas e, desta forma, é fácil verificar em que rua aquela fotografia foi tirada e etiquetá-la corretamente. Assim sendo, procedeu-se à ativação dos recursos de localização geográfica do dispositivo e iniciou-se a recolha fotográfica.

Com o início da reportagem de fotografia, verificou-se que embora o *smartphone* Samsung S8 permitisse a localização geográfica dos sinais linguísticos identificados, a fotografia perdia qualidade quando recolhida demasiado longe do objeto. Esta foi uma desvantagem deste dispositivo porque era necessário não só recolher as fotografias dos sinais como dos espaços em que estes se encontravam, de forma a contextualizá-los. As fotografias tiradas à distância perdiam qualidade e em muitas delas não era possível ler o sinal linguístico, uma vez que este ficava desfocado.

Desta forma, a câmara Canon 100D permitiu recolher imagens com grande qualidade e analisá-las posteriormente no computador. Facilitou ainda a recolha dos sinais linguísticos à distância (*Cf.* Fig. 10), proporcionando uma maior contextualização do local onde se encontravam e também a recolha com grande qualidade nas fotografias próximas (*Cf.* Fig. 11).



Figura 10. Sinal linguístico top down recolhido à distância.



Figura 11. Sinal linguístico top down recolhido a uma distância próxima.

A utilização da câmara fotográfica Canon 100D surge como uma resposta eficiente à falta de qualidade das imagens anteriormente tiradas. Desta forma, foi também feita uma recolha com este dispositivo, confrontando as fotos deste com as localizações registadas anteriormente.

Por fim e devido à necessidade de verificar e exhibir todas as ruas percorridas onde os dados foram recolhidos, procedeu-se à captura fotográfica área através do drone DJI Mavic 2 Pro. Através deste dispositivo, foi possível recolher fotografias das ruas e edifícios considerados neste estudo e ainda mostrar a sua localização geográfica central na cidade do Funchal.



Figura 12. Fotografia de drone DJI Mavic 2 Pro do centro do Funchal.

Definida a estratégia de coleção de dados, esta concluiu-se em aproximadamente quatro meses, uma vez que para além da recolha fotográfica, foi também realizada uma visita de estudo prévia às ruas e aos locais pretendidos, como é o caso dos edifícios e monumentos registados, cujos espaços e responsáveis foram visitados e abordados de forma a adquirir mais informação sobre os mesmos.

Todos os dados recolhidos foram devidamente identificados e arquivados em pastas *online* de forma a serem consultados com facilidade e rapidez.

5.3. A unidade de análise

No que diz respeito à unidade de análise esta consistiu no sinal linguístico individual, o que significa que cada sinal foi identificado como corresponde a uma unidade de análise – uma informação - podendo ser uma palavra, uma frase, informação semelhante ou relativa ao mesmo assunto ou um símbolo, podendo ser apresentados no nome de um restaurante, numa placa informativa, num menu ou até num horário de funcionamento.



Figura 13. Sinais linguísticos bottom up em inglês.

Para a figura 13 assinalamos dois sinais linguísticos *bottom up* em inglês uma vez que apesar de estarem colocadas no mesmo material e apresentarem-se na mesma língua, referem-se a duas informações. Uma informa de que se trata de um local de “provas de vinho” (“wine tasting”) e a outra informa que “os visitantes são bem-vindos” (“visitors

are welcome”). Quando a mesma informação é apresentada em línguas diferentes, esta é contabilizada como um único sinal linguístico em duas, três ou mais línguas em que se apresenta. Ainda sobre a figura 13 é possível acrescentar que o material em que se apresenta e por estar colocado na parte exterior do espaço comercial demonstra a importância em transmitir uma informação apresentável que incite os visitantes a entrar, e neste caso, é apresentado em madeira para resistir ao sol e ao mau tempo, conforme destacado por Scollon & Scollon (2003). Por outro lado, a informação providencia dados sobre a quem o sinal é dirigido: “Visitors are welcome”. A função informativa deste sinal, uma das mais cruciais na análise dos sinais da PL, informa que este sinal em língua inglesa é dirigido aos visitantes estrangeiros (turistas) que por ali passem e desejem realizar uma prova de vinho Madeira.



Figura 14. Sinal linguístico bottom up em português e inglês.

Para a figura 14, assinalamos um sinal linguístico em duas línguas, neste caso, em português e em inglês uma vez que toda a informação presente é relativa à nomenclatura desse espaço comercial. Nos casos em que uma mesma montra, loja, restaurante ou qualquer espaço comum possua informações distintas umas das outras, ainda que no mesmo local, estas contabilizam-se separadamente. Ainda que surjam na mesma fotografia, o método aplica-se.



Figura 15. Sinais linguísticos distintos presentes na mesma porta.

5.4. Distribuição geográfica

A seleção da área de estudo é uma das tarefas e responsabilidades maiores no que diz respeito ao estudo da PL. A escolha de certas ruas ou zonas em detrimento de outras pode dar provocar a obtenção de resultados muito díspares. Cabe ao investigador a decisão de delinear a área que mais se adequa ao propósito do estudo. Desta forma, é muito pertinente que este conheça bem o espaço a que propõe estudar. No caso de não ser um nativo acostumado com as particularidades da localidade e as suas condicionantes sociais, é imperativo uma análise prévia e entrevista com alguns residentes, de forma a combinar os objetivos do estudo com as informações facultadas.

Uma vez que, para este trabalho, a cidade, ruas e circunstâncias sociais, históricas e culturais já eram bem conhecidas, o primeiro passo para a criação da distribuição geográfica passou pela seleção da área de estudo. Assim sendo, esta incidiu pela cidade do Funchal uma vez que é a capital da Ilha da Madeira e onde se concentra a maior parte dos serviços governamentais e onde tem lugar uma grande parte da vida comercial e profissional dos madeirenses. Após esta escolha, procedeu-se à averiguação das ruas mais

movimentadas e, entre essas, as que ainda manifestam evidências da ocupação britânica através da presença de nomes ingleses na toponímia, edifícios, monumentos ou serviços. Desta forma, foram selecionadas as seguintes 32 ruas: Rua 5 de Outubro, Rua da Carreira, Rua João de Deus, Rua do Carmo, Rua Fernão de Ornelas, Rua das Pretas, Rua de S. Francisco, Avenida Arriaga, Rua 31 de Janeiro, Avenida Calouste Gulbenkian, Rua dos Ferreiros, Avenida Zarco, Rua Câmara Pestana, Rua do Castanheiro, Via 25 de abril, Rua do Quebra Costas, Rua dos Netos, Rua de S. Pedro, Avenida Sá Carneiro, Rua de Santa Maria, Rua Bela de São Tiago, Rua D. Carlos I, Travessa do Ribeirinho, Travessa dos Escaleres, Rua Latino Coelho, Rua da Boa Viagem, Rua Hospital Velho, Rua José da Silva “Saca”, Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses, Rua Casa da Luz e Rua Brigadeiro Oudinot.

5.5. Análise de dados

A análise de dados baseou-se nos esquemas de codificação, em critérios de categorização *top down* e *bottom up*, tipos e visibilidade dos sinais, línguas e combinações de línguas. Estas questões serão exploradas abaixo.

5.5.1. Esquemas de codificação

Quanto à codificação dos sinais linguísticos esta diz respeito à forma como os sinais linguísticos são apresentados e categorizados. Kress & Van Leeuwen (2006, p. 4) afirmam que “visual language is not – despite assumptions to the contrary – transparent and universally understood; it is culturally specific”. Daí se compreende que de um mesmo sinal seja possível obter entendimentos diferentes de pessoas diferentes. Assim, é importante criar esquemas de codificação coesos que apresentem o máximo possível de informação acerca de um sinal. Alomoush (2015, p. 105) afirma que desenvolver

esquemas de codificação contribui para o desenvolvimento de uma metodologia sustentável nos estudos da PL, mesmo que esta não esteja livre de dificuldades e desafios. O autor destaca que um grave problema na escolha dos esquemas de codificação tal como mencionado em trabalhos de estudiosos do passado é o mesmo que acontece com a definição da unidade de análise: não é consensual. Não existem definições da unidade de análise partilhadas por investigadores tal como não existem partilhas de esquemas de codificação que possam ser utilizados de forma abrangente e consistente por todos aqueles que se propõem a estudar o tema.

Uma das formas para se começar a elaborar um esquema de codificação, como sugerido por Ben-Rafael *et al* (2006) é criar algumas categorias básicas e partir desse ponto. Ao analisar um sinal e verificar-se que pertence a uma categoria que não existe, basta adicioná-la. O que nos leva a uma das vantagens em não existir esquemas de codificação universais, uma vez que cada trabalho resulta de circunstâncias específicas e cabe a cada investigador analisá-la da melhor forma.

De acordo com Alomoush (2015, p. 105) algumas das categorias que podem ser incluídas nos esquemas de codificação são os nomes das ruas, a cidade, o número de línguas, sinais monolíngues, sinais bilingues, sinais multilíngues, origem do sinal, primeira língua a surgir no sinal, sinais duplicados, sinais complementários, sinais fragmentados ou sobrepostos, sinais multilíngues disfarçados e sinais incomuns na língua inglesa.

Each of the researchers here distinguishes between top-down and bottom-up. That dimension refers to a difference between official signs placed by the government or related institution and nonofficial signs put there by commercial enterprises or by private organisations or persons. For each, a sign coding scheme has to be developed, where a researcher can decide to make it more or less elaborated. This scheme includes elements such as how language appears on the sign, the location on the sign, the size of the font used, the number of languages on the sign, the order of languages on multilingual signs, the relative importance of languages, whether a text has been translated (fully or partially), etc. Ben Rafael et al. have developed a coding scheme that contains 16 variables; this scheme was also applied by Cenoz and Gorter (Gorter, 2006,

p. 3).

Para a realização deste trabalho o esquema de codificação consistiu na categorização *top down* e *bottom up* de Ben-Rafael *et al* (2006), distinguindo os tipos de sinais entre comerciais e institucionais e sinais monolíngues.

5.5.1.1. Critérios de categorização *top down* e *bottom up*

No que diz respeito aos critérios de categorização *top down* e *bottom up* estes seguiram o esquema sugerido por Ben-Rafael *et al* (2006), separando os sinais governamentais e públicos dos sinais comerciais e privados.

One first step to put some order in the analysis of LL consists in distinguishing top-down and bottom-up flows of LL elements, that is, between LL elements used and exhibited by institutional agencies which in one way or another act under the control of local or central policies, and those utilised by individual, associative or corporative actors who enjoy autonomy of action within legal limits. The main difference between these two wide categories of LL elements resides in the fact that the former are expected to reflect a general commitment to the dominant culture while the latter are designed much more freely according to individual strategies. Both categories of LL items, however, offer themselves to the public who walks through, perceives and interprets the LL (Gorter, 2006, p. 10).

Como explorado por Gorter (2006), a diferenciação entre os sinais *top down* e *bottom up* permite obter uma visão do compromisso geral da comunidade com a cultura linguística dominante, ou seja, qual ou quais as línguas que surgem no panorama público regulamentado pelas autoridades e os sinais *bottom up* que pelo seu carácter mais

subjetivo são esboçados com maior liberdade.

Assim, dada a sua importância, para este estudo foi criada uma tabela com duas colunas: sinais *top down* vs sinais *bottom up* distinguindo os sinais que foram surgindo ao longo da recolha fotográfica e registando as línguas e a forma como que estes apareciam. Desta forma, na categoria *top down* foram assinaladas instituições públicas e espaços de serviços públicos como finanças, departamento de águas e loja do cidadão; instituições religiosas como igrejas ou centros religiosos de outras religiões; instituições culturais como museus, exposições e galerias de arte públicas; instituições educacionais como escolas, centros de dia e lares; sinais de interesse público como placas informativas ou indicativas e sinais de nomes de ruas. Quanto à categoria *bottom up*, foram assinalados sinais de lojas de roupa, restaurantes, escolas de música e arte, lojas de joalheira, tapeçaria, sapataria e todas as referentes a espaços comerciais; sinais de negócios particulares como escritórios de advogados, arquitectos, designers e professores de explicações; sinais de fábricas e empresas privadas; sinais de agências de viagem e transportes; anúncios públicos de “procura-se” casa, apartamento, carro ou um animal perdido; anúncios privados de publicidade e vendas e, por fim, anúncios de alugueres de carro ou alojamentos.

5.5.1.2. Tipos e visibilidade dos sinais e combinações de línguas

Os tipos e a visibilidade dos sinais referem-se à forma como a informação é colocada ou anunciada no espaço público. Reh (2004, p. 8) destaca a duplicação, a fragmentação, a sobreposição e outros complementos escritos como os principais tipos de sinais multilíngues que podem ser encontrados nas localidades.

A duplicação dos sinais linguísticos refere-se à existência da mesma informação ou sinal em línguas distintas, supondo que a comunidade na qual se insere é bi ou multilíngue. No entanto, o surgimento da duplicação poderá ter também um sentido mais profundo como um reflexo do fenómeno turístico ou comercial. Isto quer dizer que nem

todos os indivíduos de uma determinada localidade serão abrangidos por uma única língua e os que se identificarem poderão ser precisamente visitantes.



Figura 16. Sinal bilingue duplicado.

No que diz respeito à fragmentação esta refere-se aos sinais linguísticos cujo texto completo ou informação total surge em apenas uma língua e as outras línguas apresentam informações parciais do mesmo texto. Isto pode acontecer em alguns contextos em que o originador do sinal foca num grupo linguístico em específico por percecioná-lo como o “público-alvo” e emite sinais linguísticos incompletos para os que não considera tão fundamentais ou importantes à comunicação que pretende transmitir.



Figura 17. Sinal bilingue fragmentado.

Neste caso, verifica-se que apesar da língua portuguesa surgir em primeiro lugar, a informação na língua inglesa é muito mais pormenorizada e completa. Em português, observamos um “Pedimos desculpas” que encontra a sua tradução da seguinte forma: “We apologise for any inconvenience”. O sinal é fragmentado porque a forma portuguesa não contém a razão pela qual se desculpam, neste caso, “por qualquer inconveniente”. O mesmo se vê na informação seguinte: “Prometemos ser breves”. Ao ler esta frase, o cliente poderá questionar-se se serão breves a abrir o espaço comercial ou a terminar os trabalhos. O mesmo não sucederá ao cliente que leia a informação em inglês: “and hope to complete the work soon”, que traduzido significa “esperamos completar o trabalho brevemente”. Por outro lado, na versão portuguesa têm certeza de que serão breves (“Prometemos ser breves”), enquanto que na versão inglesa têm apenas a expectativa de ser breves (“and hope to complete the work soon”). A razão pela qual a língua inglesa apresenta mais informações sobre a situação daquele local poderá estar relacionada com esse ser um espaço de provas de vinho madeira, muito frequentado por turistas que não falam português.



Figura 18. Sinal bilingue fragmentado na Rua de Santa Maria do Funchal.

O mesmo se verifica numa loja de roupa na Rua Santa Maria em que a informação portuguesa “tudo a 5€” é fragmentada porque não informa, como o faz em inglês, que o cliente poderá “misturar e combinar” peças. (Cf. Fig. 18)

Quanto à sobreposição dos sinais esta diz respeito à parte da informação presente num sinal linguístico que é traduzida em pelo menos mais uma língua e as outras partes do texto ou da informação têm de ser lidas ou interpretadas a partir da única que contém todos os dados. Este tipo de utilização providencia informações suficientes aos leitores monolíngues e não incomoda os leitores multilíngues pela repetição desnecessária do que o sinal pretende transmitir. Por outro lado, também não está a providenciar uma vantagem a estes leitores por facultar mais informações que aos leitores monolíngues.



Figura 19. Sobreposição da língua portuguesa em sinal multilingue.

Na figura 19 podemos observar que o serviço e informação “massagem geral” é traduzida em inglês, alemão e francês, mas os seguintes tipos de massagem apresentam-se exclusivamente em português.

Por fim, outros complementos escritos referem-se a textos em que distintas partes da informação surgem em línguas diferentes e é necessário que os leitores sejam multilíngues capazes de ler os textos apresentados. No estudo que realizou em Tóquio, Backhaus (2007, p. 461) apresentou também quatro categorias referentes aos tipos de

sinais do espaço público:

Although Tokyo is a largely monolingual society with only 3.6% registered foreign residents, the city presents a surprisingly multilingual landscape. Then, Backhaus answers to the question of whether a given sign in the streets of Tokyo is multilingual more with regard to people with non Japanese backgrounds or more with regard to the Japanese host population. Borrowing terms from the musicology, he refers to this problem as part writing. Transferring the notions ‘monophonic,’ ‘homophonic’ and ‘polyphonic’ to language on signs, the author distinguishes equivalent categories: 1. Signs that display texts constituting a complete translation (or transliteration) of each other are homophonic signs; 2. In a mixed part writing style only content elements of a sign are available in two or more languages; 3. Signs with several languages that do not constitute mutual translations are polyphonic in style; 4. Signs with only one language are monophonic signs.

Backhaus (2007, p. 461) decidiu que quando a tradução ou transliteração está disponível, o sinal foi desenhado a pensar em pessoas estrangeiras. Cabe a cada investigador interpretar os dados apresentados e relacioná-los com a comunidade na qual se inserem. O autor realça a existência de quatro tipos de sinais, sendo estes “homophonic”, “mixed”, “polyphonic” e “monophonic”.

Os sinais “homophonic” são sinais que exibem textos com uma tradução completa. Nos sinais “mixed” os elementos do sinal estão disponíveis em duas ou mais línguas. Os sinais “polyphonic” referem-se a sinais com várias línguas cujas traduções não são equivalentes. Por fim, quando os sinais se apresentam em uma única língua estes são chamados de “monophonic”.

No que diz respeito à visibilidade dos sinais, estes podem ser sinais multilíngues visíveis ou encobertos (Reh, 2004, p. 4). Os sinais visíveis encontram-se presentes no mesmo item da PL enquanto que os encobertos, também descritos como sinais monolíngues múltiplos, estão escritos em apenas uma língua. Isto significa que o mesmo texto é dirigido a diferentes grupos linguísticos.

5.5.2. A amostra e as suas limitações

Para abordar a questão da amostra e as suas limitações é importante relembrar o propósito da presente investigação, sendo esta o estudo da PL da cidade do Funchal sob a perspetiva histórica e linguística da ocupação britânica na Ilha da Madeira e a análise da possível influência desta ocupação na atualidade. Desta forma, para compor a amostra, o critério de selecção das ruas baseou-se nas áreas que ainda é possível verificar atividade ou vestígios da presença britânica. Por outro lado, uma vez que a investigação pretendia confirmar a presença do inglês enquanto língua de ocupação e não turística, foi necessário recolher amostras tanto das áreas mencionadas como das mais turísticas, com restaurantes, bares e cafés e outros pólos turísticos atrativos de forma a confrontá-las e poder tirar conclusões das eventuais diferenças ou semelhanças.

Desta forma, é possível verificar que uma das limitações desta investigação está relacionada com o propósito do estudo em si. Devido aos seus objetivos, este trabalho focou-se mais na abordagem *top down* e *bottom up* de Ben-Rafael *et al* (2006) e nas relações de estatuto e poder entre o inglês e o português do que no estudo de outros critérios de categorização como já mencionados, nomeadamente, o tipo e visibilidade dos sinais e um estudo aprofundado dos sinais multilingues.

Além disso, como já mencionado uma outra das limitações está relacionada com o investigador que conduz o trabalho, porque tal como os outros indivíduos, também condiciona as suas conclusões às suas percepções, valores, crenças e conhecimentos. Seria interessante que os mesmos dados fossem analisados por outros investigadores com outras circunstâncias de estudo.

Uma outra limitação está relacionada com o surgimento da situação pandémica mundial provocada pelo aparecimento do vírus do SARS-COV 2. Esta investigação teve lugar em plena crise pandémica e alguns locais como, por exemplo, a Igreja Britânica e o Cemitério Britânico estavam com entradas condicionadas e por marcação para visitar, e este último, não permitia visitas nem por marcação pois estava completamente encerrado e era aberto exclusivamente para familiares ou para a celebração restrita de um funeral.

Por fim, este estudo não apresenta um trabalho da PL da cidade do Funchal mas sim um estudo à PL do Funchal subordinado ao tema da ocupação britânica e à forma como esta se reflete nos dias de hoje. Para um estudo exclusivo à PL do Funchal seria necessário proceder à escolha de outras ruas, a definição de outros objetivos e a escolha de uma abordagem metodológica distinta.

5.5.3. Considerações éticas e deontológicas

Em todas as investigações conduzidas com base em dados recolhidos no espaço público ou de pessoas é necessário ter alguns cuidados para respeitar as políticas de violação de dados e privacidade.

O olhar da ética na investigação abrange todas as etapas do processo de investigação, enquanto preocupação com a qualidade ética dos procedimentos e com o respeito pelos princípios estabelecidos. Do princípio ao fim do estudo, desde a pertinência do problema à validade dos resultados para o desenvolvimento do conhecimento, da escolha da metodologia adequada aos instrumentos e processos de colheita de dados, da existência de resultados anteriores às regras de publicação e divulgação dos resultados. Entre os requisitos básicos a considerar na avaliação ética de um projeto de investigação incluem-se a relevância do estudo, a validade científica, a seleção da população em estudo, a relação risco-benefício, a revisão ética independente, a garantia de respeito dos direitos dos participantes (especificamente, consentimento informado, esclarecido e livre bem como a confidencialidade e proteção dos dados) em todas as fases do estudo (Nunes, 2013, p. 5).

No que diz respeito à presente investigação, não foram realizados questionários nem conduzidas entrevistas, de modo que não foi necessário realizar nenhuma ficha de consentimento informado. No entanto, no que diz respeito à recolha fotográfica foi

solicitada permissão junto de cada estabelecimento para tirar fotografias aos menus ou cartazes expostos no espaço público.

Ao longo da recolha fotográfica surgiram alguns constrangimentos em fotografar o espaço público decorrente da ignorância dos outros transeuntes acerca do que se trata o trabalho ou para que fim é a fotografia. Foi necessária especial atenção para não tirar fotografias de pessoas e crianças a passar ou de clientes de espaços comerciais selecionados.

Como mencionado por Nunes (2013, p. 5) as questões éticas referem-se a todos os processos e passos necessários para conduzir a investigação, com a preocupação e qualidade dos procedimentos. Desta forma, todos os dados recolhidos tiveram por objetivo constituir um *corpus* de análise linguística e não prejudicar em nenhum momento nenhum dos espaços hoteleiros ou comerciais.

No que diz respeito à relevância e à qualidade do estudo, o trabalho foi conduzido com o intuito em contribuir positivamente para o crescimento da área de estudo, valorizando todos os intervenientes desde os que possibilitaram uma visita aos espaços necessários, aos que permitiram a recolha fotográfica e outros que ajudaram com algumas informações pertinentes e cedência de equipamento técnico. O trabalho foi ainda realizado com base em estudos validados pela comunidade científica e a sua metodologia igualmente aceite para esta tipologia de investigação.

De acordo com o Código de Conduta Ética na Investigação – ISCTE-IUL (2016, p. 3), os princípios gerais do código de conduta ética na investigação assentam em 5 fatores, sendo eles a honestidade, fiabilidade e rigor, objetividade, integridade e responsabilidade.

Quanto à honestidade, este fator está relacionado com a transparência e a clareza dos procedimentos, das informações, das interpretações e dos resultados obtidos, exibindo-os sempre com imparcialidade, franqueza, retidão e totalidade. Isto significa que é um dever do investigador apresentar todo o material e a sua exploração tal como ela é e não tentar adaptá-la aos seus desejos pessoais. Além disso, a honestidade passa também por ser franco quanto à origem das informações e à ajuda de outros intervenientes.

Referente ao fator da fiabilidade e do rigor, este trata do rigor com que o trabalho é dirigido e, portanto, quanta fiabilidade poderá ter. Quanto mais rigoroso e detalhado um trabalho for, maior será a sua fiabilidade e maior condições terá de ser publicado e divulgado a pessoas interessadas. Estas, têm de estar seguras de que a informação que estão a adquirir tem base fundamentada e é de confiança, o que mais uma vez se relaciona com a responsabilidade do investigador.

A objetividade também é um fator importante na medida em que é necessário que as interpretações sejam baseadas em dados verificáveis comprovados em estudos anteriores e sejam passíveis de repetição por qualquer um outro interveniente.

A integridade relaciona-se com a postura do investigador perante o processo da investigação, respeitando a sua metodologia e objetivos, ainda que encontre dados contrários ao seu propósito.

Por fim, a responsabilidade é um dos fatores mais importantes visto que vital apresentar um trabalho original bem definido e consciente do impacto que irá ter na sociedade, tanto nos intervenientes ativos como nos passivos. É muito importante levar em consideração qual o resultado da apresentação do estudo, uma vez que este não pretende denegrir nem prejudicar nenhum dos espaços ou pessoas envolvidas, mas sim expor um estudo transparente e fatural, baseado na veracidade e integridade das informações.

5.6. Conclusão

O capítulo 5 – Metodologia e Procedimentos – permitiu estabelecer o procedimento inicial para a recolha de dados que de acordo com Backhaus (2007, p. 65) compreende duas condições: a definição da unidade de análise e a determinação dos limites geográficos. No que diz respeito à unidade de análise esta foi identificada como cada signo linguístico individual que foi registado, podendo este ser o nome de um restaurante,

um menu, um panfleto, um nome de uma rua, um cartaz promocional ou até um grafite. Quanto à determinação do espaço geográfico esta foi selecionada tendo em consideração a zona central da cidade do Funchal, mais especificamente o centro dos serviços administrativos onde é possível encontrar evidências da ocupação britânica e a Zona Velha conhecida pelo elevado número de bares e espaços da restauração, onde afluem muitos turistas. O objetivo desta escolha esteve relacionado com a obtenção de dados diversificados que proporcionassem uma análise o mais completa possível à PL do Funchal.

Este capítulo abordou vários trabalhos realizados no passado que permitiram o estabelecimento de técnicas e decisões no que toca à análise de dados, aos esquemas de codificação, a amostra e as suas limitações e ainda considerações éticas e deontológicas na realização desta investigação.

6. Análise dos dados recolhidos

6.1. Introdução

Aquando das considerações metodológicas, consideramos que a análise dos sinais linguísticos *bottom up* e *top down* demonstrariam a diferença entre os sinais comerciais e privados e os sinais públicos e institucionais, e ainda que a presença do inglês em sinais públicos seria um reflexo da presença britânica na Ilha da Madeira.

Os resultados demonstram que a presença do inglês em sinais públicos decorrente da ocupação mencionada, é inegável. Estes encontram-se no coração da cidade, perto de todos os serviços administrativos e são facilmente reconhecidos por todos, residentes ou não. Inclusive, estes espaços continuam em atividade nos dias de hoje, alguns deles sendo efetivamente frequentados pelo público britânico residente, cuja presença remonta ao séc. XIX. Esta secção selecionou duas zonas estratégicas do Funchal, sendo elas, o centro do Funchal onde se pode verificar a presença de sinais e edifícios decorrentes da ocupação britânica e a zona mais turística do Funchal como é o caso da chamada Zona Velha, onde se pode observar a presença da língua inglesa e de outras como evidências do fenómeno turístico.

A seleção das ruas no centro do Funchal foi previamente definida tendo em consideração as ruas nas quais os edifícios de origem ou atividade britânica se situam, como é o caso da English Church, do British Cemetery, da estátua e núcleo museológico da Irmã Mary Jane Wilson, da Scottish Church, do Largo do Phelps, da empresa Blandy Company, da English Chemist e da farmácia luso-britânica.

No que diz respeito à zona mais turística do Funchal, foram verificados muitos edifícios com nomes em inglês e sinais linguísticos nesta língua devido à proliferação de turistas, uma vez que foi possível observar a existência de muitos menus, sinais comerciais e anúncios nesta língua.

A secção seguinte aprofundará os resultados obtidos no centro do Funchal e na sua zona mais turística - a Zona Velha - evidenciando e explorando as diferenças entre ambos.

6.2. Resultados obtidos no centro do Funchal

O centro do Funchal demonstrou ser uma área muito rica na diversidade dos sinais linguísticos. Os resultados obtidos demonstraram que existe uma distinção entre sinais institucionais e sinais comerciais com uma apresentação de línguas bastante abrangente. Uma vez que é a capital do arquipélago da Madeira, é compreensível reunir uma vasta amostra linguística, seja pela forte afluência turística como pelos comerciantes locais que trabalham para servir o público e onde se concentra grande parte dos serviços administrativos da Ilha da Madeira. Desta forma, é natural que se encontre nesta área uma grande apresentação de exemplos de várias categorias.

Como mencionado anteriormente, o modelo de categorização dos sinais foi diferenciado em *top down* e *bottom up* de acordo com o modelo definido por Ben Rafael *et al* (2006). Este é um modelo muito apropriado pois permite analisar as diferenças entre os sinais institucionais e os sinais comerciais e os sinais em si próprios. Como os autores defendem, a presença de uma ou mais línguas nos sinais institucionais refletem razões políticas e históricas. A língua oficial é, na definição dada pela UNESCO no glossário do Portal sobre Aprendizagem do Instituto Internacional para o Planeamento da Educação, a língua definida por lei para ser empregue no domínio público, ou ainda, a língua utilizada no quadro das diversas atividades oficiais: legislativas, executivas e judiciais de um estado soberano ou território. Visto que em Portugal existe apenas uma única língua oficial, a presença da língua inglesa em sinais institucionais poderá ser um reflexo na atualidade das anteriores ocupações britânicas, e não apenas um fenómeno turístico.

As ruas escolhidas previamente à recolha fotográfica, correspondem aos locais onde se pode verificar atualmente os marcos da influência da ocupação britânica (*Cf.* Fig. 20, Fig. 21 e Fig. 22).



Figura 20. Fotografia de drone: Rua Dr. Brito Câmara até a Avenida Arriaga.



Figura 21. Fotografia de drone: Rotunda dos bombeiros municipais até à Rua da Carreira.



Figura 22. Fotografia de drone: Avenida Calouste Gulbenkian até à Rua do Quebra Costas.

No decorrer da recolha fotográfica, foi possível observar alguma diversidade nos sinais linguísticos institucionais e governamentais e os sinais comerciais. Foi ainda verificado a existência ou não de outras línguas e qual a sua ordem de apresentação. Abaixo apresentaremos alguns exemplos.

Na Fig. 23 é possível observar uma placa em bronze com a bandeira regional onde se lê “REGIÃO AUTÓNIMA DA MADEIRA” e indica o instituto a que se refere, neste caso, o “INSTITUTO DO VINHO, DO BORDADO E DO ARTESANATO DA MADEIRA, IP”. Este trata-se de um sinal governamental *top down* em que é apresentada a nomenclatura do serviço a quem se aproxima.

De seguida, foram encontradas algumas informações relativas a sinais *bottom up* como se pode verificar nas imagens abaixo (Cf. Fig. 24).



Figura 23. Sinal linguístico top down em língua portuguesa: “Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira”.

A figura 24 trata de um sinal *bottom up* monolíngue em quatro línguas (português, inglês, alemão e francês) impresso numa folha A4 com informações de contacto daquele estabelecimento, como se pode verificar abaixo contém o número de telefone e o contacto das redes sociais. O surgimento da língua portuguesa em primeiro lugar no sinal impresso em uma folha A4 devidamente plastificada e afixada, conforme abordado por Cotterill *et al* (2015, p. 2) demonstra “the effect of hierarchy”, ou seja, a primeira língua é entendida e aceite como a principal língua de comunicação naquele espaço. Scollon & Scollon (2003) destacam a importância da função simbólica aquando da materialidade da informação, isto é, em que tipo de material e de que forma a informação é apresentada. Desta forma, é possível verificar que a oferta do serviço “massagem” é apresentada numa folha A4 devidamente impressa, encadernada e afixada sobre a porta de entrada. Observou-se também o cuidado em expor as bandeiras indicativas de cada língua com o texto traduzido correspondente. A referir ainda que o sinal se trata de um sinal

fragmentado, como mencionado pelos mesmos autores, uma vez que a tradução “massagem geral” é alterada de “geral” para “corporal” nas traduções seguintes.



Figura 24. Sinal linguístico bottom up em língua portuguesa, inglesa, alemã e francesa.



Figura 25. Sinal linguístico bottom up em língua inglesa.

Ao avançar um pouco pela Rua dos Ferreiros acima surge a famosa livraria Esperança, que é considerada por locais e visitantes como um local de paragem obrigatória. É a mais antiga livraria da Madeira e é uma livraria de fundos, o que significa que se um livro for vendido, este é solicitado imediatamente ao fornecedor para reposição até que não existam mais cópias. Ao observar a varanda de entrada, deparamo-nos com o único sinal que possui o nome da livraria, sendo este embutido a ferro e pintado de vermelho. Um olhar mais atento permite verificar que a letra “r” de “livraria” já perdeu o suporte metálico e ficou apenas a pintura da consoante.



Figura 26. Livraria Esperança.

Precisamente por ser a livraria mais antiga e mais conhecida será provavelmente a mais visitada, o que poderá explicar o único sinal multilíngue *bottom up* encontrado em 18 línguas, tais como a língua espanhola, portuguesa, inglesa, francesa, alemã, italiana, finlandesa, dinamarquesa, turca, romena, polaca, húngara, grega, checa e bósnia (Cf. Fig. 27). Este sinal é composto por quatro folhas A4 afixadas numa das faces de uma base de madeira e o surgimento da língua espanhola em primeiro lugar e num tipo de letra maior que todas as outras sugere ser uma ação improvisada, uma vez que logo de seguida surge a língua portuguesa que, tal como as línguas seguintes, apresenta uma coesão no tipo e tamanho de letra. Julga-se, portanto, que inicialmente o português terá sido a primeira

língua em exposição no sinal, no entanto, em algum momento alguém reparou que a língua espanhola não estava presente, pelo que foi afixada posteriormente no único lugar onde ainda restava espaço e como foi escrita exclusivamente para ser acrescentada ao sinal existente, já não apresentou os critérios de apresentação das anteriores. Scollon & Scollon (2003) identificam esta adição como “complementar” uma vez que adiciona uma informação sobre o mesmo assunto que aquando da concepção do sinal não existia.

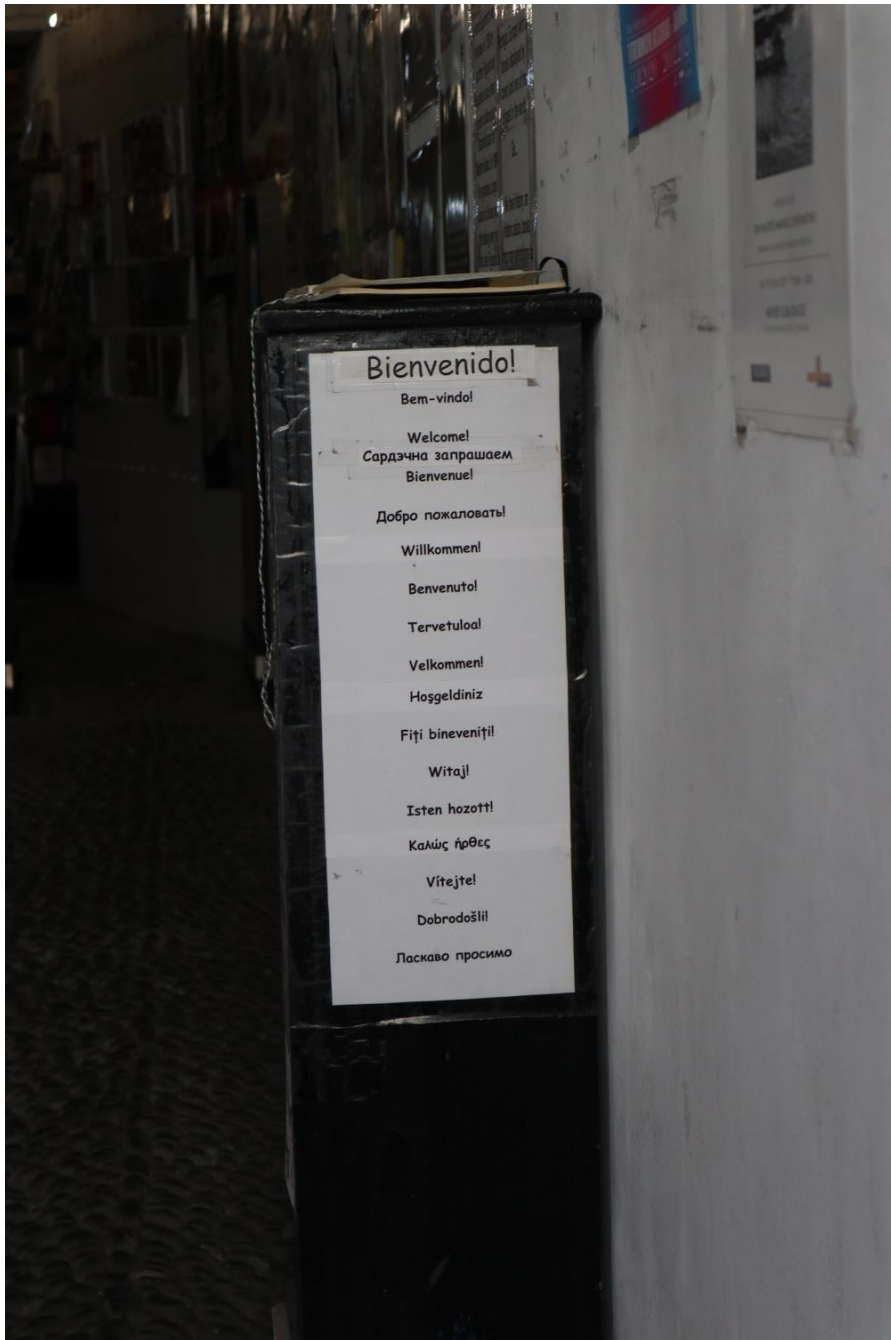


Figura 27. Entrada da Livraria Esperança.

Ao descer pela rua transversal, a Rua dos Netos, observa-se a presença de alguns restaurantes e bares tendencialmente frequentados por madeirenses, não só pela localização próxima de muitos serviços como pela oferta de almoços a preços acessíveis para os trabalhadores da zona, como se verifica na figura 28. Este restaurante apresenta o seu menu do dia a um preço mais barato, neste caso, 6,5eur por um “Bife à Ateneu” ou “Bacalhau c/ natas”. Conforme é possível ver na imagem, a informação foi escrita a giz num quadro em ardósia, o que facilmente permitirá aos funcionários deste estabelecimento remover facilmente essa informação e substituí-la por outra sugestão do dia no dia seguinte. Além disso, o quadro em ardósia é removível e fácil de transportar. Não se trata de um menu fixo exposto na rua. Todos estes pormenores indicam que este será provavelmente um local de refeição para os locais.



Figura 28. Sinal linguístico bottom up em língua portuguesa.

Avançando um pouco pela Rua dos Netos, surge um poste com um autocolante político basco que terá sido colado, muito provavelmente, por um indivíduo simpatizante desse movimento partidário. O ato de colar o autocolante num poste numa das ruas do

Funchal poderá indicar que o seu proprietário queria transmitir uma mensagem de longinquidade, ou seja, até onde aquela mensagem chegou (Cf. Fig. 29).



Figura 29. Sinal linguístico bottom up em língua basca.

No cruzamento entre a Rua dos Netos e a Rua 5 de Outubro é possível ver duas placas toponímicas.



Figura 30. Sinais linguísticos top down em língua portuguesa.

A loja “D’OLIVEIRAS” apresenta os seus produtos de forma destacada em inglês e português (Cf. Fig. 31).



Figura 31. Sinal linguístico bottom up em língua inglesa e portuguesa.

Ao circular pela cidade, o visitante depara-se também com vários anúncios de serviços particulares, alguns com informações das línguas disponíveis para passeios turísticos, contactos, fotografias e redes sociais como Facebook e Whatsapp. Alguns dos empresários optam por colocar as bandeiras dos países em que a língua está disponível ou é falada por eles para ser mais fácil identificar as línguas. Além disso, como se verifica na figura 32, quando o espaço é reduzido, a tendência é optar por colocar a informação necessária na língua inglesa, enquanto “língua universal”, como se lê na imagem: “Easy 6km (3.7miles) 2h30 Pick up time 9:00/9:30 €25/person.” É interessante a notar a preocupação em apresentar a conversão dos quilómetros em milhas para facilitar a compreensão do cliente e a escolha do adjetivo “easy” (fácil) para atrair os clientes. Por fim, verifica-se que foi afixado uma tira de papel sobre o plastificado, correspondendo ao

que Backhaus (2007) denomina de sinais complementares, ou seja, uma informação adicionada posteriormente para facilitar o entendimento.



Figura 32. Sinal linguístico bottom up em língua inglesa com um sinal complementar.

Devido à pandemia COVID-19, alguns espaços comerciais optaram por fechar a porta e atender clientes apenas por marcação. Devido à emergência do momento, os papéis foram afixados na porta de uma forma simples e clara.



Figura 33. Sinal linguístico bottom up em língua portuguesa.

Ao passar pelos espaços da restauração observou-se que um elemento que poderá ajudar a identificar aqueles que são dirigidos a estrangeiros está relacionado com a apresentação do menu em várias línguas e a exibição de fotografias dos pratos para que os turistas vejam aquilo que irão pedir, o que não é o caso do madeirense que conhece muito bem os pratos típicos.



Figura 34. Sinal linguístico bottom up em língua portuguesa, inglesa, francesa, alemã, norueguesa e espanhola.

Ao circular pela cidade, é fácil aperceber-se da existência de placas informativas municipais acerca dos pontos de interesse próximos a partir de cada rua e a indicação do tempo, em minutos, da distância a pé até esses mesmos locais. Outras placas, em bronze, fornecem informações pertinentes sobre determinados espaços, mas estas demonstram uma oscilação entre a apresentação em língua portuguesa e língua inglesa, uma vez que umas vezes surge o português em primeiro lugar e noutras vezes surge o inglês em primeiro lugar.



Figura 35. Sinal linguístico top down em língua inglesa.

Como as figuras indicam, a diversidade dos sinais linguísticos demonstrou ser bastante abrangente, desde sinais linguísticos *bottom up* a sinais linguísticos *top down* com várias características distintas entre si. Desde o formato e tipo do sinal, dimensão, apresentação e colocação de ordem nas línguas, os sinais mostraram ser uma amostra com muita variedade.

No que diz respeito aos sinais linguísticos *top down* estes foram registados na língua portuguesa 16 vezes, na língua inglesa por 7 vezes, na língua inglesa+portuguesa por 4 vezes, na língua portuguesa+inglesa por 4 vezes e 2 vezes em outras combinações totalizando 33 sinais nesta categoria. Quanto aos sinais linguísticos *bottom up*, estes foram encontrados 83 vezes na língua portuguesa, 19 vezes na língua inglesa, 11 vezes na combinação português (PT) + inglês (EN), 2 vezes na combinação EN+PT e 14 vezes em outras combinações, totalizando 129 nesta categoria.

O gráfico seguinte agrupa os dados encontrados:

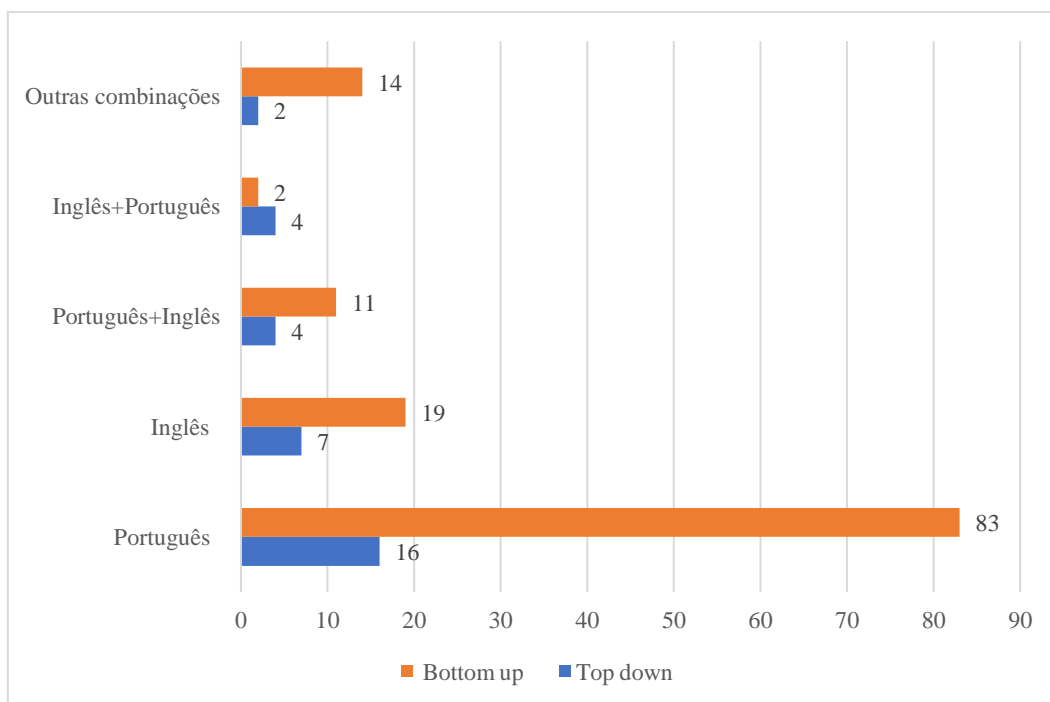


Gráfico 5. Número de ocorrências por língua e combinação de línguas dos sinais linguísticos *bottom up*.

O número elevado de sinais linguísticos *bottom up* em relação aos sinais linguísticos *top down* indica que esta zona de amostragem é muito rica em espaços comerciais e da restauração. Apesar de ser também uma zona marcadamente governamental pela existência de diversos departamentos institucionais e municipais, o número de lojas, restaurantes e espaços de outros serviços comerciais é claramente superior, o que se reflete na existência preponderante de sinais alusivos ao comércio.

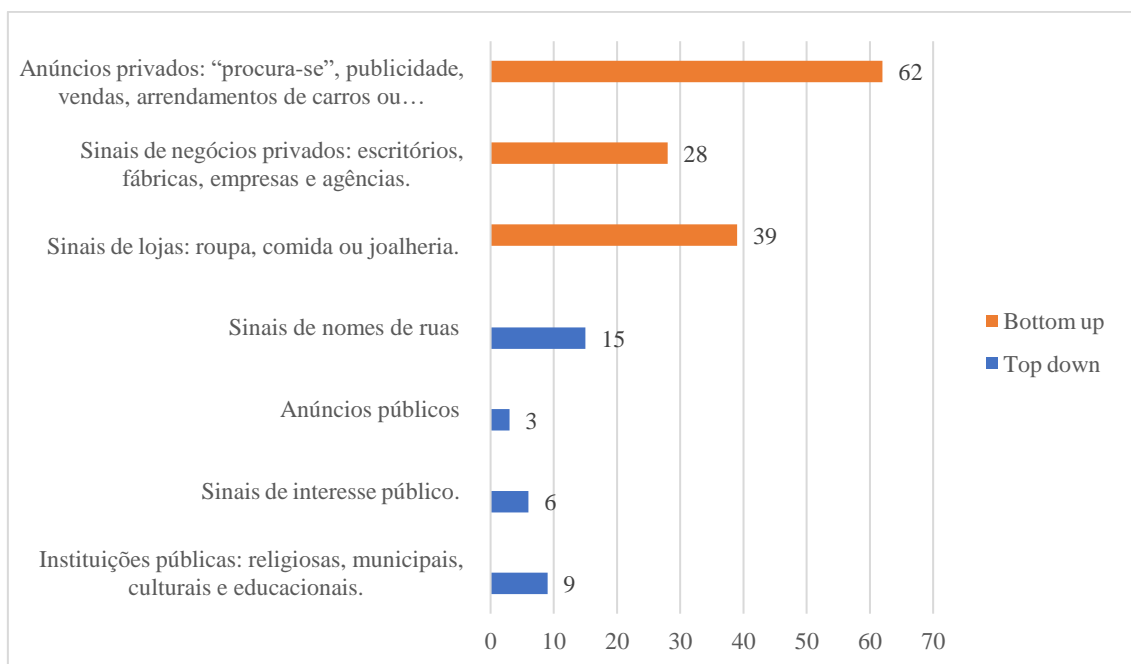


Gráfico 6. Número de sinais encontrados por categoria bottom up e top down no centro do Funchal.

No que diz respeito aos sinais *top down* estes surgiram apenas 33 vezes, o que corresponde a cerca de 24% da amostra da categoria. Uma das razões para este fenómeno poderá ser explicada por esta ser uma zona tendencialmente comercial e pela existência de dezenas de restaurantes que apresentam o prato do dia para os trabalhadores locais. Estes sinais são normalmente dirigidos exclusivamente ao público madeirense uma vez que são apresentados em cartões e placas de giz com o “menu do dia”, podendo ser facilmente apagados e corrigidos com o menu do dia seguinte.

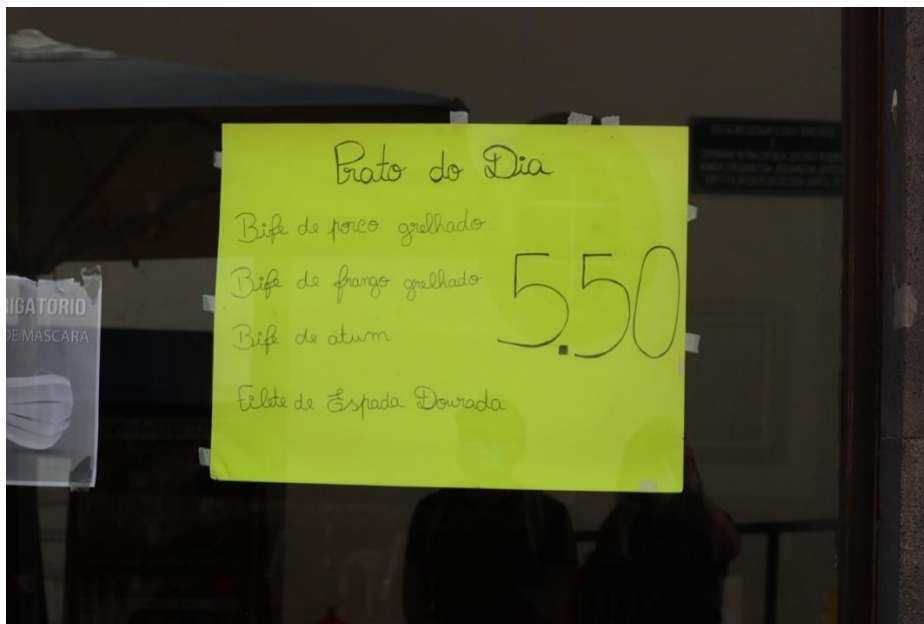


Figura 36. Cartolina amarela com o “prato do dia”.

Alguns desses exemplares foram encontrados inclusivamente em cartolinas escritas à mão (Cf. Fig. 36) e afixadas nas janelas com fita-cola, sugerindo que a cartolina com o “prato do dia” irá ser retirada no dia seguinte e substituída pelo menu desse dia. Desta forma, as cartolinas são guardadas e afixadas conforme a seleção culinária de cada dia.

Os pratos mais elaborados e mais caros, dirigidos aos turistas, mostraram estar apresentados com um maior cuidado, em cartazes devidamente impressos com imagens ilustrativas de cada prato e uma bandeira que indicava o idioma em que cada nacionalidade poderia consultar a oferta gastronómica. Estes menus, de grande qualidade, apresentaram-se devidamente protegidos, impressos em cartão de boa qualidade ou protegidos dentro de uma vitrina fechada a cadeado. Estes factos indicam que estes menus são fixos, ou seja, correspondem a uma oferta constante aos clientes, especialmente os que não os frequentam diariamente, como é o caso dos turistas.



Figura 37. Sinal linguístico bottom up em português.

Visto que estes menus são escritos de locais para locais, na sua generalidade, e também devido a processos fonéticos linguísticos verifica-se também a existência de alguns fenómenos como a assimilação neste caso “omolete” em vez da forma correta “omelete” e, a nível morfossintático, é de realçar a ausência da preposição “de” em “espada [de] escabeche e “iscas [de] figado” que pode dever-se à falta de espaço no quadro ou à inconsciente omissão destes na forma oral que se reflete na forma escrita. (Cf. Fig. 37).



Figura 38. Sinais *bottom up* em diversas línguas.

Os sinais linguísticos *bottom up* exclusivamente em inglês mostraram ser referentes a espaços comerciais que optaram por dirigir-se aos clientes exclusivamente nesta língua, sendo eles, bares, restaurantes e até hotéis que possivelmente são muito visitados por estrangeiros.



Figura 39. Sinal *bottom up* em inglês.



Figura 40. Sinal bottom up exclusivamente em inglês.

As combinações português+inglês e inglês-português não apresentaram muita relevância, surgindo com pouca frequência e indicando ser uma vontade aleatória do espaço comercial ou da pessoa que os afixou. Ainda assim, indicam uma preocupação pela compreensão em ambas as línguas, sugerindo que o inglês tem uma enorme importância na visão dos madeirenses. Quando surgem apenas as duas, a tendência é valorizar mais o português, apresentando-o em destaque, em primeiro lugar ou com um tipo de letra maior.

Verificou-se ainda a preocupação de residentes em que a mensagem seja percebida quando afixam informações referentes a lugares de estacionamento ou de interesse público (Cf. Fig. 41) em inglês. Esta atitude demonstra a percepção que os locais madeirenses têm acerca da existência dos residentes e visitantes britânicos. Nesta situação em particular, nota-se que a mensagem em inglês abaixo da portuguesa “dog’s water” é dirigida aos habitantes britânicos uma vez que são estes que passeiam com os seus animais. Esta tigela de água foi encontrada em frente a uma porta de uma moradia na rua Mary Jane Wilson, e, visto não se tratar de um espaço comercial que disponibiliza água aos cães dos clientes, podemos facilmente inferir que existem britânicos residentes a passear os seus animais nesta rua.



Figura 41. Sinais linguísticos bottom up em português e inglês encontrada na porta da frente de uma moradia.

No que diz respeito às restantes combinações de línguas com o francês, alemão, espanhol, norueguês, entre outras mencionadas, estas surgiram exclusivamente em espaços da restauração, nomeadamente, em menus e informações de hotelaria. Este fato indica que estas línguas são uma expressão dos turistas desses países que visitam esse espaço comercial. Os sinais que contêm estas línguas são também apresentados com muito cuidado e elegância, de forma a atrair o público pretendido.



Figura 42. Restaurante "Trigal" com informação em 4 línguas.



Figura 43. Sinais linguísticos top down em português.

No que diz respeito aos sinais *top down* em inglês e pelo seu número reduzido, podemos verificar que se trata da English Church e do British Cemetery. Estes dois edifícios são um reflexo das ocupações britânicas do passado e da atual atividade que continuam a ter no Funchal. Tanto a igreja como o cemitério continuam a ser utilizados para celebrações religiosas para os residentes britânicos e eventuais turistas britânicos que lhes queiram fazer uso. A igreja realiza sessões semanalmente e o cemitério está atividades, possuindo inclusivamente, diversos jazigos de famílias inglesas ou luso-inglesas. Visto ainda se manterem em funções, a paisagem linguística reflete essa realidade, exibindo sinais exclusivamente na língua inglesa.



Figura 44. Sinais linguísticos top down em inglês: “English Church” e português: “Rua do Quebra Costas”.

6.2.1. English Church

A Igreja Inglesa do Funchal, English Church, foi construída em 1822 por ordem de Henry Veich, cônsul britânico, que foi encarregue de iniciar esse processo pelo governo inglês. Apesar de algumas reestruturações e manutenções, a estrutura da igreja bem como os jardins e o espaço exterior mantêm-se praticamente semelhantes na atualidade.



Figura 45. Entrada da English Church.

O registo mais antigo de uma cerimónia religiosa anglicana no Funchal data de 1774 quando um padre de um navio britânico, o Reverendo Cautley, foi convidado a proferir um sermão pelos locais que, por sua vez, pagavam os serviços com sidra em conserva. Essas sessões esporádicas continuaram até meados de 1807 quando a Ilha

recebeu um vasto número de tropas para protegê-la durante as guerras napoleónicas. A partir desse momento, os residentes desejam construir a sua própria igreja, no entanto, não tinham meios nem condições para fazê-lo. Assim, numa resolução datada de 1810 a chamada British Factory decidiu dar início ao processo de construção de um edifício religioso, que só seria realmente iniciado 6 anos depois, em 1816. Quanto à localização, esta deveu-se à proximidade do já existente cemitério britânico da rua da Carreira.¹⁴



Figura 46. English Church do Funchal.

Aquando da finalização da igreja, em 1822, a população britânica rondava as 700 pessoas e o espaço acomodava cerca de apenas 350, o que significa que a igreja foi concebida para receber, aproximadamente, esse número de fiéis. Na atualidade, a igreja

¹⁴ Retirado de: <http://www.holytrinitychurchmadeira.com/>

registra pouco mais de 70 membros britânicos. No entanto, ao longo dos anos, tem sido altamente procurada para casamentos e batizados, mesmo de ingleses que não são residentes. Além disso, a igreja presta também serviço fúnebre em parceria com o cemitério inglês.



Figura 47. Fotografia de drone da English Church do Funchal (assinalado a preto).

Ao entrar na Igreja é possível verificar a existência de várias frases espirituais em inglês que dão continuidade e reforçam a fé dos fiéis, tais como “Jesus is given his cross”, “Jesus falls the first time”, que são dirigidas ao público britânico. Estas frases acompanham um memorial de pessoas importantes da sociedade britânica na Ilha da Madeira que mereceram uma homenagem, por exemplo, fundadores de movimentos ou instituições importantes como é o caso da British School que atualmente se designa como International School of Madeira.



Figura 48. Memorial em honra de Susan Elizabeth Farrow, fundadora da British School Madeira.

É ainda possível observar a presença de cartazes de bandas com a descrição também na língua inglesa, indicando a realização de diversos eventos culturais nos jardins circundantes ao espaço religioso, e, demonstrando assim a continuidade da presença britânica e das suas relações sociais. Devido às restrições sanitárias decorrentes da epidemia covid-19, estes cartazes têm uma indicação – também escrita em inglês – que

os eventos foram cancelados ou adiados.



Figura 49. Cartazes de eventos culturais afixados no portão da English Church.

Mais próximo da entrada principal da igreja inglesa, verificou-se a continuidade da existência de informações exclusivamente em inglês e quando surgia a necessidade de colocar duas línguas, a preferência recaía também pelo inglês, surgindo o português em segundo lugar, como é o caso de informações afixadas acerca de procedimentos de higiene e segurança decorrentes do vírus covid-19.



Figura 50. Informação acerca de visitas à English Church em inglês.



Figura 51. Informação de procedimentos acerca do covid-19 afixados na porta principal da English Church, em inglês e português.

A amostra recolhida parece indicar que não há uma norma específica para a escolha de certas informações em língua inglesa e portuguesa, parecendo não haver uma razão óbvia, no entanto, o inglês sobrepõe-se claramente ao português nos sinais analisados, indicando que pelo menos a maior parte dos visitantes ou fiéis são ingleses.

Ao percorrer os jardins da igreja, assiste-se ainda à exibição de monumentos de figuras de renome britânicas e que deixaram a sua marca na História.



Figura 52. Busto da princesa inglesa Filipa de Lencastre..

A presença do etnónimo “inglesa” em Igreja é usado para designar a origem e surgimento deste local de culto e, conseqüentemente, as pessoas que o frequentam.

6.2.2. British Cemetery

O cemitério britânico, British Cemetery, surgiu da necessidade de se enterrar condignamente os residentes britânicos cujos corpos estavam a ser atirados para a costa do Garajau. Desta forma, em 1761, o Mr. William Nash questionou o governo português acerca da possibilidade de adquirir um terreno para a construção de um cemitério inglês. Este pedido foi aprovado pelo Despacho do Concelho de Lisboa a 3 de janeiro de 1761 e a primeira sepultura foi datada de 1772, sendo ela uma senhora inglesa esposa de um comerciante.¹⁵



Figura 53. British Cemetery (assinalado a preto).

¹⁵ Retirado de: <http://www.holytrinitychurchmadeira.com/>



Figura 54. Entrada principal do cemitério britânico.

A pequena construção localizada dentro do cemitério trata-se de uma capela mortuária erigida em 1854 para que o capelão pudesse vestir as suas roupas mortuárias.¹⁶

¹⁶ Retirado do website: <http://www.holytrinitychurchmadeira.com/history/the-cemetery>

Hoje em dia, o cemitério continua em funções para atender as necessidades das famílias britânicas que vivem na Ilha da Madeira e, mais particularmente, no Funchal, mantendo inclusivamente jazigos de família.



Figura 55. Capela mortuária do British Cemetery.



Figura 56. Informações escritas em inglês aos visitantes.



Figura 57. Fachada e porta traseira do cemitério britânico.

Devido aos constrangimentos sociais atuais decorrentes do vírus COVID-19, o responsável pelo espaço informou que apenas os familiares ou associados ao cemitério podem entrar no local, mediante agendamento prévio. No passado, este era um ponto de referência para muitos visitantes e eram realizadas diversas visitas guiadas. Ao circular pelo espaço exterior, é possível dar conta de notas informativas escritas na língua inglesa, indicando que o público ao qual se dirigem são os britânicos residentes ou familiares visitantes, demonstrando a atual presença britânica no Funchal.

6.2.3. Mary Jane Wilson



Figura 58. Lápide da irmã Mary Jane Wilson.

De nacionalidade inglesa e filha de pais ingleses, Mary Jane Wilson nasceu na Índia em 1840. Aquando da morte dos seus familiares, regressou a Inglaterra onde conduziu os seus estudos na área de enfermagem. Tinha cerca de 40 anos quando chegou à Madeira como enfermeira particular de uma cidadã britânica. A ilha da Madeira era muito conhecida pelo seu clima ameno, ar limpo e condições favoráveis à recuperação de várias doenças, pelo que ambas permaneceram na Ilha desde então. Por outro lado, estavam também abertas as ligações entre Madeira-Inglaterra desde há muito tempo, o que facilitou não só a decisão de se estabelecer no Funchal como o próprio processo de deslocação. A dedicação com que tratava a sua paciente notabilizou-a rapidamente, e a sua reputação chegou até o bispo do Funchal, onde não hesitou a pedir-lhe que ficasse na Ilha, onde havia muito que fazer no campo da assistência, a doentes, a pobres, e na

educação.¹⁷

A cidade do Funchal conta com um núcleo museológico onde é possível conhecer todos os passos da vida de Mary Jane Wilson, livros documentais e até observar os pertences pessoais da mesma.

Como é possível verificar no museu, a irmã chegou à Madeira a 26 de Maio de 1881 na embarcação denominada por *Taymouth Castle*.

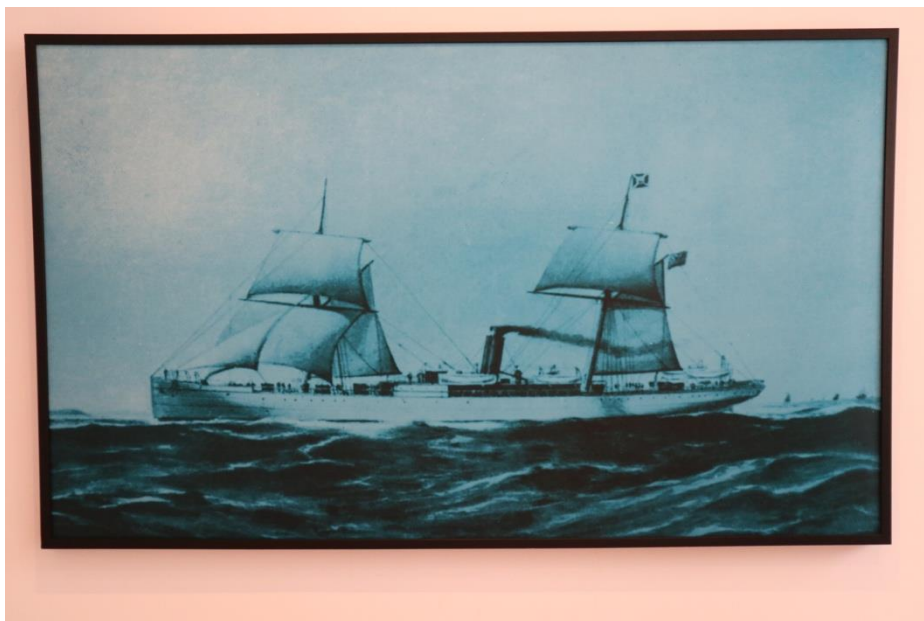


Figura 59. Ampliação digital de gravura do barco Taymouth Castle em que Mary Jane Wilson chegou à Madeira. (Núcleo Museológico Mary Jane Wilson)

¹⁷ Retirado de: <https://www.dnoticias.pt/2020/12/30/244674-madre-mary-jane-wilson-a-boa-mae-1840-1916-rua-do-carmo/>

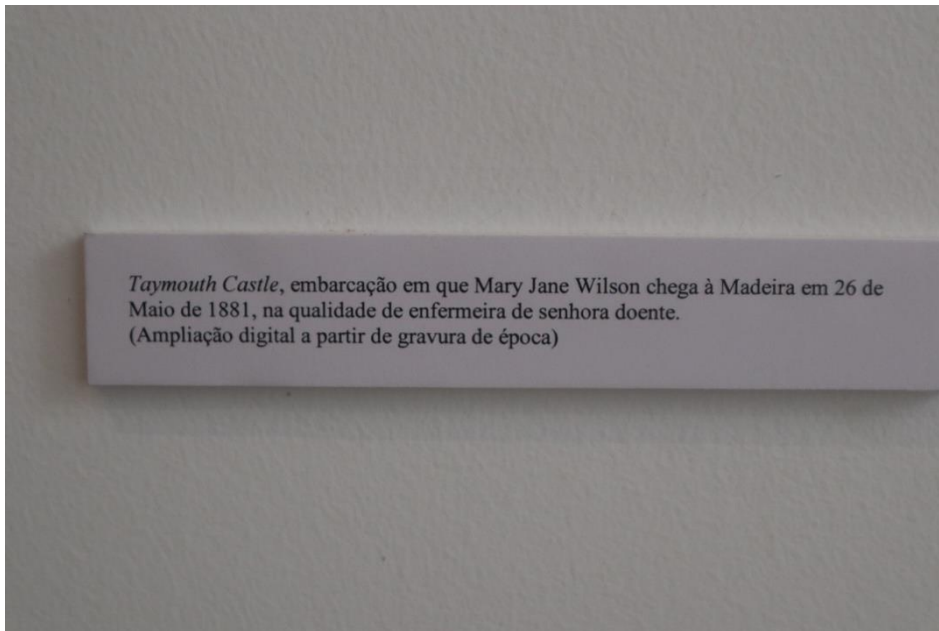


Figura 60. Legenda anexa à ampliação digital de gravura do barco Taymouth Castle. (Núcleo Museológico Mary Jane Wilson)

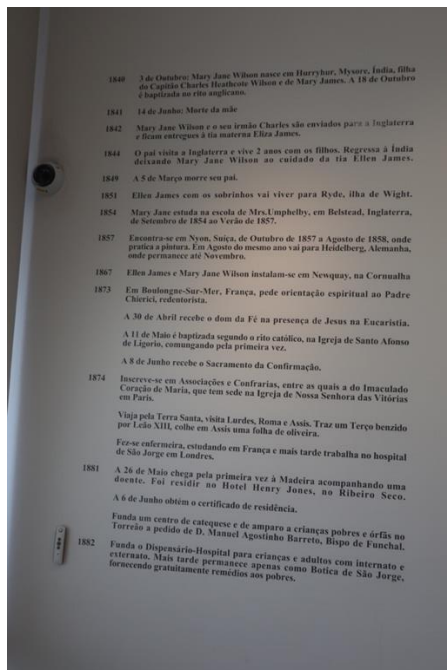


Figura 61. Mural com as datas cronológicas da vida de Mary Jane Wilson.

Mary Jane Wilson teve um papel muito importante na vida espiritual de crianças

e adultos e voluntariou-se a ajudar dezenas de pessoas com doenças e necessidades. Hoje em dia, devido à vida devota que levou, a Ilha da Madeira é procurada por dezenas de devotos, nos quais os britânicos estão incluídos – conforme informações cedidas pela Irmã responsável pelas visitas ao núcleo museológico. Os britânicos sentem curiosidade e vontade de visitar o espaço onde a sua compatriota trabalhou e ajudou centenas de madeirenses e ainda britânicos.

Foi realizado também um pedido para que Mary Jane Wilson fosse beatificada pelo Papa, o que a torna ainda mais especial e aumenta o número de visitas.

Existe ainda um outro ponto no centro da cidade onde se encontra uma outra estátua, nomeadamente no Largo Severiano Ferraz, rotunda da Cruz Vermelha ou como também é conhecida a nível mais informal “a rotunda Mary Jane Wilson”.



Figura 62. Localização da estátua da Irmã Mary Jane Wilson no Largo Severiano Ferraz.

Esta é uma localização privilegiada no centro do Funchal uma vez que é uma zona onde circulam centenas de automóveis diariamente e possui um parque subterrâneo onde as pessoas costumam parar o carro para tratar de assuntos administrativos. A rotunda é no fundo um jardim e é muitas vezes utilizada por crianças que saem de duas escolas muito próximas ou pessoas que vão descansar e passear os seus cães. O jardim é um espaço muito agradável e o seu relvado e arbustos tratados com cuidado de forma a proporcionar um bom momento a todos aqueles que o visitam.



Figura 63. Largo Severiano Ferraz onde se encontra a estátua da Irmã Mary Jane Wilson.



Figura 64. Estátua em bronze de Mary Jane Wilson.

As razões e origens para a presença da estátua de Mary Jane Wilson e do seu núcleo museológico, bem como de toda a tradição religiosa criada e mantida até a atualidade que têm despertado a atenção e interesse de residentes e estrangeiros são da máxima importância e pertinência para este trabalho.

Mary Jane Wilson chegou à Ilha da Madeira em 1881 como enfermeira de uma cidadã britânica doente. Ora, a sua vinda está precisamente relacionada com a grande procura por parte dos britânicos pela Madeira enquanto meio curativo pelo seu bom clima e temperatura amena. Aquando do século XIX, a Ilha era muitíssimo frequentada por estes que ali tratavam dos seus negócios e os britânicos, usualmente mais velhos, curavam as suas doenças.

A existência do núcleo museológico, a realização de duas estátuas e o seu nome numa estrada dão conta de uma realidade não esquecida relacionada com a ocupação

britânica na Ilha e são sem dúvida uma homenagem e um símbolo de que a Madeira e o Funchal não esquecem tudo o que Mary Jane Wilson fez pelos seus cidadãos.

6.2.4. Scottish Church

A Igreja Presbiteriana da Madeira ou Scottish Church, data de 1847 com o Reverendo Robert Kalley que originou diversas situações de desacordo com a Igreja Católica. O governo presbiteriano é comum nas igrejas protestantes que foram modeladas segundo a Reforma protestante como é o caso da Escócia, França e Suíça, por exemplo. Na Inglaterra, Escócia e Irlanda, as igrejas reformadas que adotaram uma forma de governo presbiteriano em vez de episcopal ficaram conhecidas como igrejas presbiterianas.



Figura 65. Igreja escocesa presbiteriana.

O surgimento de uma igreja presbiteriana no Funchal remonta a outubro de 1838 quando os escoceses presbiterianos Robert e a sua esposa Sarah Kalley, desembarcam na Ilha da Madeira à procura de condições climatéricas mais vantajosas à cura de uma doença da qual a mulher sofria.

O médico cirurgião Robert Kalley, era missionário da Sociedade Missionária de Londres e rapidamente se apercebeu da falta de condições sanitárias e do alto nível de pobreza dos madeirenses, o que o levou a desenvolver diversas atividades para solucionar essa situação. Dessa forma, começou por abrir algumas escolas e inclusive um pequeno centro de saúde onde recebia e curava gratuitamente todos aqueles que precisavam de cuidados médicos.



Figura 66. Entrada principal da Igreja Presbeteriana.

Devido a todo o contexto sociopolítico vigente, criou em segredo a Igreja Presbiteriana da Madeira a 8 de Maio de 1845, e à qual se converteram inúmeros fiéis impressionados pela sua generosidade e carácter solidário. Devido à sua grande influência

pública, não demorou muito a ter centenas de aderentes que começaram a renunciar o catolicismo, e, dessa forma, a criar diversos problemas com a religião católica. É por isso que as autoridades da Madeira chegaram a prender o líder e muitos apoiantes da nova religião, causando muita agitação na então pacata cidade do Funchal. Muitos destes apoiantes foram inclusivamente mortos e foram destruídos diversos artefactos religiosos presentes no local.

Um ano após a fundação desta igreja, os fundadores e cerca de dois milhares de seguidores tiveram de escapar da Ilha da Madeira para não serem mortos.

Atualmente, após várias reformas, a Scottish Church mantém as suas sessões semanais, está aberta a todos os interessados residentes ou visitantes e continua a utilizar os hinos escritos pelo fundador Robert Kalley nos seus cânticos de adoração.¹⁸

¹⁸ Retirado do website: <https://www.facebook.com/pg/Igreja-Presbiteriana-da-Madeira>

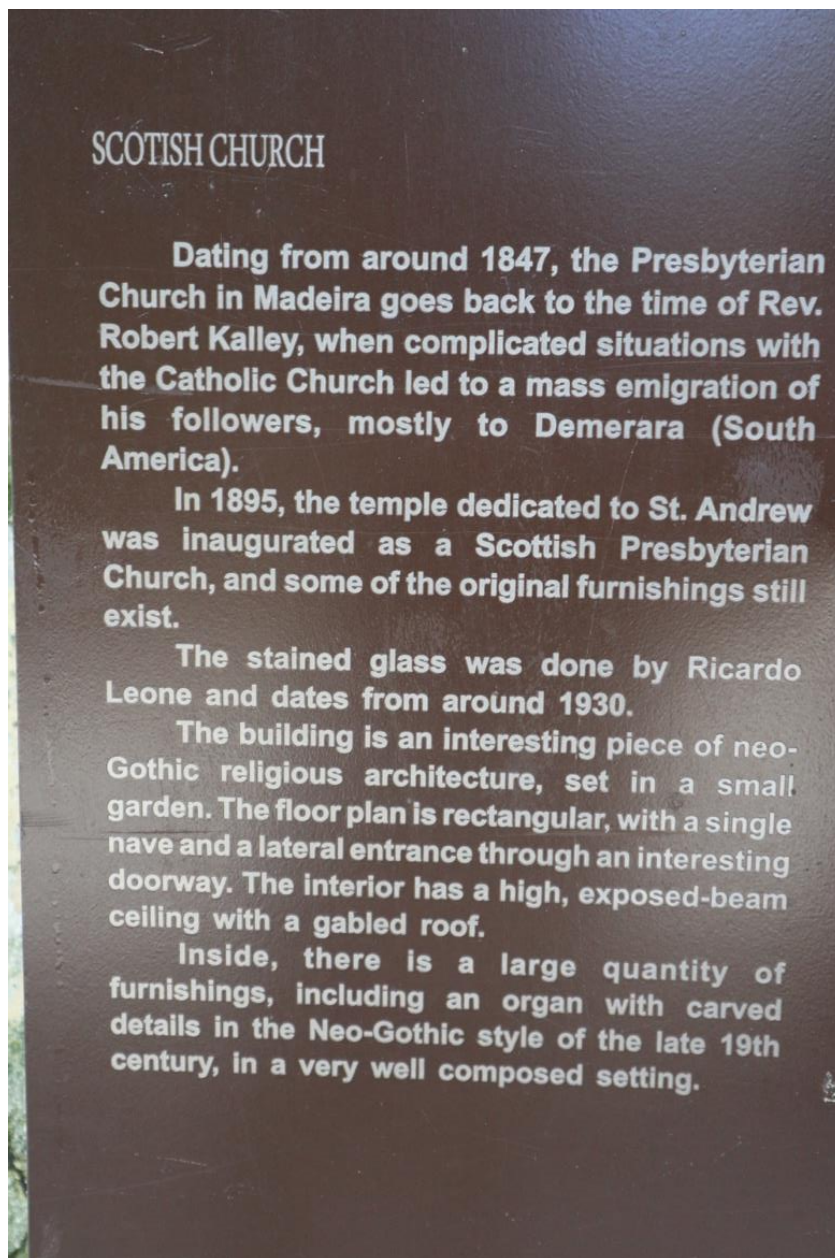


Figura 67. Placa informativa em bronze da Scottish Church.

Como já mencionado no capítulo a respeito da ocupação britânica, a maior parte dos residentes britânicos na Ilha da Madeira eram provenientes da Escócia, e daí a existência de uma igreja presbeteriana que preste serviço aos fiéis. (Rodrigues, 2008, p. 25)

6.2.5. Largo do Phelps

O largo do ou de Phelps (uma vez que é possível encontrar as duas nomenclaturas) encontra-se entre a rua do Carmo, a rua Bettencourt e a rua Fernão de Ornelas. O seu nome deriva de um empresário inglês chamado José Phelps que desenvolveu várias atividades comerciais na Ilha da Madeira que contribuíram para o seu desenvolvimento no século XVIII.

José Phelps foi um negociante inglês que veio para a Madeira nos fins do século XVIII. Fundou à sua custa uma escola em que se adotou o sistema de Lancaster e concorreu bastante para a fundação da «Associação Funchalense do Ensino Mútuo», da qual foi tesoureiro. Em 1778 havia no Funchal a casa comercial de Phelps & Ca.[...] A atual Rua do Phelps foi aberta em 1856 por conta do referido José Phelps que teve residência no grande prédio em frente da porta da sacristia da Igreja do Carmo [...] depois de ter vivido muitos anos no Funchal, retirou para Inglaterra nos princípios do terceiro quartel do século XIX e lá veio a falecer em 1863 (Clode, 1950, p. 257).



Figura 68. Largo de Phelps.

Este local tem vindo a sofrer algumas alterações urbanas devido ao encerramento de estradas ao trânsito e ao aparecimento de novos espaços comerciais. Em Correia (2011, p. 48), a autora refere que “neste largo está uma banca de floristas e uma praça de táxis”, no entanto, embora a praça de táxis ainda se mantenha, a tradicional e tão conhecida banca de floristas foi destruída, dando agora lugar a um conjunto de bancos para se sentar. A investigadora refere ainda que “antigamente, segundo Rui Santos, ficava a Rua do Caldeireiro que ligava a antiga Rua do Monteiro perto da Ponte do Bettencourt. Antes também existia uma Rua do Phelps ou “Felps” como encontramos em alguns documentos, contudo foi destruída para a construção da Rua Fernão de Ornelas” (Correia, 2011, p. 49).

No entanto, à parte de todas estas mudanças ao longo dos anos, o largo permaneceu com o nome de Phelps, devido aos grandes feitos deste. Gouveia (2008, p. 21) destaca esta família como uma “das muitas famílias britânicas que marcaram a Madeira do século XIX, e cujo nome faz parte, ainda hoje, da toponímia da cidade do Funchal – Largo do Phelps”.



Figura 69. Placa informativa (LG. DO PHELPS).



Figura 70. Largo do Phelps, ARM, Acervo de António Aragão, Foto Perestrellos, Anos 40/60.¹⁹

¹⁹ Retirado de Correia (2011, p. 140)



Figura 71. Largo do Phelps, Foto de Lisandra Correia (2011).²⁰



Figura 72. Largo do Phelps (2021).

²⁰ Retirado de Correia (2011, p. 140)

Comparando as imagens dos anos 40/60 (Cf. Fig. 70), 2011 (Cf. Fig. 71) e 2021 (Cf. Fig. 72) é possível verificar mudanças significativas entre a organização da estrada e dos espaços de lazer públicos. Entre 2011 e 2021, a estrada que passa pela rua Fernão de Ornelas foi encerrada ao acesso de viaturas e tornou-se exclusivamente de acesso pedestre. Além disso, a barraca de flores tão bem conhecida no centro do largo e à direita da praça de táxis deu lugar a bancos de cimento públicos. Ao lado do largo, localiza-se agora uma barraca temporária de venda de fruta sazonal (Cf. Fig. 72).

Phelps teve um papel indiscutível na vida madeirense e contribuiu significativamente para o desenvolvimento económico e social da Madeira, pelo que os madeirenses são gratos e retribuem pela contínua nomenclatura do largo.

6.2.6. The Blandy company



Figura 73. Loja Blandy's na Avenida Arriaga.

Na figura 73 é possível visualizar uma loja de venda de vinho Madeira e uma porta ao lado onde se encontra um barril onde os visitantes podem entrar ou marcar para visitar as adegas, conhecer o espaço e realizar uma degustação de vinho madeira de forma a compreender todo o processo desta que é uma iguaria regional.

A família Blandy é uma das famílias britânicas mais antigas que ainda reside na Ilha da Madeira e mantém o comércio do vinho Madeira que é uma das referências a nível da gastronomia regional. Este é o texto que se lê na abertura da sua página oficial na internet:

A família Blandy distingue-se por ser a única família, de todos os fundadores originais do comércio do vinho Madeira, que ainda possui e gere a sua própria empresa vitivinícola original. No decorrer da sua longa história na ilha, a família tem desempenhado um papel de liderança no desenvolvimento do vinho Madeira. Os membros da mesma continuam a viver na Madeira, mantendo assim uma tradição que remonta a 1811 – Dois séculos de produção de um vinho de excelência.²¹

²¹ Retirado de: <https://www.blandys.com/pt/sobre-nos/historia/>



Figura 74. Entrada principal para as adegas e as provas de vinho Madeira.

De acordo com alguns documentos encontrados recentemente John Blandy, o fundador da empresa e primeiro membro da família a instalar-se, chegou à Madeira em 1808. Era oriundo de Londres e precisava dos bons ares da Ilha para curar-se de uma doença. Entrou em contacto com alguns comerciantes de vinho que já estavam instalados como é o caso de Newton, Gordon e Murdoch e solicitou emprego de forma a poder

subsistir durante a sua estadia.²²

Chegado à Madeira dá início às suas atividades profissionais e em 1811 consegue abrir o seu primeiro negócio, começando a produzir e a exportar vinho Madeira e outros produtos.

Em 1925, Blandy's decidiu juntar-se à Madeira Wine Company. Esta era formada por um grupo de empresas vinícolas, com o intuito de maximizar a exposição global e minimizar as despesas gerais, num mundo onde o mercado de exportação estava a estagnar. Liderada pela família Blandy's, esta associação conseguiu sobreviver aos anos sombrios, enquanto muitas outras empresas individuais caíram no esquecimento.²³

²² Retirado de: <https://www.blandys.com/pt/sobre-nos/historia/>

²³ Retirado de: <https://www.blandys.com/pt/sobre-nos/historia/>



Figura 75. Sobreposição entre o mesmo edifício das Arcadas de São Francisco em 1925 e 2021.²⁴

Na figura 75 é possível observar uma sobreposição de duas fotografias tiradas ao mesmo edifício, este caso, das Arcadas de S. Francisco em 1925 e 2021. Uma observação mais atenta permite constatar que a entrada principal, à direita, manteve-se praticamente inalterada e ambas possuem barris à entrada para assinalar a existência das adegas. Onde antigamente existia a conceituada empresa Leacock & Company Wines, atualmente existe o Blandy's. A destacar que onde se localiza a loja de vinhos Blandy, situava-se a Madeira Wine Company, uma associação entre vários produtores de vinhos que decidiram unir forças para continuar a produção e venda de vinho em alturas menos favoráveis.

²⁴ Fotografia de 1925 retirada de: <https://www.blandys.com/pt/sobre-nos/historia/>

Nesta unidade museológica podem apreciar-se cartas, documentos, livros, utensílios e máquinas de épocas remotas, que mantêm viva toda a tradição destas Adegas. A Madeira Wine Company foi fundada em 1913, incorporando várias empresas ou produtores independentes, que se associaram. Casos de William Hinton, Welsh, Cunha & Co. Lda., Henriques & Câmara, Cossart Gordon, Blandly, Leacock e Miles. (Silva, 2003, p. 134)

Hoje em dia a empresa Blandly continua a ser dirigida pelos membros da família, Michael e Chris Blandly que continuam a esforçar-se por manter os altos padrões que o vinho Madeira tem tido até os dias de hoje. As lojas possuem uma localização estratégica no coração da cidade, junto de muitos serviços governamentais e administrativos como a Loja do Cidadão e a Secretaria da Cultura e do Turismo.



Figura 76. Localização da Blandly's Company na Avenida Arriaga.

A família inglesa Blandly é um símbolo do vinho da Madeira e um marco na

economia da região há 200 anos, mas a aposta passa também pela expansão do grupo empresarial no setor vinícola e turismo. Em declarações à Lusa, o presidente do conselho de administração do Grupo Blandy, Michael Blandy, explicou que será feita uma "grande aposta na hotelaria, através principalmente do [grupo] Porto Bay, que vai expandir-se mais para a Europa, América do Sul, caso do Brasil e possivelmente Argentina".²⁵



Figura 77. Localização atual e entrada do museu do então Madeira Wine Company.

No que diz respeito aos sinais encontrados é curioso notar e ao contrário do esperado a preferência pela língua portuguesa em detrimento da língua inglesa. Por se

²⁵ Retirado de: https://www.rtp.pt/noticias/pais/blandy-uma-familia-inglesa-com-uma-historia-de-200-anos-no-vinho_n455309

tratar de uma família inglesa e por se localizar numa zona central onde muitos turistas afluem para visitar a famosa Igreja da Sé seria de esperar que o inglês dominasse. No entanto, o mesmo não se verifica. Uma possível razão poderá estar relacionada com o respeito pela Ilha acolhedora e uma homenagem à sua língua. Verifica-se que surgem sempre as línguas portuguesa e inglesa, por essa ordem. (Cf. Fig 78).



Figura 78. Sinal em português e inglês na porta de entrada principal do Blandy's.



Figura 79. Sinal em português e inglês na porta de entrada lateral do Blandy's: “entrada” e “entrance”.

A Blandy's Company é sem dúvida um símbolo incontornável da presença e ocupação britânica na Ilha da Madeira cujos vestígios se refletem até hoje. A empresa tem tido um papel muito importante na criação de postos de emprego e no desenvolvimento económico da Região, pelo que aliado a todos os fatores já mencionados, permanecerá para sempre como parte da História da Ilha.

6.2.7. English Chemist

A Botica Inglesa ou English Chemist, ao contrário dos outros edifícios de construção inglesa, foi o projeto de vida do madeirense Jayme Policarpo de Abreu, nascido em 1885 e que passou a infância e juventude na colónia britânica de Trinidad e Londres. Devido

aos seus tratos com os britânicos e o contato com outros conhecimentos e informações científicas, desenvolveu um espírito empreendedor, o que fez com que regressasse à Madeira na sua vida adulta e abrisse uma farmácia.²⁶



Figura 80. English Chemist nos anos 40. Fotografia de Rui Marote.²⁷

O edifício original construído em 1939 mantém-se em atividades até os dias de hoje. Embora já tenha sofrido algumas alterações e já não seja propriedade da família

²⁶ Retirado de: <https://funchalnoticias.net/2015/09/24/botica-inglesa-uma-historia-feita-de-alquimia-e-paixao/>

²⁷ Retirado de: <https://funchalnoticias.net/2015/09/24/botica-inglesa-uma-historia-feita-de-alquimia-e-paixao/>

original, continua a ser um marco histórico na cidade do Funchal.



Figura 81. Botica Inglesa – English Chemist.

A farmácia foi originalmente fundada em 1917 por Jayme de Abreu após o seu pedido de sociedade com um empresário madeirense na farmácia Dois Amigos ter sido recusado. Abriu então a farmácia no Largo da Igrejinha e quando a construção do edifício da rua Câmara Pestana ficou concluído, mudou-se de local.

A particularidade acerca da English Chemist é ter sido aberta por um madeirense emigrado que viu uma oportunidade de negócio e um contributo para a sociedade madeirense ao trazer novos medicamentos e utensílios de Londres. Por outro lado, estava atento à realidade social da Madeira, em que a presença dos britânicos era elevada e estes representavam uma parte significativa das vendas, uma vez que eram o público com dinheiro. Além disso, a farmácia fazia importação e inclusive produção de produtos ingleses muito procurados pelos britânicos.

Nos dias que correm, são já poucos os que recordam o prestígio e a inovação que a

Botica Inglesa trouxe ao Funchal, a partir dos anos 40 do século passado. Para além dos ditos medicamentos de receita, ali produziam-se pomadas, emulsões, cápsulas, tónicos e xaropes únicos, de fabrico próprio, muito procurados por clientes e médicos. São desse tempo a loção capitar JPA, mais tarde “Aida”, a pomada inglesa para afeções dermatológicas que a ser exportada para o continente, e o Total Tónico, um composto vitamínico ao qual era adicionado um pouco de vinho Malvasia. A farmácia teve mais de 20 funcionários.²⁸

Atualmente, a Botica Inglesa continua a ser uma farmácia de referência na vida dos residentes, tanto ingleses como madeirenses, pela excelência do serviço e por continuar a possibilitar a compra de produtos ingleses.

A nível linguístico, é possível observar a presença do etnónimo “inglesa” após “botica”, indicando que este local foi pertencente à comunidade britânica no passado. Hoje em dia, apesar do grande destaque em tipo de letra e tamanho para “botica inglesa”, verifica-se que a tradução se mantém na parede gravada em metal: “English Chemist”. Uma das razões para este fenómeno, para além das históricas, está relacionada com o facto de que os britânicos continuam a adquirir produtos ingleses neste espaço comercial.

²⁸ Retirado de: <https://funchalnoticias.net/2015/09/24/botica-inglesa-uma-historia-feita-de-alquimia-e-paixao/>

6.2.8. Farmácia Luso-britânica



Figura 82. Estrada e entrada principal da Farmácia Luso Britânica.

Datada de 1877 e localizada na rua 5 de Outubro – uma das ruas mais movimentadas de todo o Funchal - a Farmácia Luso Britânica é uma das farmácias mais antigas da Ilha da Madeira.



Figura 83. Farmácia Luso Britânica fundada em 1877.

Recentemente, foi galardoada com o prémio Clappy Award, pela seu rigor técnico e serviço de qualidade.²⁹

A existência do etnónimo “britânica” demonstra, tal como no caso da Botica Inglesa, a ocupação britânica na Ilha da Madeira e a atual presença desta nacionalidade na Região. Ao entrar na farmácia, é fácil aperceber-se de que os produtos são oferecidos quase exclusivamente em língua portuguesa, no entanto, e como no caso da farmácia anterior, esta também oferece produtos exclusivos ingleses e, por isso, a continuação da sua nomenclatura.

6.2.9. Os refugiados de Gibraltar

Embora localizada geograficamente em Espanha, Gibraltar pertence ao Reino Unido desde o Tratado de Utrecht no século XVIII:

Na altura da segunda-guerra mundial, 1939 -1945, como pode o leitor calcular, Gibraltar tinha uma importância extrema a nível geoestratégico. Era uma autêntica porta para o mediterrâneo e norte de África. Nesse sentido, o governo britânico enviou as suas tropas e viu-se forçado a deslocar e proteger a sua população, os gibraltinos. Na altura da segunda-guerra mundial, 1939 -1945, como pode o leitor calcular, Gibraltar tinha uma importância extrema a nível geoestratégico. Era uma autêntica porta para o mediterrâneo e norte de África. Nesse sentido, o governo britânico enviou as suas tropas e viu-se forçado a deslocar e proteger a sua população, os gibraltinos. Os mais afortunados acabaram por ser enviados para um pequeno paraíso (há que

²⁹ Retirado de: <https://www.dnoticias.pt/2020/11/26/240419-farmacia-luso-britanica-premiada/>

contextualizar): a Madeira. Foram 2000 e ficaram conhecidos como os Lucky Ones.³⁰

Na parte central do Parque de Santa Catarina na cidade do Funchal e junto à capela, encontra-se um mural de tributo ao governo madeirense erigido pelos gilbratinos em demonstração de gratidão pelo acolhimento quando mais precisavam. O texto surge com a língua inglesa em primeiro lugar e a portuguesa em segundo, uma vez que foram os gilbratinos a construí-lo e a sua língua é a inglesa. Por outro lado, o facto de lhes ter sido permitido a edificação deste mural é uma evidência das relações recentes de amizade e parceria com os britânicos.



Figura 84. Mural em tributo aos refugiados gibraltinos localizado no Parque de Santa Catarina.

Num artigo datado de 2020 do Jornal da Madeira e publicado no site oficial da Região Autónoma da Madeira, intitulado “Gibraltinos recordam com carinho a

³⁰ Retirado de: <https://newmen.pt/a-madeira-dos-refugiados-britanicos/>

hospitalidade dos madeirenses”, lê-se:

A Câmara Municipal do Funchal, juntamente com uma comitiva oficial vinda de Gibraltar, colocou esta manhã uma coroa de flores no monumento em honra deste povo que esteve no Funchal durante a II Guerra Mundial. A cerimónia decorreu junto à capela do Parque de Santa Catarina e contou com mais de uma dezena de gibraltinos, alguns descendentes dos refugiados e, entre eles, Luís Pereira, um dos 2.000 acolhidos, na altura, pelos madeirenses. O carinho que nutre pela Ilha é visível e se há coisa que não esquece, é a forma como foi acolhido naquele momento difícil da sua vida. «Tivemos muito boa integração, tanto que quinze raparigas de Gibraltar casaram-se com madeirenses. E ainda há uma senhora que vive cá», referiu Luís Pereira, recordando que, na altura, os gibraltinos ficaram acomodados em hotéis, pensões e casas particulares nos arredores do Funchal. «A Madeira é a minha segunda casa», disse o homem, agora com 90 anos de idade e que costuma vir com frequência à Madeira. «Venho pelo menos duas vezes por ano, na Festa da Flor e na Festa do Vinho», especificou, revelando que já trouxe consigo vários gibraltinos, descendentes daqueles que se refugiaram na Madeira e não só. «Gibraltar tem 30.000 habitantes e 10% já visitou a Madeira», referiu. Madalena Nunes, vereadora da CMF com o pelouro da área social, demonstrou a sua vontade em manter vivos os laços de proximidade com este povo, «que contribuiu para um pedaço de história muito bonito» na história da Madeira.³¹

³¹ Retirado de: <https://cmm.madeira.gov.pt/index.php/publicacoes/noticias/521-gibraltinos-recordam-com-carinho-a-hospitalidade-dos-madeirenses>



Figura 85. Homenagem da Câmara Municipal do Funchal aos gibraltinos.³²

A presença dos gibraltinos foi uma grande influência na sociedade madeirense e hoje em dia essa relação continua a ser visível através da sua constante presença e da existência do seu tributo em forma de mural num dos jardins mais emblemáticos da Ilha. A propósito da celebração dos 80 anos da chegada dos Gibraltinos à Madeira, a vereadora da Câmara Municipal do Funchal, afirmou:

Todos os anos eles têm vindo ao Funchal recordar esta terra e mostrar às suas famílias o local onde foram tão felizes. Queríamos muito celebrar esta data com eles, mas como são pessoas com mais de 80 anos, os médicos não aconselharam a viagem, que tinha

³² Retirado de: <https://cmm.madeira.gov.pt/index.php/publicacoes/noticias/521-gibraltinos-remember-com-carinho-a-hospitalidade-dos-madeirenses>

passagem por quatro aeroportos.³³

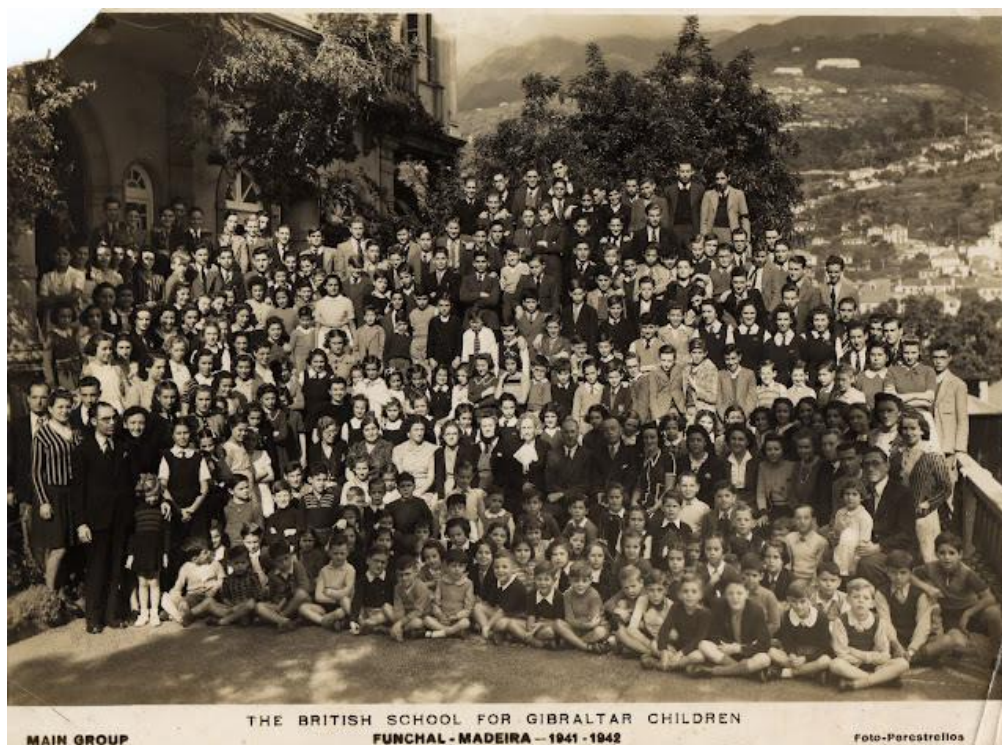


Figura 86. The British School for Gibraltar Children. Foto Perestrellos³⁴

³³ Retirado de: <https://www.dnoticias.pt/2020/8/11/70321-funchal-celebra-o-80-anos-da-chegada-dos-gibraltinos-a-madeira>

³⁴ Retirado de: <http://aterrememportugal.blogspot.com/2012/12/guerra-levou-gibraltinos-para-madeira.html>



Figura 87. Entrada do Parque de Santa Catarina.

A presença do mural de tributo dos Gibraltinos no Parque de Santa Catarina e na PL da cidade do Funchal é um claro traço identitário tanto para os gibraltinos como para os madeirenses. A existência deste mural cuja primeira língua surge em inglês é um reflexo do poder que estes têm perante a Madeira. Uma vez que é um tributo para o povo madeirense, a lógica seria que a primeira língua fosse em português, para estes a identificassem e lessem facilmente, no entanto, a ordem que se verifica não é essa. Landry & Bourhis (1997, p. 27) defendem que o destaque da língua em sinais públicos pode simbolizar a vitalidade da sua própria língua e a sua continuidade: Having one's own language enshrined on most private and government signs should contribute to the feeling that the in-group language has value and status relative to other languages within the sociolinguistic setting. (Landry & Bourhis, 1997, p. 27). A escolha do inglês demonstra ser uma evidência da continuidade do estatuto e poder que os Gibraltinos tiveram na Madeira e que, por outro lado, os madeirenses lhes reconhecem: The prevalence of one's own language on public signs can fulfill an informational and symbolic function that can encourage group members to value and use their own language in a broad range of interpersonal and institutional settings (Landy & Bourhis, 1997, p. 29).

No estudo de Scollon & Scollon (2003), os investigadores aperceberam-se que a

utilização de sinais linguísticos na língua inglesa de um espaço comercial chinês era um símbolo de preferência por produtos ingleses e não uma indexação a uma comunidade inglesa de falantes. Neste caso, verifica-se o oposto. A utilização do inglês não é uma preferência arbitrária por essa língua mas uma indexação a uma comunidade que já existiu de gibraltinos e a uma atual comunidade de falantes britânicos cuja habitação é na cidade do Funchal e na Ilha da Madeira.

Por fim, no que diz respeito à função simbólica destacada por Scollon & Scollon (2003, pp. 135-136), a materialidade dos sinais também é muito importante no que diz respeito ao significado desses sinais. Como os autores destacam, entre esses significados estão a durabilidade, temporalidade, resistência e qualidade que são analisadas através do meio em que estão inscritas como gravadas, pintadas ou embutidas e o material dos sinais em si, tais como madeira, plástico, papel, ferro ou outros materiais. Neste caso, podemos verificar (*Cf.* Fig. 84) que o material em que o mural foi embutido é de alta qualidade, neste caso, a gravação do texto foi em laser numa placa de mármore afixada sobre um poste igualmente de mármore de boa qualidade. É de destacar ainda a existência de uma tradução completa e equivalente entre português e inglês a que Backhaus (2007) denomina de “homophonic signs”, emitindo uma sensação de confiança e respeito pelo texto e pelo que ele transmite. Além disso, o esforço, o custo e atenção por este mural realizado com materiais de elevada qualidade indica que este pretende ser um mural com grande durabilidade e resistência, estando afixado por muito tempo, reforçando os laços entre gibraltinos, britânicos e madeirenses e um símbolo exposto ao Mundo dessa relação.

6.3. Resultados obtidos na zona turística do Funchal

6.3.1. Zona velha

No que diz respeito aos sinais *top down* foram encontrados 6 sinais relativos a instituições públicas, religiosas, municipais, culturais e educacionais, 14 sinais de interesse público, 8 anúncios públicos e 3 nomes de ruas, somando 28 itens nessa categoria. Destes, 24 sinais foram encontrados na língua portuguesa, 3 na língua inglesa e 1 na língua francesa. Já na categoria de *bottom up* foram encontrados 114 sinais de lojas: roupa, comida ou joalheria; 38 sinais de negócios privados: escritórios, fábricas, empresas e agências; 33 sinais de anúncios privados: “procura-se”, publicidade, vendas, arrendamentos de carros ou apartamentos, totalizando 188 elementos. Destes, 120 sinais foram encontrados na língua portuguesa, 61 na língua inglesa e 7 em outras línguas. Analisando os sinais *top down* e *bottom up*, verifica-se uma diferença acentuada decorrente da necessidade de informar os locais (madeirenses – portugueses) e os turistas. É possível verificar que o item em que mais elementos surgem é *bottom up*, ou seja, elementos não governamentais - maioritariamente publicitários e da restauração. Este fato pode ser explicado pela atração turística decorrente da oferta gastronómica e vida noturna característicos da Zona Velha.

Na tabela seguinte, é possível verificar o número de itens encontrados nas categorias *top down* e *bottom up*.

<i>Top down</i>	Instituições públicas: religiosas, municipais, culturais e educacionais.	6	28
	Sinais de interesse público.	14	
	Anúncios públicos	8	
	Sinais de nomes de ruas	3	

<i>Bottom up</i>	Sinais de lojas: roupa, comida ou joalheria.	114	188
	Sinais de negócios privados: escritórios, fábricas, empresas e agências.	38	
	Anúncios privados: “procura-se”, publicidade, vendas, arrendamentos de carros ou apartamentos.	33	
	Total	216	216

Tabela 5. Categorização *top down* e *bottom up* por número de itens na Zona Velha.

Na tabela 6. verificamos o número de elementos *top down* e *bottom up* por língua, onde foram encontrados 24 itens em português, 3 em inglês e 1 em francês referentes à categoria *top down*. A categoria *bottom up* contou com 120 elementos em português, 61 em inglês e os restantes 7 noutras línguas.

<i>Top down</i>	Português	24
	Inglês	3
	Francês	1
<i>Bottom up</i>	Português	120
	Inglês	61
	Outras	7

Total	216
-------	-----

Tabela 6. Categorização top down e bottom up por língua na Zona Velha.

Em relação aos sinais, foi possível encontrar uma amostra abrangente. Verifica-se uma preocupação com a apresentação dos sinais comerciais de restauração que aparecem na língua inglesa ou outra estrangeira. Habitualmente são impressos e afixados com cuidado. Uma grande maioria dos restaurantes e bares apresenta inclusive fotografias dos pratos e das bebidas disponíveis no menu (Cf. Figs. 88 e 89). Entre as línguas estrangeiras, os espaços comerciais têm preferência pela primeira língua ser o português ou inglês.



Figura 88. Sinais bottom up - sinais comerciais de restauração no Restaurante “Madeira Story Centre”.

Figura 89. Sinais bottom up - sinais comerciais de restauração no Restaurante “O Brinquinho”.

Habitualmente colocam as bandeiras dos países para indicar o menu e os preços com a língua respetiva dessa bandeira. Estes menus são apresentados em grandes placas metálicas ou de plástico com suporte em formato de quadro de grandes dimensões para atrair os turistas e tentarem destacar-se dos concorrentes. Junto às ofertas gastronómicas, alguns dos espaços optam também por juntar as ofertas culturais, muito frequentemente em inglês (*cf.* Fig. 90).



Figura 90. Sinais bottom up - sinais comerciais de restauração no Restaurante “Almirante” em inglês.



Figura 91. Sinais bottom up - sinais comerciais de restauração no Restaurante “Donna Maria” em língua inglesa.

No que diz respeito à apresentação dos menus em português, esta zona demonstra uma preocupação menor perante estes, apresentando-os em placas escritas a giz e cartão. Estes menus são também, na sua maioria, referentes a “pratos do dia”, refeições de almoço com tudo incluído (prato, bebida e café), mais baratas que o menu habitual ou *à la carte* (Cf. Figs. 92 e 93). Por esse motivo e pela constante mudança da oferta do dia ao cliente madeirense, é necessário alterar diariamente os cartões e as placas de ardósia e essa alteração não implica gastos desnecessários com impressões e apresentações atrativas.



Figura 92. Menu do dia em português escrito em ardósia.



Figura 93. Pratos do dia escritos em português em cartões colados à parede.



Figura 94. Sinal top down: “Núcleo Histórico de Santa Maria” em português e inglês
 Figura 95. Sinal top down: “Horário de Funcionamento” de uma instituição pública em português.



Figura 96. Sinal top down: Largo das Torneiras.



Figura 97. Sinais bottom up.

Na figura 97 é possível verificar a afixação de um cartaz de tamanho considerável com informações em inglês e, ao lado, uma folha impressa colada na parede com as mesmas informações, mas desta vez em português. O tamanho reduzido e o tipo de afixação provocam a percepção de que terá sido afixado posteriormente e sem tanto cuidado e preocupação., uma vez que é dirigido ao público madeirense.



Figura 98. Sinal *bottom up* em língua inglesa.

Na figura 98 é possível observar um sinal *bottom up* referente à instituição privada Madeira Medical Center e que se apresenta em inglês, assumindo-se como uma instituição que está capacitada a dialogar e tratar dos seus pacientes através da comunicação em inglês e, provavelmente, é também dirigida aos visitantes estrangeiros que dela possam necessitar.

Dos 216 sinais linguísticos registados, 28 deles foram identificados como pertencentes à categoria *top down* e apenas 3 se apresentaram na língua inglesa, sendo os restantes 24 sinais em português e 1 em francês, demonstrando a forte dominância do português perante estes. Este sinal linguístico em língua francesa trata-se da *Federation Internationalé Maisons de L'Europe*, uma organização politicamente independente que tem por objetivo consolidar o diálogo e parcerias entre instituições e cidadãos europeus.



Figura 99. Sinal top down em francês: Federation Internationalé Maisons de L'Europe.

Quanto aos sinais ingleses referem-se a painéis de informação local, com dados históricos e indicações, como é possível verificar nos exemplos abaixo:



Figura 100. Sinais linguísticos top down: “Núcleo Histórico de Santa Maria” em português e inglês.



Figura 101. Sinais linguísticos top down: "Ponto de informação geográfico" em língua inglesa.

Quanto à categoria *bottom up* e porque esta se trata de uma zona de comércio e turística, foram registados 188 elementos, sendo 61 deles em inglês. A diferença entre as categorias demonstra que a língua inglesa é utilizada com muita relevância nos espaços comerciais e hoteleiros mas com pouco destaque nos espaços governamentais e instituições, o que significa que os sinais linguísticos são maioritariamente dirigidos ao público inglês e aos estrangeiros de passagem, turistas e visitantes e não exclusivamente a residentes.

A Zona Velha, por ser um local bastante frequentado por turistas, é abundante em mensagens multilingues especialmente na oferta de menus e produtos comerciais, confirmando a hipótese 1 de que esta zona iria apresentar uma paisagem multilingue. Por outro lado, a língua inglesa manifestou-se no espaço público em contextos diferentes dos comerciais e das outras línguas.



Figura 102. Sinal linguístico bottom up pertencente a um bar local.

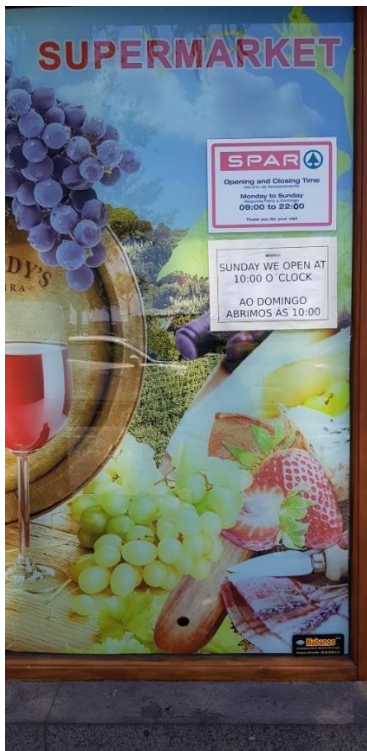


Figura 103. Sinal linguístico bottom up em inglês e português.



Figura 104. Menu do Restaurante "The Snug" em diversas línguas.



Figura 105. Sinais bottom up em inglês pertencentes a uma loja de barro local.

Verificou-se ainda a criação e afixação de alguns anúncios com a informação de que aquele estabelecimento “fala” a língua indicada e os clientes poderão comunicar com os empregados na sua língua mãe (cf. Fig. 106).



Figura 106. Sinais linguísticos bottom up de um restaurante e alojamento em inglês, francês, alemão e espanhol.

Os números de línguas encontradas na PL da Zona Velha não deixaram dúvidas que de trata de uma paisagem dominada pela presença de uma única língua: o português, surgindo 144 itens nessa língua, seguidos pelo inglês com 64 itens (61 em *bottom up* e 3 em *top down*). (Cf. Gráfico 7).

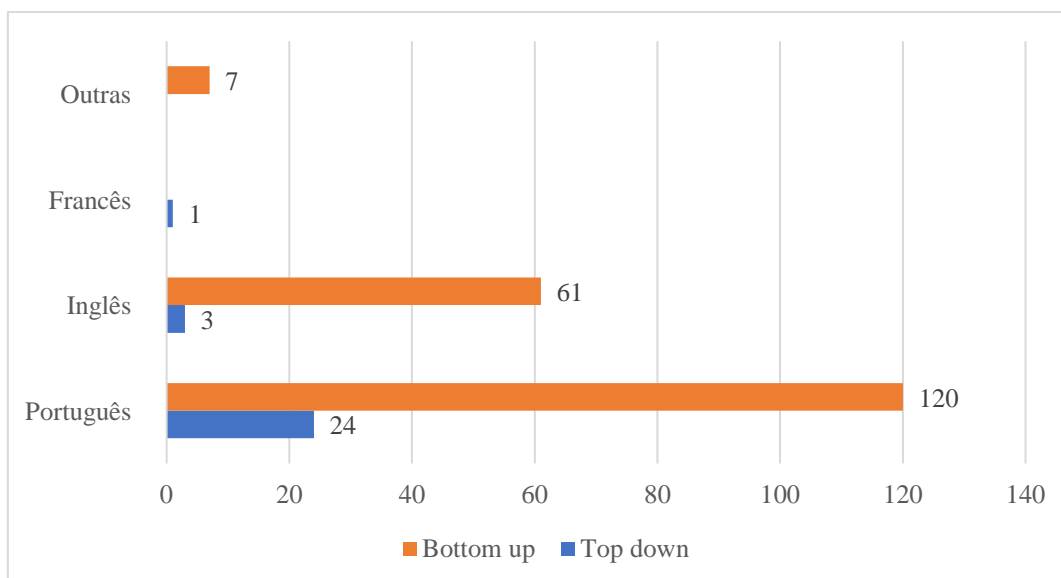


Gráfico 7. Categorização top down e bottom up por língua na Zona Velha.

O facto de apenas uma língua surgir em mais de metade da amostra sugere que a Zona Velha é uma área que para além de turística, é também característica do comércio tradicional, com edifícios como o Mercado dos Lavradores, a Escola Secundária Jaime Moniz, cabeleiros, escritórios de advogados, centros de cópia, cafés e restaurantes que oferecem um menu económico e optam por preferir utilizar apenas a língua portuguesa uma vez que é esse o público-alvo. Por outro lado, verificou-se que outros restaurantes com uma oferta mais simples para turistas, optaram por cartazes simples exclusivamente em inglês para esse público, desconsiderando tanto o português como outras línguas. Os dados mostram que a tendência é utilizar uma língua e depois duas línguas, neste caso, português-inglês ou vice-versa e que as outras combinações de línguas ocorrem com baixa frequência. Foram encontradas 11 línguas distintas nos sinais, demonstrando a presença do turismo gastronómico, designadamente, português, inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, polaco, norueguês, finlandês, russo, sueco e holandês. (Cf. Tabela 7). Nos sinais multilíngues encontrados, a tendência é incluir o português ou inglês. Foram encontradas algumas combinações distintas unicamente em menus de restaurantes, nomeadamente entre as línguas francesa, italiana, alemã, norueguesa, russa, espanhola, holandesa, sueca, finlandesa e polaca.

1. Português	2. Inglês	3. Francês	4. Italiano
5. Alemão	6. Norueguês	7. Russo	8. Espanhol
9. Holandês	10. Sueco	11. Finlandês	12. Polaco

Tabela 7. Lista das diferentes línguas encontradas na Zona Velha.

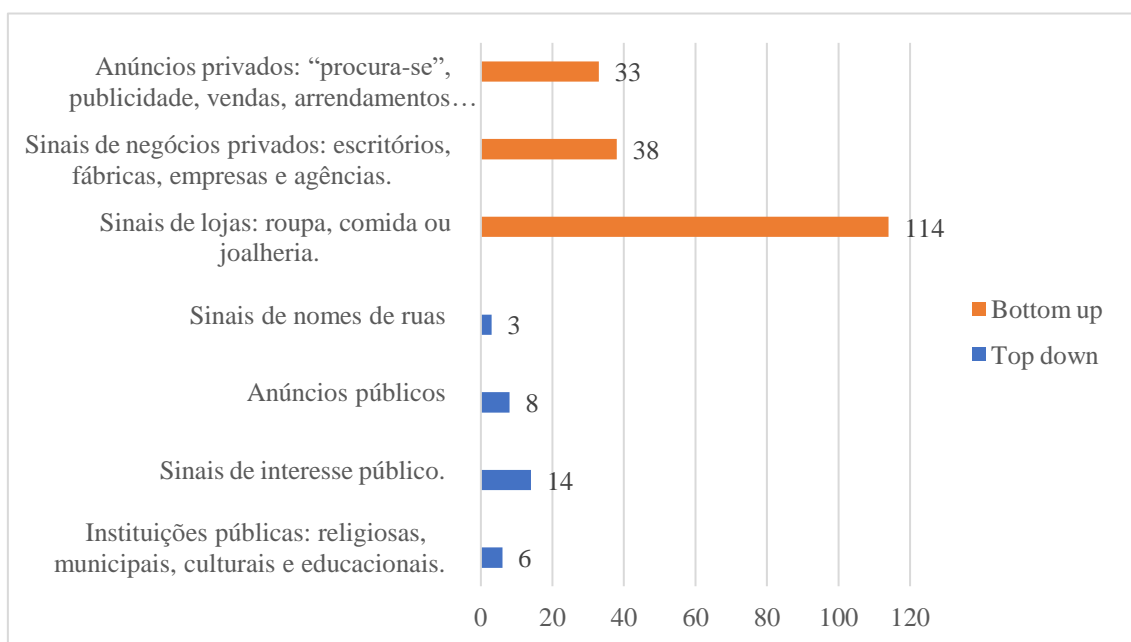


Gráfico 8. Categorização top down e bottom up na Zona Velha.

185 registos de 216 no total estão na categoria *bottom up*. Esta categoria, além de português e inglês apresenta também registos noutras línguas.

No que diz respeito à combinação português + inglês, esta surgiu 28 vezes, correspondendo a 13% da amostra e a combinação inglês + português, 13 vezes, correspondendo a 6%, demonstrando que há uma maior tendência em utilizar o português em primeiro lugar tanto nos sinais monolíngues como bilíngues. Esta situação pode ser explicada pela atividade comercial desenvolvida nesta área, como lojas de sapatos, de lojas de chineses, bancas de venda de fruta e peixe e pelo facto de alguns espaços de

restauração oferecerem um prato do dia mais barato para os locais e tentar ainda aliciar os turistas. Quanto ao tamanho de uma língua em relação a outra, não foi verificada nenhuma situação flagrante, no entanto, há a destacar a diferença entre diversos menus em português e inglês, sendo que os primeiros são apresentados tendencialmente em quadros de ardósia para que possam ser facilmente modificados no dia seguinte, e em folhas separadas afixadas com pouco cuidado nas paredes. Quanto aos menus apresentados em inglês, verificou-se um cuidado especial, incluindo inclusive fotografias alusivas à oferta gastronómica. Alguns dos restaurantes, colocaram também anúncios em destaque com as línguas que aquele estabelecimento fala para comunicar com os seus clientes, como, por exemplo, “We speak English” e “Nous Parlous Français”

6.3.2. Fontanário Charles Murray

Charles Murray foi um cônsul britânico na Ilha da Madeira entre 1771 e 1801, especialmente conhecido pela aquisição da Quinta do Prazer, atualmente chamada de Monte Palace. O dono original deste reduto, o cônsul britânico Charles Murray (1777-1801) decidiu baptizar a propriedade que comprou no final do século XVIII, de “The Pleasure Estate” (Quinta do Prazer), bem destoante da austeridade católica imposta pela igreja vizinha da N.^a Sr.^a do Monte.³⁵ O fontanário³⁶ tem vindo a sofrer algumas modificações com o passar dos anos. Em 2008, por exemplo, estava pintado de amarelo e laranja e estava inserido numa parede de heras.

³⁵ Retirado de: <https://www.got2globe.com/editorial/funchal-madeira-portugal-quase-tropical/>

³⁶ O fontanário Charles Murray situa-se na freguesia do Monte e não faz parte do espaço seleccionado para recolher as mensagens linguísticas. Consta deste estudo pela sua grande importância para a RAM e como prova da ocupação britânica na cidade do Funchal.



Figura 107. Fontanário Charles Murray. Fotografia de Álvaro Silva, 2008.³⁷

O Fontanário de Charles Murray possui um certo impacto na área, pronunciando-se sobre a parede coberta de hera e com a imponente escadaria da Igreja de Nossa Senhora do Monte, proporcionando uma ambiência, verdadeiramente, romântica (Silva, 2008, p.68). Atualmente, o Fontanário foi pintado de branco e a parede de heras foi removida.

³⁷ Retirado de: file:///Users/bruna/Downloads/Mestrado%C3%81lvaroSilva.pdf



Figura 108. Fontanário Charles Murray, 2021.

Junto ao Fontanário encontra-se uma placa informativa acerca da história do fontanário e do seu fundador Charles Murray, de forma a preservar a memória do cônsul britânico responsável por grande parte do desenvolvimento da freguesia.



Figura 109. Placa informativa do Fontanário Charles Murray.

Na placa informativa pode ler-se que a construção do fontanário fez parte de um grande plano de distribuição de águas por Charles Murray para a manutenção dos seus jardins, mas onde não se esqueceu da população local, construindo o fontanário para os peregrinos.

6.4. Resultados gerais da PL no Funchal

De um total de 378 registos, 57% encontram-se na Zona Velha e 43% no centro do Funchal. Nos dois locais a categoria *bottom up* é a mais expressiva. 40% dos registos encontra-se em sinais de lojas: roupa, comida ou joalheria e 25% em anúncios privados, “procura-se”, publicidade, vendas, arrendamentos de carros ou apartamentos, seguidos dos sinais de negócios privados, escritórios, fábricas, empresas e agências com 17%.

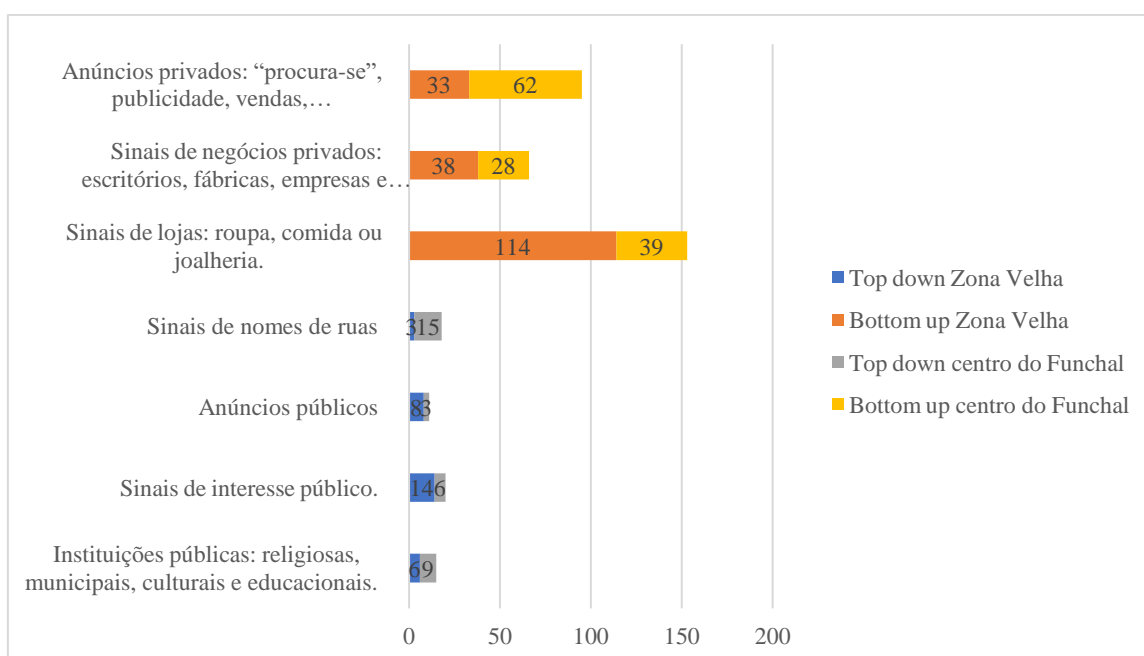


Gráfico 9. Categorização top down e bottom up na Zona Velha e no centro do Funchal.

Os dados registados (Cf. Gráfico 9) permitem observar que a categoria *top down* é a que se apresenta com menos relevância, o que pode ser explicado pela grande existência de muitos espaços comerciais e da restauração nos espaços considerados. Por um lado, a Zona Velha apresenta-se como uma área com uma grande concentração de restaurantes, bares e lojas e, por outro, o centro do Funchal possui dezenas de espaços de

restauração e pastelaria junto dos serviços administrativos, governamentais e institucionais.

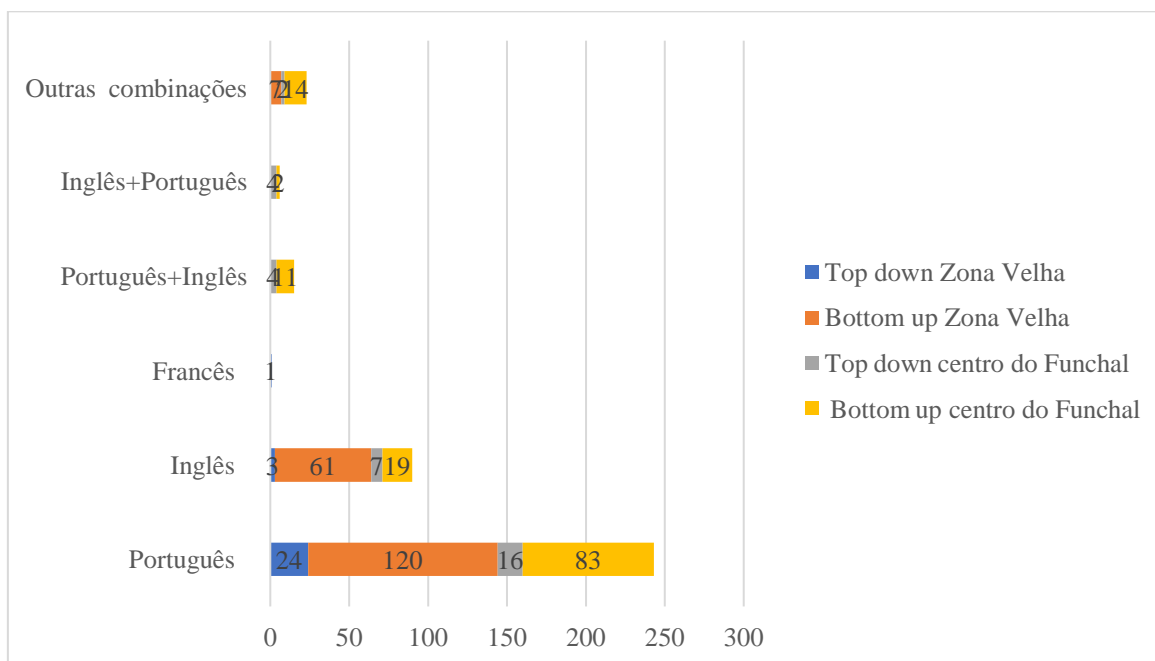


Gráfico 10. Número de línguas e combinações bottom up e top down na Zona Velha e no centro do Funchal.

De um total de 378 registos 64% estão em português e 24% em inglês. Entre estes, contabilizam-se 120 ocorrências *bottom up* na Zona Velha, 83 *bottom up* no centro do Funchal, 16 *top down* no centro do Funchal e 24 *top down* na Zona Velha. Desta forma, os dados mostram que a língua portuguesa é sem dúvida a que mais se manifesta no espectro linguístico da cidade do Funchal, tanto nos serviços comerciais e privados como nas atividades públicas e do Estado.



Figura 110. Autocarro com sinal *bottom up* em português.

Aquando do surgimento da pandemia mundial provocada pelo vírus SARS COVID-2, surgiram informações e anúncios públicos e privados referentes a novas normas de comportamento e presença nos espaços que se manifestaram de formas distintas e não esperadas. Na figura acima é possível observar um autocarro citadino do Funchal muito utilizado pelos turistas para se deslocar a qualquer ponto da cidade onde lemos em inglês as frases “100% electric”, “buy here”, “1 day 5€” e “environment friendly” embutidas na pintura do veículo. No entanto, uma leitura mais atenta permite verificar a existência de um papel A4 impresso na porta do mesmo com a frase em português “lotação máxima 15”. Esta situação permite refletir sobre a presença da língua inglesa como um fenómeno turístico e a língua portuguesa como a língua de comunicação preferencial pelos madeirenses, uma vez que se tornaram quase exclusivamente os únicos utilizadores deste meio de transporte.

O português surgiu sem dúvida com maior expressão do que qualquer outra língua tanto em sinais *bottom up* como *top down* no centro do Funchal e na Zona Velha. Para Joseph J. E. (2004, p. 16) a função identitária linguística reside na combinação das duas principais funções da PL, a informativa e a simbólica: “blurs the dichotomy between the two traditional functions of language. If we wished, we might break identity down into components, each of which is classifiable as communication or representation, including

self-representation.” Desta forma, a língua portuguesa surge como um traço identitário para os madeirenses que vêm na sua língua uma forma de transmitirem e receberem informações importantes e, por outro lado, o simbolismo de pertencerem à mesma comunidade linguística e geográfica.

No que diz respeito ao inglês, é o segundo com maior destaque, surgindo 61 vezes nos sinais *bottom up* da Zona Velha, 19 vezes nos sinais *bottom up* do centro do Funchal, 7 vezes nos sinais *top down* do centro do Funchal e 3 vezes nos sinais *top down* da Zona Velha. O facto de surgir com este número e variedade de ocorrências nos sinais *top down* e *bottom up*, indica que o inglês é referido tantos nos meios comerciais como nos públicos, apontando não só para uma presença ligada ao turismo mas também a uma presença residencial, resultante das ocupações inglesas do passado.

A combinação português + inglês surgiu 4 vezes nos sinais *top down* e 11 vezes nos sinais *bottom up* do centro do Funchal. O facto desta combinação ter surgido exclusivamente no centro do Funchal e não na Zona Velha deve-se ao facto de esta ser muito mais turística e possuir muitos mais espaços comerciais do que a primeira. Os sinais *top down* encontrados referem-se a sinais governamentais que apresentam informação institucional em ambas as línguas, com a seleção do português em primeiro lugar. Os *bottom up* são ofertas da restauração dirigidas principalmente ao público madeirense, demonstrando que esta zona é muito frequentada pelos locais.

Já a combinação inglês + português surgiu 4 vezes nos sinais *top down* e 2 vezes nos sinais *bottom up* do centro do Funchal. Esta é uma informação muito pertinente uma vez que demonstra a existência de sinais bilingues em que a língua inglesa surge em primeiro lugar, a que Cotterill *et al* (2015, p. 2) chama de “efeito de hierarquia e poder”. Os sinais *top down* encontrados reportam-se a sinais institucionais dentro da Igreja e do Cemitério Britânico, demonstrando que estes são espaços maioritariamente frequentados por britânicos residentes ou visitantes na Ilha. O surgimento destes resultados são também o que Scollon & Scollon (2003) destacam como “indexicalidade”, uma vez que é preciso ter em consideração que estes sinais surgiram com esta combinação em particular devido ao local onde foram encontrados, neste caso, edifícios originalmente britânicos. No estudo que os investigadores Scollon & Scollon (2003) realizaram, aperceberam-se que a utilização de sinais linguísticos na língua inglesa de um espaço comercial chinês era um

símbolo de preferência por produtos ingleses e não uma indexação a uma comunidade inglesa de falantes. Neste caso, é precisamente o oposto, sendo que estes sinais surgiram por estarem indexados a estes locais.

7. Conclusões, limitações e perspectivas

7.1. Conclusões gerais

Durante o século XVIII, a Madeira foi um polo de afluência do povo britânico instruído tais como profissionais da medicina que procuravam entender e conhecer o clima ameno da Ilha para ajudar a tratar os seus pacientes, cientistas dedicados a descobrir novas espécies de fauna e flora e no estudo das suas propriedades e ainda empresários de diversas áreas. Aquando do século XIX, as condições socioeconómicas, o contexto político madeirense e as relações comerciais então desenvolvidas com o Império Britânico facilitaram a entrada e instalação de uma comunidade britânica que ocupou politicamente a Ilha e se estabeleceu até os dias de hoje. Estes permaneceram devido às suas relações comerciais e sociais, desenvolvendo os seus negócios especialmente ligados à indústria vinícola e criando a sua família. Este fenómeno provocou que outros dos seus conterrâneos procurassem também a ilha para viver uma vez que também o reconheciam como muito boa para trabalhar e residir.

Atualmente, habitam mais de mil britânicos na Madeira, consolidando todo o passado histórico e cultural e cultivando o seu legado na Ilha. Estes, frequentam a Igreja Britânica com as sessões em língua inglesa e utilizam os serviços do Cemitério Inglês que possui jazigos de várias famílias britânicas muito conhecidas. Além disso, dinamizam concertos de bandas inglesas que convidam à Madeira para atuações usualmente nos espaços reconhecidamente de tradição britânica. Dentro destes espaços e nos seus arredores é possível observar vários sinais escritos em língua inglesa que se destinam ao público britânico que os frequentam e eventuais visitantes.

O estudo da PL do Funchal é da máxima importância para analisar quais as atuais relações e dinâmicas entre a língua inglesa e portuguesa e quais as suas relações de estatuto, identidade e poder. Ao longo da história na PL, tem-se assistido a um crescente número de estudos em diversas áreas, no entanto, e, apesar de Portugal ver o seu número de publicações crescer, a Ilha da Madeira não experienciou o mesmo. A maior parte dos estudos mais conhecidos na área são praticados em comunidades bilingues ou multilingues, e analisam questões de vitalidade linguística, o poder das línguas minoritárias, questões políticas da linguagem no espaço público e a utilização de línguas

oficiais no sector governamental em detrimento de outras. Este estudo realizou-se na cidade do Funchal, cuja língua oficial é o português, mas possui um passado histórico relacionado com ocupações britânicas, o que se reflete na sua PL. Desta forma, através deste trabalho, foi possível conhecer qual o impacto dessas ocupações do século XIX na PL de hoje em dia. Uma vez que não existem mais nenhuma língua oficial, a metodologia traçada por Ben-Rafael *et al* (2006:19-21) que consiste em separar sinais linguísticos *top down* de *bottom up* analisando as diferenças entre eles, permitiu tirar conclusões acerca de quais os sinais linguísticos que refletem a realidade das ocupações britânicas históricas marcantes na Região, e quais as marcas linguísticas resultantes da afluência turística e do estatuto internacional da língua inglesa.

O Funchal é a cidade que assiste a um maior número de habitantes ingleses com um total de 629 indivíduos, o que nos permite concluir que quase metade dos residentes britânicos encontram-se concentrados aqui. No que diz respeito à divisão por género, esta assemelha-se à média regional, com uma maior existência de homens. Neste caso, é possível constatar a existência de 345 homens e 284 mulheres. Quanto à variação etária, esta oscila entre os 0 e os 90 ou mais anos.

Aquando das considerações metodológicas, consideramos que a análise dos sinais linguísticos *bottom up* e *top down* demonstrariam a diferença entre os sinais comerciais e privados e os sinais públicos e institucionais, e ainda que a presença do inglês em sinais públicos seria um reflexo da presença britânica na Ilha da Madeira. Os resultados demonstram que a presença do inglês em sinais públicos decorrente da ocupação mencionada, é inegável. Estes encontram-se no coração da cidade, perto de todos os serviços administrativos e são facilmente reconhecidos por todos, residentes ou não. Inclusive, estes espaços continuam em atividade nos dias de hoje, alguns deles sendo efetivamente frequentados pelo público britânico residente, cuja presença remonta ao séc. XIX.

No que diz respeito aos sinais *top down* na Zona Velha foram encontrados 6 sinais relativos a instituições públicas, religiosas, municipais, culturais e educacionais, 14 sinais de interesse público, 8 anúncios públicos e 3 nomes de ruas, somando 28 itens nessa categoria. Destes, 24 sinais foram encontrados na língua portuguesa, 3 na língua inglesa e 1 na língua francesa. Já na categoria de *bottom up* foram encontrados 114 sinais de lojas:

roupa, comida ou joalheria; 38 sinais de negócios privados: escritórios, fábricas, empresas e agências; 33 sinais de anúncios privados: “procura-se”, publicidade, vendas, arrendamentos de carros ou apartamentos, totalizando 188 elementos. Destes, 120 sinais foram encontrados na língua portuguesa, 61 na língua inglesa e 7 em outras línguas. Analisando os sinais *top down* e *bottom up*, verifica-se uma diferença acentuada decorrente da necessidade de informar os locais (madeirenses – portugueses) e os turistas. É possível verificar que o item em que mais elementos surgem é *bottom up*, ou seja, elementos não governamentais - maioritariamente publicitários e da restauração. Este fato pode ser explicado pela atração turística decorrente da oferta gastronómica e vida noturna característicos da Zona Velha. Os espaços comerciais e da restauração da Rua Santa Maria, que é conhecida por ser uma rua de muito movimento turístico onde abundam restaurantes de uma ponta a outra e de um lado e de outro da rua, mostraram preferência pela utilização da língua inglesa, excluindo por vezes a língua portuguesa por completo ou apresentando o inglês em primeiro lugar e o português em segundo. Por vezes, a informação em português não surgiu tão completa como a informação em inglês, a que Alomoush (2015, p. 105) descreve como um sinal pertencente a “sinais fragmentados”, ou seja, sinais que não aparecem completos na segunda tradução. Este facto sugere que este supermercado deve ser muito frequentado por estrangeiros e os produtos que vende são destinados a estes.

De um total de 378 registos, 57% encontram-se na Zona Velha e 43% no centro do Funchal. Nos dois locais a categoria *bottom up* é a mais expressiva. 40% dos registos encontra-se em sinais de lojas: roupa, comida ou joalheria e 25% em anúncios privados, “procura-se”, publicidade, vendas, arrendamentos de carros ou apartamentos, seguidos dos sinais de negócios privados, escritórios, fábricas, empresas e agências com 17%. É ainda possível destacar que 64% estão em português e 24% em inglês. Entre estes, contabilizam-se 120 ocorrências *bottom up* na Zona Velha, 83 *bottom up* no centro do Funchal, 16 *top down* no centro do Funchal e 24 *top down* na Zona Velha. Desta forma, os dados mostram que a língua portuguesa é sem dúvida a que mais se manifesta no espectro linguístico da cidade do Funchal, tanto nos serviços comerciais e privados como nas atividades públicas e do Estado (*cf.* Fig. 111).



Figura 111. Sinal informativo de um serviço público exclusivamente em português.

No que diz respeito às funções destacadas por Landry & Bourhis (1997) é possível mencionar as funções informativa, simbólica, de estatuto e poder, e de identidade.

Através da análise das representações da linguagem no espaço público, a PL explora o sinal linguístico exposto e o modo como as pessoas interagem com esses mesmos sinais. Desta forma, a utilização do inglês nos sinais linguísticos *bottom up* é um reflexo dos clientes a quem este é dirigido, neste caso, ao público turista. Grande parte dos estudos em PL têm sido dirigidos a comunidades multilíngues, tentando analisar a presença ou a inexistência de sinais linguísticos sem levar em consideração as condições de construção dos mesmos ou com um grande foco no contexto histórico. Este trabalho pretendeu estudar não apenas a PL da Zona Velha, mas também todo o seu enquadramento histórico

relacionado com a ocupação britânica na Ilha da Madeira e, mais especificamente, na cidade do Funchal.

A exploração e investigação dos sinais linguísticos a partir de fotografias demonstrou ser um método eficaz para a determinação e categorização dos sinais encontrados de acordo com a classificação de Ben-Rafael *et al* (2006, pp. 19-21). Os resultados demonstraram ser ferramentas úteis para compreender o atual panorama linguístico da Zona Velha, na medida em que demonstram uma presença preponderante da língua inglesa perante outras e, como tal, uma informação importante para os gestores da cidade, dos serviços turísticos e da hotelaria. Por outro lado, são também expressões de uma raiz histórica e cultural a que os madeirenses não são indiferentes, consolidando a sua memória e identidade.

Através dos dados recolhidos é possível concluir que a influência da ocupação britânica já não é muito sentida no panorama linguístico da cidade e hoje a utilização do inglês poderá ser um reflexo das relações comerciais e profissionais anteriormente travadas que abriram portas para uma grande afluência do turismo britânico. Por outro lado, é preciso ter em mente o estatuto de modernidade do inglês e a sua utilização como língua global.

7.2. Conclusões dos objetivos gerais

Os objetivos gerais deste trabalho compreendiam a obtenção de dados que pudessem caracterizar a PL do Funchal e verificar qual o impacto das ocupações britânicas do início do século XIX na PL na cidade, quais as suas características e apresentar possíveis razões para a sua presença, distinguindo-as dos sinais turísticos. Um outro objetivo era o de analisar os sinais linguísticos presentes na zona turística e abordar a forma como estes se refletem na PL e ainda a estudar as dinâmicas entre o inglês e o português e as suas relações de estatuto e poder.

O centro do Funchal, por ser uma zona muito turística rica em espaços comerciais e da restauração, e concentrar muitos serviços administrativos demonstrou ser abundante

em mensagens multilíngues com muitas ofertas de produtos e serviços aos turistas, confirmando a hipótese 1.

Verificou-se a utilização dos etnónimos “inglês” e “britânico” em nomes toponímicos como a Igreja Inglesa, o Cemitério Britânico, a Botica Inglesa e a Farmácia Luso-britânica. No que diz respeito aos patrónimos britânicos foram encontrados o Phelps, Mary Jane Wilson, Blandy e Charles Murray e os epónimos Largo do Phelps, Museu e estátua Mary Jane Wilson, Blandy Madeira Wine e Fontánario Charles Murray, confirmando a hipótese 2.

Devido à ocupação britânica, a língua inglesa também se manifestou no espaço público em contextos distintos dos comerciais, confirmando a hipótese 3.

Para atingir estes objetivos foram tomadas providências metodológicas para recolher e analisar os dados. A determinação da unidade de análise e a definição dos limites geográficos foi fundamental para obter as informações registadas e analisadas. Uma vez que a unidade de análise foi a unidade de informação separada (palavra, frase, nome do espaço) esta amostra demonstrou ser muito rica em exibir diversos tipos de informação nos espaços identificados. Se a unidade de análise tivesse sido o espaço, edifício ou placa em conjunto, os dados não teriam sido tão amplos e explicativos. A definição dos limites geográficos também foi muito importante uma vez que possibilitou o registo dos sinais nas ruas onde a presença britânica foi e é mais significativa, permitindo recolher material relevante aos propósitos deste estudo.

7.3. Conclusões das questões prévias

As questões prévias a este estudo compreendiam o esclarecimento acerca de em que tipo de sinais surge a língua inglesa, quais as línguas que aparecem no panorama linguístico da cidade do Funchal, a sua importância e quais as características dos sinais multilíngues. No que diz respeito à primeira questão, é possível verificar que a língua inglesa surge em

tanto em sinais *bottom up* como em sinais *top down*, demonstrando que é uma língua utilizada não só para fins turísticos como língua global mas também como um reflexo das ocupações britânicas a que a Madeira assistiu e aos residentes britânicos que continuam a residir na ilha, mantendo o seu culto religioso, celebrando as suas cerimónias de matrimónio e serviços fúnebres e ainda dinamizando eventos e espetáculos para a sua comunidade.

Quanto à segunda questão, foram identificadas 13 línguas distintas sendo elas o português, o inglês, o francês, o italiano, o alemão, o norueguês, o russo, o espanhol, o basco, o holandês, o sueco, o finlandês e o polaco. Com a exceção da língua basca que apareceu num autocolante político colado a um poste de eletricidade de uma das ruas analisadas que se presume ter sido afixado por um turista, e do português e inglês, as restantes línguas apareceram exclusivamente em sinais comerciais e da restauração *bottom up*, mostrando serem línguas de utilização turística para visitantes que precisam de serviços de transporte e de espaços para usufruírem da gastronomia local. O surgimento destas línguas em contextos distintos do português e inglês é muito importante na medida em que demonstra uma utilização exclusivamente turística destas línguas. O mesmo não acontece nem com o português nem com o inglês que são utilizadas pelas razões anteriormente exploradas.

Por fim, no que diz respeito à terceira questão, acerca de quais as características dos sinais bilingues ou multilingues, é interessante notar que a amostra demonstrou ser, na sua grande maioria, monolíngue. Os sinais monolíngues apresentaram-se, em grande percentagem, na língua portuguesa e inglesa em *bottom up* indicando uma preferência por dirigir-se ao público pretendido sem qualquer outra tradução. Estas situações foram identificadas especialmente nos espaços da restauração e cafés que se dirigem aos madeirenses ou aos bares cujos nomes e bebidas estão exclusivamente em inglês. No que se refere aos sinais bilingues estes foram encontrados unicamente nas combinações português + inglês e inglês + português, com pouca expressividade, demonstrando que tanto os espaços comerciais como os governamentais preferem optar por uma ou outra língua na hora da decisão da escolha linguística. Os sinais multilingues identificados provaram ser exclusivamente *bottom up*, uma vez que os restaurantes, bares, cafés e outros locais do comércio, optaram por dirigir-se aos turistas na sua língua para poder informá-los de forma mais apropriada e atraí-los a adquirir os seus produtos.

7.4. Limitações do estudo

No que diz respeito às limitações do estudo, estas estão relacionadas com a seleção das áreas geográficas em si. Uma vez que o propósito do estudo era investigar a influência da ocupação britânica na cidade do Funchal, as zonas selecionadas foram escolhidas previamente levando em consideração as ruas que mais dados forneceria nesse aspeto, nomeadamente, a escolha das ruas e das ruas transversais onde se encontram edifícios, instituições, lojas ou monumentos provenientes das ocupações britânicas na Ilha da Madeira. Para um estudo mais aprofundado à PL do Funchal seria necessário recolher dados de outras zonas significativas da cidade para obter mais dados acerca da composição linguística. Por outro lado, para a realização de um estudo mais completo sobre a influência da ocupação britânica na Madeira, seria necessário recorrer à seleção de todas as freguesias da Ilha, recolhendo dados das áreas mais importantes de cada uma e realizar uma análise geral à PL da Ilha e de que forma a PL se manifesta no espaço público geral.

Uma outra limitação do estudo é a escolha da metodologia baseada em Ben-Rafael *et al* (2006) uma vez que esta se baseou na diferenciação por *top down* e *bottom up* sem fazer uma categorização por rua e tipos e tamanhos de placa considerando e abordando exaustivamente os sinais comerciais e os sinais públicos. Salvaguardando o objetivo deste estudo que pretendia analisar o espectro linguístico da cidade do Funchal perante a influência da ocupação britânica, esses dados poderiam fornecer uma maior amplitude sobre a concentração dos sinais por tipo/rua e inferir quais as possíveis razões pelos resultados obtidos.

A seleção das ruas também poderá ser uma limitação uma vez que foram selecionadas as ruas que apresentavam maior incidência de edifícios e monumentos referentes à ocupação britânica. Uma maior ou diferente seleção poderia permitir a obtenção de outros dados igualmente consideráveis ou a aparição de um edifício ou escultura desconhecido. Por outro lado, a seleção das ruas na zona turística - Zona Velha – reflete uma realidade muito própria do turismo e locais que a frequentam, sendo necessário, por isso, uma outra análise a outras freguesias turísticas da cidade de forma a

comparar e analisar os resultados obtidos.

7.5. Perspetivas de investigação futura

O presente estudo focou-se na justificação histórica e linguística para a presença da língua inglesa na PL da cidade do Funchal, tendo como foco do trabalho o material obtido em três freguesias consideradas como as mais relevantes. Como possibilidade de estudo futuro, para analisar a PL do Funchal será necessário recolher dados de todas as freguesias e estudar quais as que apresentam dados mais significativos e quais os motivos.

As perspetivas de investigação futura assentam em três possibilidades. A primeira seria dar uma continuidade a este estudo analisando o impacto da ocupação britânica na PL de outros concelhos da Região como por exemplo no Porto Moniz, Calheta, São Vicente, Ponta do Sol, Ribeira Brava, Santana, Câmara de Lobos, Machico e Santa Cruz, estudando quais as diferenças entre cada concelho e quais as suas características linguísticas. Para isso, seria interessante também proceder à realização de entrevistas junto da comunidade madeirense e da comunidade britânica e registar qual a percepção de cada comunidade em relação à outra e quais as razões pelas quais comunicam da forma como é registado. Estas entrevistas iriam permitir obter dados mais significativos sobre as relações de estatuto e poder que cada uma tem sobre si e sobre o outro. Os dados provenientes do SEF no capítulo 4.5 “Residência e turismo britânico” permitiram verificar que os residentes britânicos na Ilha da Madeira têm vindo a diminuir, bem como o número de nascimentos de bebés desta nacionalidade, o que poderá indicar que no futuro esta venha a extinguir-se, provocando uma nova dinâmica social, cultural e linguística na Região. As entrevistas permitiriam descobrir qual a percepção dos britânicos sobre este fenómeno.

A segunda possibilidade seria utilizar uma metodologia diferente com os dados obtidos neste estudo, como por exemplo, uma categorização distinta utilizando tabelas com o tipo de sinal, as diferentes línguas, a ordem, o tamanho e a localização geográfica

de cada uma. Este tipo distinto de categorização dos dados poderia fornecer mais informação relativa à concentração de cada sinal por tipo e estudar a função simbólica de cada um aquando da sua apresentação em tabuletas ou letreiros de maior ou menor dimensão. A análise da ordem de outras línguas no panorama também poderia facultar informações interessantes sobre outras relações de estatuto e poder aparentemente inexistentes.

A terceira possibilidade seria a de realizar um estudo à PL do Funchal como um todo sem o foque da influência da ocupação britânica e observar os resultados e a possível influência de outras línguas. A cidade do Funchal tem vindo a tornar-se um ponto de referência para os mais diversos povos que procuram por um local seguro, ameno e confortável onde se possam estabelecer. Os dados da Secretaria do Turismo confirmam que a Ilha da Madeira foi escolhida como melhor destino insular europeu. Por todas estas razões, seria interessante descobrir o que todas estas dinâmicas sociais provocam no panorama da cidade.

8. Bibliografia

Aguiar, Ricardo Alexandre Machado (2012). Percepções dos alunos face à aprendizagem da Língua Inglesa, Um estudo de caso no I.E.F.P. de Castelo Branco. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior

Alomoush, O. (2015). *Multilingualism in the linguistic landscape of urban Jordan*. (Tese de Doutoramento não editada, University of Liverpool, Inglaterra).

Backhaus, P. (2006). Multilingualism in Tokyo: A look into the linguistic landscape. *International Journal of Multilingualism*, 3(1), 52–66. <https://doi.org/10.1080/14790710608668385>.

Backhaus, P. (2006). *Linguistic Landscapes*. Multilingual Matters. <https://doi.org/10.21832/9781853599484>

Bazenga, A., Ribeiro, J., & Sequeira, M. (2012). *The British presence in Madeira Island: historical overview and linguistic outcomes*. Comunicação apresentada no British Scholar Society Conference Edinburgh, UK

Berger, R. Lecheta, M. (2019) A paisagem linguística de um campus universitário fronteiriço: língua e poder em perspectiva. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 2. <https://doi.org/10.22168/2237-6321-21486>.

Ben-Rafael, E., Shohamy, E., Amara, M., & Trumper-Hecht, N. (2006). Linguistic landscape as symbolic construction of the public space: the case of Israel. *International Journal of Multilingualism*, 3(1), 7–30. <https://doi.org/10.1080/14790710608668383>.

Biddle, A. (1896). *The Madeira Islands*. Drexel Biddle & Bradley Publishing Company.

Blommaert, J. (2010). *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bourhis, R., & Landry, R. (1997). Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality—An empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, 16(1), 23–49. <https://doi.org/10.1177/0261927X970161002>

Brandão, R. (1927). *As Ilhas Desconhecidas*. Edições QETZAL.

Blackwood, R. Lanza, E. Woldemariam. H. (2016). Negotiating and Contesting Identities in Linguistic Landscapes

Calvet, J. (1994). *Les voix de la ville: Introduction à la sociolinguistique urbaine*. Paris: Payot et Rivages.

Canakis, C. (2018). Contesting Identity in the Linguistic Landscape of Belgrade: An Ethnographic Approach. *Belgrade English Language and Literature Studies*, 10, 229–258. <https://doi.org/10.18485/bells.2018.10.11>

Carita, Rui (1999). *História da Madeira, volume V – O Século XVIII: Economia e Sociedade*. Funchal: Secretaria Regional de Educação.

Carus-Wilson, E. (1937). *The Overseas Trade of Bristol in the Later Middle Ages*. Bristol Record Society Publications.

Cenoz, J., Gorter, D (2006). Linguistic Landscape and Minority Languages. *International Journal of Multilingualism*, 3(1),67-80.. <http://dx.doi.org/10.1080/14790710608668386>

Clemente, M. (2018). *Paisagem linguística urbana: o caso de Aveiro e a sua relevância educativa*. (Tese de doutoramento não editada. Universidade de Aveiro, Portugal). <http://hdl.handle.net/10773/22801>

Clode, P. (1950). *Registo Genealógico de Famílias que passaram à Madeira*. Tipografia Comercial, Funchal.

Comajoan, L. (2013). El paisaje lingüístico en Cataluña: Caracterización y percepciones del paisaje visual y auditivo en una avenida comercial de Barcelona. *Dspace.uvic.cat*. <http://hdl.handle.net/10854/2714>

Correia, L. (2011). Traços toponímicos da freguesia da Sé. (Tese de mestrado não editada. Universidade da Madeira, Portugal). <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/669/1/MestradoLisandraCorreia.pdf>

Cotterill, R., Muir, K., Joinson, A., & Dewdney, N. (2015). *Identifying linguistic correlates of social power*. *International Journal of Computational Linguistics and Applications*, 6(1), 9-26.

Da Silva, I. Santos, M. Jung, N. (2016). Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. *Domínios de Linguagem*. 10(4). 1257-1277. <https://doi.org/10.14393/DL27-v10n4a2016-4>.

Danescu-Niculescu-Mizil, C., Lee, L., Pang, B., & Kleinberg, J. (2012). Echoes of power. *Proceedings of the 21st International Conference on World Wide Web - WWW '12*. <https://doi.org/10.1145/2187836.2187931>

Dewi, Anita. (2013). English As An International Language: An Overview. *Journal of English and Education*. 6, 1-11. <https://doi.org/10.20885/jee.vol6.iss2.art1>.

Furtado, Júnia Ferreira. (2011). Guerra, diplomacia e mapas: a Guerra da Sucessão Espanhola, o Tratado de Utrecht e a América portuguesa na cartografia de D'Anville. *Topoi (Rio J.)* 12(23), 66-83. <https://doi.org/10.1590/2237-101X01201004>.

Gorter, Durk. (2006). Introduction: The Study of the Linguistic Landscape as a New Approach to Multilingualism. *International Journal of Multilingualism*. 3(1). 1-6. <https://doi.org/10.1080/14790710608668382>.

Gorter, D. (2007). *The linguistic landscape in Rome: aspects of multilingualism and diversity*. (Working Paper of tge IPRS). https://www.academia.edu/2122945/The_linguistic_landscape_in_Rome_Aspects_of_multilingualism_and_diversity

Gorter, D., Marten, H. F., Mensel, L. Van (2012). *Minority Languages in the Linguistic Landscape*. Palgrave Macmillan UK. <http://dx.doi.org/10.1057/9780230360235>.

Gouveia, C. (2008). *Phelps, percursos de uma família britânica na Madeira de oitocentos*. Funchal 500 anos.

Huebner, T. (2006). Bangkok's Linguistic Landscapes: Environmental Print, Codemixing

and Language Change. *International Journal of Multilingualism* 3(1), 31-51.
<https://doi.org/10.1080/14790710608668384>

ISCTE-IUL. (2016). Código de Conduta Ética na Investigação.

Joseph, J. E. (2004). Linguistic Identity and the Functions and Evolution of Language. *Language and Identity*, 15–40. https://doi.org/10.1057/9780230503427_2

Kallen, J. (2009). *Tourism and Representation in the Irish Linguistic Landscape*. Linguistic Landscape: Expanding the Scenery, pp.270–283, Routledge.

Kreslins, J. (2003). Linguistic landscapes in the baltic. *Scandinavian Journal of History*, 28(3-4), 165–174. <https://doi.org/10.1080/03468750310003659>

Kress, G. & Van Leeuwen, T. (2006). *Reading images: the grammar of visual design*. Routledge.

Quintal, R. (1999) *Aluviões da Madeira. Séculos XIX e XX*. Territorium 6.

Landry, R., & Bourhis, R. (1997). Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality an empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, 16(1), 23–49. <https://doi.org/10.1177/0261927X970161002>.

Lanehart, S. (1996). The Language of Identity. *Journal of English Linguistics*. 24(4), 322-331. <https://doi.org/10.1177/007542429602400407>

Leça, Joaquim. (2008). *Agricultando*. <https://agricultando.blogs.sapo.pt/2919.html>

Leimgruber, J. & Fernández-Mallat, V. (2021). Language attitudes and identity building in the linguistic landscape of Montreal. *Open Linguistics*, 7(1), 406-422. <https://doi.org/10.1515/opli-2021-0021>

Marujo, N. (2013). O desenvolvimento do turismo na ilha da Madeira. *Revista de investigación en turismo y desarrollo local*, 6 (15).

Macedo, Marlene. (2019). Produção de uma Paisagem Linguística em Espaços Públicos e Comerciais na Ilha da Madeira Comparação com dados relativos ao Algarve e Aveiro. *Universidade da Madeira*. <https://www.researchgate.net/publication/330741275>

Macedo, M. (2020). *Ementas e Nomes de Restaurantes em Zona Turística do Funchal e de Santa Cruz de Tenerife Um olhar sobre a paisagem linguística*. (Dissertação de Mestrado não editada, Universidade da Madeira, Portugal).

Martins, V. Nuno (2019). A Ecologia Política dos Desastres na Ilha da Madeira: Vulnerabilidade, Adaptação e Risco, no Século XIX. *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série, n.º 1, 2019, pp. 231-262*. Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira <https://ahm-abm.madeira.gov.pt>

Melo-Pfeifer, S. & Lima-Hernandes. M. (2020). Paisagens Linguísticas: Ideologias, discursos e práticas multilingues nos espaços sociais. *Domínios de Linguagem*, 14(4), 1024–1058. Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. <https://doi.org/10.1493/DL44-v14n4a2020-1>.

Milgram, Stanley (1967). *The Small World Problem*. *Psychology Today*. Ziff-Davis Publishing Company.

Miyagawa, S., Lesure, C., & Nóbrega, V. A. (2018). Cross-Modality Information Transfer: A Hypothesis about the Relationship among Prehistoric Cave Paintings, Symbolic Thinking, and the Emergence of Language. *Frontiers in Psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00115>

Nascimento, J. (2009). Emigração madeirense para a Venezuela (1940-1974). (Dissertação de Mestrado não editada, Universidade da Madeira, Portugal).

Nunes, L. (2013). *Considerações éticas a atender nos trabalhos de investigação académica de enfermagem*. Departamento de Enfermagem ESSIIPS. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4547/1/consid%20eticas%20na%20investig%20academica%20em%20enfermagem.pdf>

Nunes, N. (2014) Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no

português falado na cidade do funchal. *Confluência*. 1. <https://doi.org/10.18364/rc.v1i46.23>.

Oliveira, I. (2012). População e Demografia na Madeira. Séculos XIX e XX. *Revista CEHA – Centro de Estudos de História do Atlântico, Newsletter 15, História da Madeira – Questões e Problemas*.

Pons Rodriguez, L. (2012). *El paisaje lingüístico de Sevilla. Lenguas y variedades en el escenario urbano hispalense*. Diputación de Sevilla. http://lolapons.es/wp-content/uploads/2019/12/Pons_Rodriguez_2012_Paisaje_Linguistico_Sevilla.pdf

Rebelo, H. (2021a). A toponímia como paisagem linguística e património linguístico: Ruivós, no cruzamento de rotas para a Madeira? *SABUCALE-Revista Anual do Museu do Sabugal*, 12, 113–132. Consultado em <http://hdl.handle.net/10400.13/3416>

Rebelo, H. (2021b). Da paisagem à paisagem linguística como património ou da prática à teoria: Para uma tipologia da paisagem linguística. *Confluência*, Revista do Instituto de Língua Portuguesa, 60, 198–221.

Reh, M. (2004). Multilingual writing: a reader-oriented typology — with examples from Lira Municipality (Uganda). *International Journal of the Sociology of Language*, 2004(170), 1–41. <https://doi.org/10.1515/ijsl.2004.2004.170.1>

Rodrigues, E. (2019). Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série, n.º 1, 2019, pp. 337-379. Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. <https://ahm-abm.madeira.gov.pt>

Rodrigues, L. (2020) Paisagem Linguística em Contexto Froteiriço: Estudo de caso em Tabatinga (Bra) e Letícia (Col), *Revista científica TRAMA*, 16 (37). <https://doi.org/10.48075/rt.v16i37.23694>.

Rodrigues, P. (1999). *A política e as questões militares na Madeira – o período das guerras napoleónicas*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA).

Rodrigues, P. (2007). *A Madeira entre 1820 e 1842: Relações de poder e influência*

britânica. (Tese de doutoramento não editada, Universidade da Madeira, Portugal).

Santos, C. Matos, P. (2013): *A Demografia das Sociedades Insulares Portuguesas. Séculos XV a XXI*. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”.

Sciriha L., & Vassallo M. (2001) *Malta, a linguistic landscape*. Malta: Malta Caxton.

Scollon, R., & Wong Scollon, S. (2003). *Discourses in Place*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203422724>.

Sebba, M. (2010). Linguistic Landscapes: A Comparative Study of Urban Multilingualism in Tokyo. Peter Backhaus. *Writing Systems Research*, 2(1), 73–76. <https://doi.org/10.1093/wsr/wsp006>

Silva, A. (2008). Estudo de viabilização para a criação e implementação de uma associação para o desenvolvimento do destino turístico Monte. (Dissertação de Mestrado não editada, Universidade da Madeira, Portugal).

Silva, M. (2005). *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo: Hipótese de Modelo Estratégico*. (Tese de doutoramento não editada, Universidade Aberta, Portugal).

Silva, S. (2003). *Realidade Museológica no Arquipélago da Madeira – da génese à actualidade*. (Dissertação de Mestrado não editada, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal).

Taylor-Leech, K. J. (2012). Language choice as an index of identity: linguistic landscape in Dili, Timor-Leste. *International Journal of Multilingualism*, 9(1), 15–34. <https://doi.org/10.1080/14790718.2011.583654>

Teixeira, V. (2009). *Entre a Madeira e as Antilhas: a emigração para a Ilha de Trindade: século XIX*. (Dissertação de Mestrado não editada, Universidade da Madeira, Portugal). <http://hdl.handle.net/10400.13/324>

Vandenbroucke, M. (2014). Language visibility, functionality and meaning across

various TimeSpace scales in Brussels' multilingual landscapes. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 36(2), 163–181.
<https://doi.org/10.1080/01434632.2014.909442>

Vieira, A. (1998). Dados para a História da alimentação na Madeira, *Folclore Funchal*, pp. 34-36.

Vieira, A. (2018). *Da Madeira a Cape Town, República da África do Sul*. Cadernos de divulgação do CEHA. Projeto “Memória-Nona Ilha”/SRTC/DRC, N.º 09.

Williamson, A. (1962). *The Cabot Voyages and Bristol Discovery under Henry VII*. Cambridge, Hakluyt Society at the University Press.

WEBGRAFIA

A MADEIRA DOS REFUGIADOS BRITÂNICOS. (2020, Setembro 25). NewMen. <https://newmen.pt/a-madeira-dos-refugiados-britanicos/>

Borges, A. (n.d.). *Erradicar o Português: ponto de situação*. Observador. Retirado a 20 de janeiro, 2021, from https://observador.pt/opiniao/erradicar-o-portugues-ponto-de-situacao/?fbclid=IwAR306-nNM5ktYybUSHO2EPhlFUwwc_AbzLrMn6F67pvqGEPnzR2A-I6wZBw

Botica Inglesa: uma história feita de alquimia e paixão. Funchal Notícias. (2015, Setembro 24). Funchal Notícias. <https://funchalnoticias.net/2015/09/24/botica-inglesa-uma-historia-feita-de-alquimia-e-paixao/>

Cipriano, R. (n.d.). *Bueda nice ou ganda fail? Os jovens mudam a língua e sabem o que estão a fazer*. Observador. <https://observador.pt/2015/08/15/estaraos-jovens-mudar-forma-falamos/>

Cova, G. (n.d.). *Gibraltinos recordam com carinho a hospitalidade dos madeirenses*. Ccmm.madeira.gov.pt. Retirado a 21 de Setembro 2021, em <https://ccmm.madeira.gov.pt/index.php/publicacoes/noticias/521-gibraltinos-recordam-com-carinho-a-hospitalidade-dos-madeirenses>.

Farmácia Luso Britânica premiada. (n.d.). DNOTICIAS.PT. Retirado a 20 e setembro de 2021, em <https://www.dnoticias.pt/2020/11/26/240419-farmacia-luso-britanica-premiada/>

Funchal, Madeira: Portal para um Portugal Quase Tropical. (10 de dezembro de 2022).

Got2Globe. <https://www.got2globe.com/editorial/funchal-madeira-portugal-quase-tropical/>

Gonçalves, S. S. (n.d.). *Funchal celebra o 80 anos da chegada dos gibraltinos à Madeira*. Diário de Notícias Madeira. Retirado a 12 de julho de 2020, em <https://www.dnoticias.pt/2020/8/11/70321-funchal-celebra-o-80-anos-da-chegada-dos-gibraltinos-a-madeira>

Guerreiro, C. (2012). *Aterrem em Portugal!: Guerra levou gibraltinos para a Madeira*. Aterrem Em Portugal! <http://aterremportugal.blogspot.com/2012/12/guerra-levou-gibraltinos-para-madeira.html>

História. (n.d.). Blandy's. Retirado a 14 de julho de 2020, em <https://www.blandys.com/pt/sobre-nos/historia/>

Junta de Freguesia de Santa Maria Maior. (2017). *História da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior*. https://jf-stamariamaior.pt/index.php?option=com_content&view=article&layout=edit&id=3

M., & Says, A. (2015, July 29). *1807: quando a Madeira pertenceu aos ingleses durante 7 anos*. VortexMag. <https://www.vortexmag.net/1807-quando-a-madeira-pertenceu-aos-ingleses-durante-7-anos/>

Madeira, I. [IgrejaPresbeterianaMadeira]. (9 de maio 2021). A 12 de Outubro de 1838, aportam à Madeira, provenientes de Glasgow, o casal Kalley, Robert e Sara, de nacionalidade Escocesa, na busca de um clima ameno e mais favorável à recuperação da enfermidade crónica de que padecia Sara. [Sobre]. Facebook. https://www.facebook.com/Igreja-Presbiteriana-da-Madeira-1652290561651315/?ref=page_internal

Portugal, R. e T. de. (n.d.). *Blandy, uma família inglesa com uma história de 200 anos no vinho*. *Blandy, Uma Família Inglesa Com Uma História de 200 Anos No Vinho*. Retrieved September 21, 2022, from https://www.rtp.pt/noticias/pais/blandy-uma-familia-inglesa-com-uma-historia-de-200-anos-no-vinho_n455309.

@NatGeoPortugal. (2018, March 5). *Novo Estudo Revela Ligação Entre Gravuras Rupestres e Linguagem Humana Primitiva*. National Geographic. <https://www.natgeo.pt/historia/2018/03/novo-estudo-revela-ligacao-entre-gravuras-rupestres-e-linguagem-humana-primitiva>.

9. Anexos

Devido ao elevado número de fotografias recolhidas, os anexos encontram-se em suporte digital devidamente agrupados por área de recolha.